- Camilo Castelo Branco -

A Bruxa do Monte Córdova

A BRUXA DO MONTE CÓRDOVA

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

PRIMEIRA PARTE

A MOCIDADE DE UM HOMEM

CAPÍTULO I

ANGÉLICA

O capitão-mor de cabeceiras de basto morria por ela. Dois frades bentos de S. Miguel de refojos andavam como energúmenos desde que a lobrigaram na sua igreja.

O juiz ordinário, o alferes de milícias, o juiz dos órfãos, o escrivão das sisas, o boticário e o mestre-escola farejavam-na, tanto à inveja, que a rapariga, quando eles, um por cada vez, se lhe faziam encontradiços, resmoneava, formando com os dedos uma figa oculta:

— Eu tarrenego, diabo! E apertava o passo com os olhos no chão e o credo na boca. Desculpemo-los sem exceção dos frades. Pobres rapazes!, nenhum ainda tinha vinte e seis anos. Espadaúdos, vermelhaços, beiços grossos e rosados, narizes de água, sadios como duas montanhas! ... Frades, sem fé, sem esperança, sem caridade!

Desculpemo-los todos; que a culpa não na tinham eles nem ela.

A culpa era o fomes peccati, a "isca do pecado ", boas palavras com que os santos padres explicam uma coisa simplíssima que os rouxinóis dizem em regorjeados trilos, e os poetas em madrigais de esmadrigadas cantilenas, e os outros indivíduos todos, ao seu modo, desde o urro atroador do leão hircano até ao guincho estridente da água do hermínio.

Angélica Florinda era a tentação, dos homens e dos anjos, inclusos os seres intermédios do género humano e dos serafins: os frades.

Alta, reforçada, nalgas e espáduas boleadas, breve cintura separando os tumentes seios das ancas maciças e rotundas, cabelos em ondas lustrosas de azeviche, as sobrancelhas cerradas e indistintas, olhos pestanudos e piscos, dentes de imaculado esmalte, o beiço superior orlado de um debrum penugento, e o inferior carnoso, cor de cravelina. A tez sobre o moreno, com a sua zona rosada em cada face. A forma do rosto oblonga, testa escantuda, barba tirante a redonda e fendida a meio levemente no lóbulo.

Eu não sei se este debuxo dá a perceber os mais donairosos, engraçados e louçãos dezassete anos de rapariga do concelho de cabeceiras de basto!

S. Pedro de Alvite era a freguesia dela. Tinha Angélica pai e mãe, lavradores medianos, conhecidos pelo assento da sua casa no cabeço de um oiteirinho. Daí vinha chamarem-lhes: os do picoto; ou então, ao pai o Joaquim da teresa, e à mãe a teresa do Joaquim. Tem certa poesia este recíproco senhorio dos nomes entre marido e mulher, lá nas aldeias, onde nomes e almas, tanto monta, são bem e invejavelmente uma só alma e nome.

A filha, seis léguas em volta, era conhecida pela Angélica do picoto.

Dizia o tio Joaquim da teresa que a sua filha não casava com algum dos lavradores que lha tinham pedido, porque um tio materno, estabelecido em Pernambuco, a vira, quando veio à terra, tendo doze anos a rapariga, e prometera vir casar com a sobrinha, assim que ela perfizesse os dezanove.

Este almejado tio, no dizer do cunhado, media o dinheiro aos alqueires, tinha três navios e duzentos pretos. Em prova do que, havia já mandado à sobrinha um caixão de caju, pitanga e goiabada, gulosinas que os velhos apresigavam com broa, pesarosos, ao que parecia, de não poderem apresigar também um papagaio e um sagui, bichos que distraíam Angélica do trabalho.

O casamento apalavrado era notório, e mesmo assim os casquilhos do concelho e os lavradores solteiros não desistiam de enviar-se à esposa prometida do brasileiro.

— Se ela não estivesse ajustada com o tio-dizia o pai — quem na levava era o Barnabé da botica. Aquilo é que é modo de vida! Com um gigo de ervas e seis garrafões de água da fonte arranja caroço daquela casta! Anda aí o escrivão das sisas atrás da rapariga: também não é mau modo de vida, escrivão; mas eu ladrões cá na minha família não nos admito. O mestre-escola é bom sujeito e devo-lhe obrigações porque me ensinou a fazer bem ou mal uns garatujos para não assinar de cruz; e ensinou a rapariga também; mas tanto lhe faz saber ler como não: o pobre homem não tem tábua sua onde caia, se não for na cadeia...

Andam estes badamecos a rentarem-me à rapariga e não se acabam de desenganar! Deus traga depressa meu cunhado a ver se ma deixam; que ela, a respeito de juízo, é até onde pode chegar! Quando algum fidalgote lhe diz praqui pracolá, a rapariga, moita! Vocês bem sabem que ela não vai a espadeladas nem festas de ninguém. Romarias é lá uma ano a ano. O seu regalo é ir às festas de igreja do mosteiro. Isso vai a todas, e raro é o mês que lá não se confessa...

Estava mal informado o tio Joaquim da teresa, no artigo confissão. Angélica Florinda não exercitava tão louváveis espiritualidades. Às festas ia; mas, fora da quaresma e jubileus, a rapariga parece que andava armazenando fazenda pecaminosa que assoalhasse no confessionário.

Angélica do picoto, imitante a qualquer donzela das que pisam tapetes e têm segredos com a lua, sentia no íntimo peito uma tristeza alegre e uma alegria triste, um bem de que padecia e um mal que a consolava, enfim, um mal que a recreava e um bem que a afligia: tudo isto cifra na saudade, como S. Bernardo a definiu, e depois do santo muitos à semelhança dele, salvante a santidade.

A saudade de Angélica tinha sete anos de coração, enraizara-se, era dor sem esperança de remédio.

Quem no diria, vendo-a florir, nutrir, folgar honestamente? Pois violentava-se a jovem. A natureza aformosentava-a, de força e contra vontade dela; as cores salubérrimas eram dotes da juvenil matéria que não tinha satisfações que dar à alma; folgava-se com as suas amigas, cantando o S. João ou outras cantilenas assim místicas, é que a briosa rapariga forcejava por esconder a sua mágoa dos outros e de si, delindo-a da lembrança.

A saudade, pois, de Angélica Florinda devia de ser ruim, que assim lhe dava pejo de que lha soubessem. Ai!, se era!

Ainda que deus lha perdoasse, e mandasse anjos a publicar na terra o indulto da pecadora, o mundo não lhe perdoaria.

Porque ela, a querida do juiz ordinário, do alferes de milícias, do juiz dos órfãos, do boticário, do capitão-mor, do escrivão das sisas, do mestre-escola... Amava... Um frade bento!

Mas este frade não era algum dos dois que andavam perdidos por ela.

Era um terceiro frade de S. Miguel de refojos. Três! Que muito, se seria natural amá-la o convento todo! Amá-la toda a congregação de S. Bento! Amarem-na S. Pacómio, S. António abade, S. Jerónimo, o escarnado velho que vencia a custo as voluptuárias lembranças das romanas!

Aquilo era mulher de prova! Não conhecia o diabo semelhante tipo, quando o senhor lhe permitiu atanazar o inquebrantável job. Era mostrar-lhe a rapariga... E dispensá-lo da lepra. Era dar-lhe umas comichões de alma que não se coçam com telha, o diabo, além de mau, é tolo, e às vezes "velho parvo", camões, o sábio d. Francisco Manuel de meio, e primeiro que ele António de sousa de macedo, e mais antigo Isidoro de barreira, e mais ainda Manuel Severim de faria, e mais velho que todos Duarte nunes de leão. Parei neste, prometendo esquadrinhar quem ensinou Duarte nunes. Ultimamente encontrei S. Bernardo. Mais tarde, se deus quiser, direi onde o santo abade da Claravai achou a galantaria, que se me antolha ser antediluviana.

Como lhe chama frei João de ceita. Anda tanta gente a querer perder-se e infernar-se com as mulheres de certo

feitio, e o parvo a dormir, e elas a fugirem da tentação! Entendam-no lá!

Há uma só explicação que o salva e abona; e é que modernamente os vícios são tantos, em comparação dos antigos, que hoje em dia alguns dão mais trabalho a conseguir que propriamente as virtudes opostas. Conservando-se satanás neutral, a honestidade é a mais barata das granjearias.

Bem no dizem os filósofos: a mulher emancipou-se. A formosa, creio que sim. As outras, duvido.

Figura-se-me que ainda colabora com elas coisa de tentação que as ala ao fastígio donde formosas e feias se despenham. O discrime está em que umas avoejam lá com asas do céu, outras vão de gatinhas ou às cavaleiras do diabo.

CAPÍTULO II

O FRADE

Tomás de Aquino, filho de gente afidalgada de basto, e vizinho dos da casa do picoto, era a saudade infantil e o amor do coração adulto de Angélica.

A jovem aos dez anos tinha parecenças dos quinze, formas de mulher perfeitamente acabadas.

Tomás gracejava com ela sem resguardo dos seus pais, que eram padrinhos da galante pequena. Procurava-a nas devesas onde ela pascentava o gado, sentava-se à sua beira, sem testemunhas, e não sabia gracejar. Quedava-se sisudo ou silencioso.

Era a poesia em osso. Às vezes inclinava-se sobre o braço direito, meio deitado no relvado, a olhar pelas quebradas e cabeços das montanhas. Angélica parava de torcer o fiado e seguia os olhos dele.

Ao pardejar da tarde, despediam-se tristes; e ao outro dia encontravam-se como amantes desafogados de longas saudades.

Estava destinado ao mosteiro o filho segundo. Chegou o tempo de noviciar. Não se despediu dela; que não pôde.

Aqueles inocentes afetos ninguém os suspeitou. Prometiam acabar na obscuridade do seu nascimento.

Noviciou Tomás em Tibães. Findo o ano, professou e chamou-se frei Tomás de S. Plácido. De Tibães transferiu-se para S. Miguel de refojos a estudar humanidades.

O frade era taciturno, triste, pouco estudioso; todavia não se estremava dos seus companheiros em matéria de letras. Naquele tempo, 1828 provavelmente, os monges velhos pressagiavam destroço na casa do senhor, e os novos tinham O ouvido colado à terra para escutar o soturno remugir da cratera.

Frei Tomás escutava e dizia aos da sua idade: — felizes os que nasceram há vinte anos, e gemem cativos nestes cárceres do falso deus. Felizes porque eles serão livres pela liberdade, filha do deus verdadeiro, o qual, há dezanove

séculos, mandou à terra um filho plantá-la. A árvore fez-se cruz.

Foi porque a liberdade, antes de bater a estas portas, tinha de chorar milhões de vítimas crucificadas. Dezanove séculos de lágrimas... Era tempo...

Um dos frades novos delatou estas blasfémias ao prelado. Tomás foi repreendido e ameaçado de maior pena.

Desde então, o colegial filosofou em silêncio, e odiou os velhos e os novos.

Dois amigos tinha ele: um era um donato, despenseiro do convento. Chamavam-lhe frei João do socorro. Vestira a túnica de saragoça e escapulário de estamenha no mosteiro de refojos para assim viver e acabar sob as telhas em que vivia frei Tomás, o menino que ele vira nascer. O sexagenário frei João servira cinquenta anos os avós e pais do monge (*).

[(*) os donatos ou leigos eram admitidos sem luz alguma de estudo. Alguns nem ler sabiam; e, pelo muito, o convento lhes concedia aprenderem isso e nada mais, salvo algum ofício prestadio à comunidade. Era-lhes defesa com pesadas penas o ingresso na cela dos monges, excetuado o caso de serem mandados servir algum frade provecto. Sujeito que tivesse compadres no mundo, ou

houvesse prometido casamento, era, pelas constituições da ordem, impedido de ser donato. Corria-lhes obrigação de se confessarem semanalmente. Rezavam muito, e por conta, uma hora antes de amanhecer, e jejuavam, como era costume na ordem, higienicamente para não acumular indigestões. A cama, se a não tinham melhor da que a regra lha dava. Não há para que lha invejemos: era um enxergão de palha e três mantas, e "durmarn", diz a const., "com um escapulário pequeno cingido". Parece que os frades costumavam matraquear com chacotas estes pobres alvares; visto que a regra manda castigar os monges "que lhes chamarem nomes e os escandalizarem ". Vej. Constitutiones monachorum nigrorum, 1629, e consi. Da ordem de S. Bento, 1590. Nota do Autor]

Do outro amigo, falaremos ao diante. Frei João violaria a regra, se a relaxação da disciplina monástica o não dispensasse de engenhar traças de encontrar-se a miúdo com o seu Tomás. O prelado não lhe ia à mão, atentas as raras virtudes de despenseiro económico e fiei que o donato exercitava.

O velho via o abafado choro do rapaz e confrangia-se. Falava-lhe em céu, em paciência, em sacrifício. O frade agastava-se. Saía o donato com os olhos húmidos, e valia-se do patriarca S. Bento, pedindo-lhe que reduzisse o seu menino à conformidade e amor do hábito.

Frei Tomás de S. Plácido viu um dia Angélica na igreja. Estava ele no coro e ela ajoelhada no altar da nossa senhora. Reconheceram-se. O frade saiu do coro e Angélica ficou orando.

Passados minutos voltou ele e já a não viu. A comovida jovem tinha saído lavada em lágrimas. As vizinhas que a viram passar de rosto baixo no adro ficaram dizendo que a Angélica do picoto dava em beata.

Recolheu-se frei Tomás à cela. Entrou-se de angústias de outra condição mais brava. Dantes reconcentrava-se, padecia, pelejava consigo mesmo, e saía do seu recolhimento com aspeito sereno e resignado por algumas horas. A dor nova era um desesperado desassossego, um abafar, uma constrição que o atirava da cadeira ao leito, do leito à janela, aspirando a sorvos o ar que lhe escaldava o sangue.

O leigo encontrou-o assim nestes transportes de insano. Lançou-se a ele com impetuosa ternura. Rogou, chorou, arrancou-lhe o segredo.

— Vi Angélica! — soluçou o frade. — vi-a... E hei de morrer sem tomar a vê-la!

Frei João do socorro não se espantou. A inocente amizade do estudante à afilhada do seu amo bem na tinha ele suspeitado. Aquela tristeza do noviço em Tibães, onde o servo ia todos os meses, e perguntar-lhe ele se Angélica ainda lá ia por casa, se o tio brasileiro ainda estava na terra, e outras curiosidades, confirmavam-lhe a desconfiança. Falar-lhe nela, bem o faria o leigo, se escrúpulos o não amordaçassem. Contra a paixão pecaminosa do amortalhado rapaz não ousava também frei João invetivar. Seria sarjar-lhe a chaga sem a certeza de cicatrizar o que o tempo não tinha conseguido.

Andava o consternado velho agora indeciso entre calar-se e consolá-lo. O silêncio não prestava algum beneficio ao seu querido amo; ora, a consolação, como o frade a carecia, encontrava o ânimo religioso do leigo.

Neste meio tempo, Angélica voltou à igreja do mosteiro e frei Tomás de S. Plácido tomou a vê-la. Deteve-se já imóvel a contemplá-la. Não fugiu à tentação: alheou de si a consciência de monge, e fitou-lhe uns olhos amorosos,

orvalhados de doce alegria como se fora homem, e dentro do peito sentisse alguma coisa mais sagrada que o hábito exterior.

A rapariga, depois que rezou à virgem da sua devoção, sentou-se à espera da missa. A espaços relançava ao coro a vista com o recato e a modo de assustada. reparou de que a observavam de lá. Reconheceu frei Tomás algum tanto afastado de dois monges que também a lobrigavam por entre o gradeado de madeira. Temia-se destes, receosa de que a espiassem. E frei Tomás, também, se eles o observavam de soslaio, voltava o rosto para não dar suspeitas.

Estes frades, guinando com os olhos entre a guapa rapariga e Tomás de S. Plácido, segredavam e sorriam, como se houvessem dado no disfarce dos dois, o discreto monge, desconfiando que os seus espiões o delatassem, como já tinham feito das expressões blasfemas arguidas pelo dom abade, saiu do coro e foi espreitar de outra galeria a jovem.

Tinha o frade imã que norteava os olhos de Angélica. Lá o enxergou através do rótulo da galeria. Como ela o conheceu! O amor é, além de tudo que está dito, uma coisa

que falta dizer: é um telescópio. A saudade dos entes mortos alcança ainda mais pelo infinito dentro. Vêem-se as almas na via láctea: diferençam-se as asas brancas de um querubim da lumieira alvacenta das miríades de estrelas. Dizem-no os poetas. Vem a prosa e desdenha, matraqueando, estes tresvalios da ótica. Que sabe — mos nós, raça de aleijados, disso que poetas sabem e veem?! O cego que negasse a formosura de uma veiga de boninas e a copa de uma floresta banhada de luar far-nos-ia dó. A cegueira do coração não deixa ver senão o que a ciência infere e a mão apalpa. Dizem por aí "coração morto": não está morto; está cego. Eu, quando leio dante ou swedenborg, lastimo-me: não veio, não os entendo; e, todavia, creio. Fé em deus e fé nos poetas que são, uma ou duas primaveras da sua vida, emanações puras de deus. Fé, sem esperança de comungar com eles na mesa eucarística do seu divino pão. Injuriemo-los, se nos rói a inveja; admoestemo-los porque nos atiram flores ao nosso lameiral; apupem-se os pálidos videntes que nos esfolham as suas rosas do céu e tecem dos nossos espinhos a sua grinalda; vá!, que é próprio da nossa reles condição. Façamos camaradagem com os dois frades que estavam do

canto do coro a espreitar, a cochichar e a rir de frei Tomás de S. Plácido, bem que o monge não dissesse as suas estrofes senão a deus.

As harmonias do órgão faziam consonância às da sua romântica mandora. Se não fosse o rouquejar de algum frade gosmento, cuja garganta faria fugir santa cecília do céu, frei Tomás de S. Plácido trataria que na fumosidade dos incensos iam evoladas duas almas pelo alto caminho da glória, a buscarem-se no foco luminoso donde tinham caído. Sem embargo dos catarrosos cantores, três horas de sonho, de poesia, de luz passaram rápidas na arroubada contemplação do frade.

Angélica Florinda foi a última mulher que saiu da igreja. Frei Tomás também então saiu da galeria. Caminhava, como se o espertassem do primeiro sono, ao longo do dormitório. Per~ passou pelo dom abade sem parar nem inclinar-se na reverente postura das constituições. Isto feriu o espírito disciplinar do prelado e foi discutido na residência abacial.

CAPÍTULO III

OS ESPIÕES

Os dois frades colegiais, que andavam sempre malsinando frei Tomás, eram pontualmente os mesmos espiões do coro. Um chamava-se frei Joaquim do sepulcro e o outro frei António do vale. O primeiro era sobrinho do abade: bajulavam-no todos em lisonja do tio. O segundo era filho bastardo do marquês de ponte do lima: acatavam-no com respeito do sangue, e honra que adivinha de tal sujeito à congregação beneditina. Irmanavam-se os dois a primor de bestas consumadas. Andavam como presos e ajoujados pelo tamanho das orelhas. Não se apartavam um do outro senão à hora em que o preceito mandava cada frade ao seu cubículo. De dia, raro iam ao refeitório. Tinham eles guloseimas nas celas, onde, derrogadas as constituições da ordem, faziam manjedoura comum.

Frei António do vale, filho de uma fidalga da vila da barca, recebia semanalmente da sua mãe uma canastra recheada

de garrafas de ótimo douro, de fiambre de Melgaço, de frigideiras bracarenses, de lampreias e salmões de viana no tempo, de todas as famigeradas comezainas de cada terra. O dom abade aquinhoava destas lambarices e mandava a sua paternal bênção à mãe de frei António.

Bem é de entender quanto poderiam com o prelado as insinuações dos dois inimigos de frei Tomás. A origem destas desavenças deram-na eles, acusando-o de ímpio e profeta da ruína dos mosteiros. Depois, foi frei Tomás que lhes acendeu a raiva, desprezando-os. Por derradeiro, acerbara-lhes o ódio o aparecimento de Angélica, o sentirem-se ambos cativos da estranha lindeza da rapariga, e o verem que ela, à saída da igreja, estivera no adro conversando com o frade leigo, antigo criado e amigo de frei Tomás de S. Plácido.

Com efeito, frei João do socorro, tendo na mente empecer ao progresso da paixão do seu amo, achegou-se de Angélica e brandamente lhe pediu que não viesse às festividades do mosteiro, se não queria mortificar o pobrezinho de frei Tomás.

Angélica não se fez de novas nem fingiu espantos. Desatou a chorar, escondendo o rosto nas pontas do lenço de seda. Palavras nem uma nem duas. Ficou entalada, e estugou o passo a fugir dos olhares de muita gente que via o lanço de avizinhar-se dela o donato.

Recebeu logo o dom abade dois avisos a um tempo; a saber: que uma bela jovem de S. Pedro de Alvite estivera em colóquio amoroso de olhos com o colegial frei Tomás de S. Plácido; e que frei João leigo estivera no terreiro conversando com ela.

Foi o donato chamado à cela do abade e mandado, em virtude de santa obediência, declarar o que tinha que dizer à rapariga. Frei João expendeu com lisura de bom homem o que dissera e o fim para quê. Referiu o amor infantil de frei Tomás à rapariga, e as saudades que o entristeciam e lhe amarguravam a vida claustral.

O prelado absolveu e elogiou o leigo, recomendando-lhe que aconselhasse o filho dos seus amos a não dar escândalo na casa e a ser bem criado com os seus superiores e companheiros, se não queria ir mudado para travanca ou S.

Romão de Neiva, onde se amaciavam as asperezas dos indóceis.

O leigo, com os olhos turvos de lágrimas, entrou no cubículo de frei Tomás. Encontrou-o no leito, de bruços, com o rosto sobre o travesseiro e as mãos enclavinhadas no alto da cabeça. Chamou-o do umbral da porta. O frade sentou-se de golpe e disse:

— Entre, frei João. Estava ansioso pela sua vinda. Falou com Angélica... Eu vi... Que lhe disse?

— Que não voltasse à nossa igreja — respondeu austeramente o leigo.

— Porquê?! — acudiu o frade. — que interesse tem frei João que ela aqui não venha?! Isso é uma crueldade estúpida! ... Fez bem! ... Agora... Saia daqui... E deixe-me! ... Que amigo!. .. Restava-me confiança neste homem que me viu nascer... Até ele se bandeou do lado da minha desgraça! ... Pois que mal lhe fazia que Angélica viesse à igreja? ... Responda!

— O mal não mo fazia a mim... A vossa paternidade muito grande... — respondeu o leigo. — se não fosse ela, o

meu amo estava manso e quieto na casa de deus.

— Não lhe admito reflexões parvas! — interrompeu desabrido o colegial. — vá pensar nas suas obrigações, e faça de conta que me não conhece mais que aos outros frades...

— Senhor frei Tomás... — tomou choroso e humilde o irmão leigo.

— Apre! — exclamou o monge esmurraçando a banqueta. — aqui nesta casa não há senão hipocrisia, ferocidade e estupidez! Casa de deus... Isto! Fora com a blasfémia! Vejam este homem que se meteu leigo para me ser útil e consolar-me nesta vida cruel! Todos a flagelar-me... E ele mais que nenhum! Ninguém se atreveu à violência de mandar Angélica não voltar à igreja! Foi este meu particular amigo quem tomou à sua conta executar o tormento que ainda me faltava, sabendo quanto eu era menos desgraçado somente porque a via! Que perversa caridade foi essa sua, homem! — continuou frei Tomás trejeitando desabridamente. — quem o mandou pregar moral à rapariga?!

— Ninguém, senhor frei Tomás... Fui eu, por pensar que fazia bem cortar a tempo a desgraça... — respondeu o leigo, com respeitosa brandura. — e deus tenha misericórdia da vossa paternidade, se o cobro que eu quis pôr na sua paixão não remediar o mal...

— Que mal? — atalhou iracundo o monge. — faltei às obrigações de frade? Apostatei ou fugi da religião? Escandalizei algum destes santos que trazem deus na boca e o demónio do ódio no coração?

— Fale baixo, pelo divino amor de deus! — acudiu o leigo, achegando-lhe dos lábios a mão trémula. — fale baixo, senhor frei Tomás; que na casa do senhor dom abade repete-se tudo que a vossa paternidade diz...

— Que me faz isso?... — insistiu o desvariado rapaz. — pois, se me ouvem, que me respondam, já que você não sabe o que há — de responder! Digam-me em que tenho ofendido as constituições da ordem? Digam-me que fiz eu para andar aqui feito pela atirada dos hipócritas para os idiotas, e dos devassos para os virtuosos que os protegem? Quero saber isto! Quero que me expliquem os privilégios de frei Joaquim do sepulcro e de frei António do vale. Porque

têm eles banquete na sua cela, dispensa do coro e licenças frequentes de ir a ares? Os espiões são assim galardoados na casa do senhor? Então vistam-me cá também a libré dos servos de satanás, e corram os ferrolhos deste cárcere que me quero ir lá fora penitenciar com o sobrinho do abade e com o filho do marquês de...

— Oh, senhor... — suspendeu o leigo afligidíssimo. — quer-se perder!, quer-se perder! ... Misericórdia, meu deus!

— Perdido estou! — bradou o frade — , perdido para esta vida e para a outra! São dois infernos que eu ganhei sem ter merecido nenhum! É isto o que os meus païs me deram com a existência! ... Se não era mais de agradecer que me estrangulassem no berço! Era eu de mais para viver na casa onde nasci? Matassem-me, como se faz aos cachorros, quando a mãe não pode sustentá-los todos! Estão aqui abertas estas voragens para engolirem os repulsos, os enjeitados do abrigo dos seus pais. Não é mais que vestir-lhes uma mortalha e dizer: "morrei para aí, envelhecei aos vinte anos; saia-vos o coração pelos olhos desfeito em lágrimas de sangue; amordaçai-vos, porque deus não quer vítimas que gritem; se tendes fogo na

cabeça, atirai com ela à peanha da cruz que é de rocha glacial... Morrei para aí... Enquanto vossos irmãos gozam muita vida, a sua, a da esposa, a dos filhos!, morrei para aí, vós, condenados por deus que vos fez nascer depois dos vossos irmãos! " a voz do frade subia ao compasso da ira. Aos corredores dos dormitórios ia já saindo das celas a fradaria espantada, afilando a orelha ao ponto donde soava a toada trágica de frei Tomás de S. Plácido. O leigo assomara também a cabeça a espreitar as barandas da claustra; e, como visse já os monges em grupos, retrocedeu espavorido, pôs-se em joelhos diante do alucinado colegial e murmurou:

— Menino do meu coração, ouça-me pelas cinco chagas de jesus cristo! Não diga mais palavra, que eu lhe prometo que Angélica há de voltar à igreja, tantas vezes quantas vossa paternidade quiser. Vou eu mesmo falar com ela, se for necessário. Estou pronto para tudo, quer a minha consciência escrupulize, quer não! ...

Frei Tomás levantou nos braços o ancião, estreitou-o ao seio comovido e balbuciou:

— Perdoe-me, por quem é, frei João! Vossemecê não pode entender o amor que eu tenho à pobre Angélica...

— Fale baixo que está ali fora gente... — interrompeu pressurosamente o leigo.

Tomás, levado da sua raiva aos escutadores, chegou ao limiar da cela, alongou a vista coriscante na extensão do dormitório, e viu que os espias mais convizinhos eram frei António do vale e frei Joaquim do sepulcro. Ia transpor o umbral com desatinado propósito, quando o leigo o teve pelo hábito e tirou dentro a repuxões.

Frei Joaquim, o filho do marquês, voltou-se galhofeiro para o seu amigo e disse:

— Não te pareceu, vale, que ele fez um gesto de remessar-se contra nós?!

— E cá o tínhamos, se o não puxam de dentro!... — confirmou frei António.

— Oh!, que fanfarrão! — gargalhou o frade fidalgo esfregando as costas da mão esquerda com a palma da outra. — então o homem é pimpão, pelos modos! ... Quem me dera amansar um daqueles touros! ...

Frei Tomás escutava e ouviu a chacota, sem embargo das engenhosas diversões com que o leigo intentava levá-lo ao fundo da cela.

Tremia o monge com os cabelos arriçados, e frei João retinha-o em apertado abraço.

Os outros no entanto saíram do dormitório, casquinando, e entraram à cela do dom abade, compondo os rostos hipocritamente.

CAPÍTULO IV

PERSEGUIÇÃO

Frei Tomás foi chamado à presença do prelado. — que algazarra é essa na sua cela?-trovejou o abade. — esta casa é mosteiro ou taverna? A comunidade supôs que o senhor frei Tomás estava estudando papel de tragédia. Que declamações eram aquelas, senhor!?

— Queixava-me da minha má fortuna, nosso padre reverendíssimo — respondeu humilde o colegial.

— Queixava-se? — replicou o abade. — e eu também me queixo da sua douda cabeça e má educação, senhor frei Tomás! A boa fortuna, que a vossa paternidade queria, bem na sabe o convento escandalizado... Pois tenha paciência. As janelas desta casa não são mirantes de enamorados: percebeu, senhor frade beneditino?... Calo-me por vergonha minha e sua... Outra coisa: o senhor frei Tomás

fez uns rompantes ameaçadores contra alguns companheiros seus?

— Quis perguntar-lhes com que direito me espiam. — e com que direito ia vossa paternidade interrogá-los? — com o direito do meu pundonor. — qual pundonor? — bramiu o prelado, levantando-se inteiriço e vermelho de santa ira. — aqui, a serpe da soberba, disfarçada em pundonor, decepa-se com a espada da obediência. Leia a regra de são bento, já que bazofeia de tão letrado, senhor frei Tomás... Numa palavra: valentões cá não nos consinto. Se as forças lhe pedem folia, vá abatê-las no trabalho agrícola: tem muito onde as exercite aí na cerca do mosteiro. Esta é a segunda admoestação caritativa. Não se fie na minha paciência, senhor! A terceira, não darei também o escândalo da minha tolerância...

— Permitia vossa reverendíssima — disse o frade serenamente — que eu leve a nota das culpas em que incorri para me saber emendar.

— A ignorância, se não fosse fingida, seria bruta, senhor frei Tomás. As suas culpas são das que andam numeradas nos sete pecados capitais.

— Oh, senhor dom abade... — atalhou o colegial com irónico espanto.

— E ri-se?! — acudiu o prelado rijamente. — pois este seu desprezar os seus condiscípulos que é, se não soberba?

— É apenas acautelar-me das péssimas manhas deles, desde que me vieram acusar de ateu e impio à presença da vossa reverendíssima.

— E o senhor colegial que queria? Catequizá-los com as suas doutrinas revolucionárias?

— Não, senhor: queria expender os meus erros a fim de que mos corrigissem caridosamente; não, porém, erros em matéria de fé ou disciplina; que não dei azo a que me taxassem de ímpio ou indisciplinado. Se errei, foi meramente em política e governo.

— Que tem o senhor frei Tomás com políticas e governos? — obstou o abade. — que anda aqui o estudante de filosofia a pespontar de repúblico, assim a modo de reformador do mundo? Vossa paternidade não sabe que os revolucionários do porto são os pedreiros-livres?, os

jacobinos?, os inimigos de deus e do rei?, do trono e do altar? Responda a isto!

— Em frança, onde os jacobinos se geraram, há deus, há rei, altar e trono-replicou brandamente o colegial, amenizando a contradita com o tom doce das palavras.

— Que vem a dizer na sua? — que a mudança nas instituições humanas não pode abalar as virtudes da terra, e ainda menos as coisas divinas. Penso que um zelo indiscreto faz deus mais pequeno do que ele é.

— Zelo indiscreto o meu?-bradou o prelado crescendo para o frade. — a sua audácia é singular! Retire-se à sua cela, donde não sairá sem minha ordem.

Frei Tomás de S. Plácido fez profunda reverência e saiu.

O abade limpava as camarinhas do suor. Que o frade colegial afrontasse deus, rei e altar, ainda vá, atrever-se porém a matraquear a discrição do prelado, estorcegando-lhe a unhadas de ironia o amor-próprio, era essa uma injúria imemorial, inédita e sobre-horrenda no cenóbio de S. Miguel de refojos.

Corridas duas horas, foi o colegial intimado para ir ao refeitório, depois que a comunidade tivesse saído da mesa.

Frei Tomás respondeu que muito deveras agradecia ao seu prelado o favor de o separar de semelhantes comensais. A injúria bateu na cara do convento em cheio. Todos os frades, à exceção de frei jacinto de deus, velhinho muito solitário, pediam castigo exemplar. Ninguém, salvo aquele, perdoava a injúria pelo amor de deus. A fradaria remexia-se de cela para cela, resmoneando pelos dormitórios e agrupando-se no claustro e cerca, já incitando o prelado a processar o criminoso, já conjurando-se para o acusarem de remisso ao dom abade-geral, residente no mosteiro de Tibães.

O leigo frei João ainda chegou ao limiar da casa abacial no intento de ajoelhar aos pés do prelado, exorando o perdão de frei Tomás de S. Plácido; mas faleceu-lhe o ânimo quando viu, à volta do abade, muitos dos mais venerandos monges requerendo que se instaurasse processo ao colegial injuriador dos cabelos brancos dos seus superiores e mestres. Quedou-se o leigo em pé, em frente da porta, com as mãos sobre o peito e as faces cobertas de lágrimas.

reparou dele o abade, mandou-o entrar e bradou-lhe asperamente:

— Olhe lá, frei João do socorro: quem entrar à cela de frei Tomás sem licença minha, é removido ou despedido desta casa.

— Pois, nosso padre — disse o leigo inclinado profundamente — , licença venho pedir a vossa reverendíssima para ir à cela do senhor frei Tomás.

— Não lha dou.

— Peço-a pelas chagas do nosso senhor jesus cristo volveu soluçando o leigo.

— Não lha dou! — recalcitrou o abade. — que lhe quer?

— Aconselhá-lo à obediência, nosso padre. — lá tem as constituições da ordem beneditina que o aconselhem: que as leia. Vá em paz, frei João, e... Olhe por si ...

O leigo, feita a reverente curvatura, saiu às recuadas.

CAPÍTULO V

UM AMIGO

Foi instaurado o processo. Desde a querela até à sentença condenatória, frei Tomás de S. Plácido esteve como preso no seu quarto. Condenado a seis meses de prisão, passou a cumpri-los no cárcere do mosteiro.

Não é desprezível curiosidade a indagação dos passos de uma causa-crime nos tribunais monásticos. Brevemente se nos apropositará a lanço de nos determos a examinar as peças de outro processo mais funesto para o malquisto beneditino.

Seis meses de cárcere, excetuadas as horas de coro; privação de livros, tirante o breviário e a regra do patriarca de S. Bento; solidão e incomunicabilidade; jejuns quotidianos, e confissão no primeiro domingo de cada mês: eis a sentença.

Frei Tomás começou a cumpri-la animosamente. Dizia-lhe o confessor frei jacinto de deus que se lançasse aos pés do dom abade, suplicando perdão. O frade respondia:

— Se mereço a pena, sou obrigado a levá-la até onde ma impuseram; se a não mereço, dever eu à misericórdia o que me deve a justiça, não quero.

O aspeto do preso significava conformidade, sossego e até contentamento de mártir. Quando entrava no coro, ia de rosto alto, sereno e como a transluzir a interior alegria. Inclinava-se levemente diante do prelado e mais jerarquias do mosteiro (*).

[(*) chamavam-se jerarquias, além do dom abade, o prior, o subprior, o mestre de irmãos, os professores, etc.]

Orava com aparente recolhimento, murmurava os salmos sonorosamente como se recitasse a prazer versos virgilianos, saía do coro a passo mesurado e descia ao cárcere.

Ao segundo mês de prisão, foi-lhe permitida licença de pedir alguns livros para estudo e devocionários. Frei Tomás respondeu que sabia o padre-nosso, oração composta por

jesus cristo. Que não queria outra ciência nem outra oração.

Pediu o preso licença para escrever ao seu pai. Concedeu-se-lhe condicional: a carta iria aberta à mão do prelado primeiramente. Aceitou o partido o colegial. Escreveu assim:

Meu pai, estou preso porque não sou bom frade, o cárcere não poderá corrigir os aleijões da minha índole. Serei sempre mau religioso, e nunca poderei ser bom homem. Peço-lhe que concorra para a minha saída do convento. na sua casa poderei ser um homem útil e respeitador da religião em que fui criado. Aqui, onde entrei contra vontade, lutarei sempre contra a violência; e serei, ao mesmo passo, escândalo e vítima. Jesus cristo não me quer assim, nem eu posso servi-lo dignamente. Se u filho Tomás de Aquino o dom abade leu a carta aos frades mais autorizados e pediu conselho. Acordaram em que se deixasse passar ao seu destino, acompanhada de um monge informador.

O pai de Tomás, lida a carta e ouvidas as informações, entrou num quarto, donde o frade informador saiu com esta

resposta:

Meu filho, quem não serve dignamente o senhor na sua casa, entre santos e respeitáveis ministros, também o não pode servir cá fora, entre jovens contaminados e corrompidos da podridão deste século. Sei que já lá te chegou a peste dos inimigos do altar e do trono. Choro a tua moléstia, e fio a cura da piedade de a bruxa do monte Córdova deus e misericórdia dos teus mestres. Agora mais preciso é que as suaves leis dessa venerável religião te cortem as asas, e te reduzam à cordura, ai de ti, se te deixassem voar agora, irias direito ao abismo onde o demónio leva os perdidos da tua condição. Com o meu consentimento não irás, meu filho. Essas contas não mas há de pedir nosso senhor.

Humilha-te diante do teu santo prelado, a fim de que ele te dê por acabada a justa punição das tuas faltas. Sei que o virtuoso dom abade te perdoará, depois, não recaias no pecado da soberba, que foi o que despenhou os anjos no inferno, sem mais. Recebe a minha bênção e a da tua mãe. O teu pai Simeão de Aquino lida a resposta, frei Tomás

dobrou a carta lentamente e disse ao confessor que lha levara:

— Está bem redigida. O meu pai, nesta carta, só tem o merecimento de bom copista. Quando ele me escrevia da sua lavra, as expressões eram rústicas, mas até certo ponto paternais. Neste palavrório emprestado revê a dureza hipócrita... De algum dom abade...

— Sio!-sibilou o padre confessor perfilando o indicador com o nariz.

Frei Tomás sorriu-se e murmurou: — que me importa a mim espiões? Bem sei que me escutam. A lepra deles tresanda de longe. Dou sempre fé quando as duas bestas regaladas do mosteiro se espojam por perto deste cárcere...

É de saber que frei jacinto de deus tinha dó sincero do colegial. Em confissão e fora dela, o trato íntimo com o preso afigurara-lhe uma alma, rebelde sim, todavia sem mancha nem culpa de gravidade que precisasse cauterizada por tão fundo. A rija têmpera daquele espírito pensava o refletido monge que valeria mais o jeito e a caridade a quebrar-lhe as asperezas; ao mesmo passo que

as soberbias da inteligência cumpria dobrar-lhas camilo castelo branco com armas da razão, iluminando-lhe as veredas da fé e desfazendo-lhe os argumentos colhidos nalgum livro racionalista dos que por lá estavam mal escondidos na livraria(*).

[(*) Alguns livros franceses do século XVIII tinham-se derramado pelos mosteiros beneditinos, enviados desde o Grão-Pará, pelos anos de 1760, por o bispo dom frei João de S. José queirós, frade da ordem de S. Bento. Possuímos a carta autógrafa que acompanhava a remessa ao mosteiro de S. Bento de lisboa. Honra, porém, se faça ao cauteloso bispo, que ferventemente recomenda que os livros proibidos se devem vedar aos espíritos novos e incapazes de os digerirem e remastigarem, sem dano da fé. Nota do Autor]

Estas generosas ponderações inclinaram à piedade o ânimo do velho monge, que a miúdo visitava o preso, motivando esta assistência com razões espirituais. Por amor das suas advertências é que o prelado se amaciara e pendera a dar-lhe alta da culpa, pedindo perdão na presença da comunidade ofendida. Frei jacinto de deus instava ao justo acto de humildade o colegial; e, rebatido sempre com argumentos de pundonor, não sabia decidir-se entre repreender-lhe o orgulho, e maravilhar-se tacitamente de tão desusados brios.

A compaixão gerou a estima. Frei Tomás de S. Plácido sentiu-se querido do monge mais grave do seu mosteiro. Recebia-o já com alvoroço, abraçava-o com veemente transporte, e só de ver-se olhado com amizade e dó não podia ter as lágrimas.

O ancião fechava-se com ele. Dava-lhe largas ao desabafo, atalhando-o tão-somente, se a voz alterada pelas comoções do ódio podia chegar à cela do dom abade, mediante os espiões. Debatiam placidamente em controvérsia religiosa. Frei jacinto sabia a suma de S. Tomás; o colegial saí ao combate com as vidrentas armas da sua razão. Era luta desigual; todavia tão renhida e de tão incerta vitória que não seria fácil ao auditório, se os dois o tivessem, decidir qual dos contendores denotava melhor engenho em baldear a verdade do poço. Por fim de longas e inúteis pelejas, os controversistas apartavam-se.

O frade velho saía triste; e o novo ficava, além de triste, opresso da angústia da dúvida, olhando como aterrado para o golfão da descrença, à volta do qual havia de regirar os longos anos da sua escura vida de monge.

O condoído confessor, escondendo do dom abade os sentimentos afetuosos que o aliançavam ao preso, e bem assim a censura à injusta sentença, apenas, como diretor espiritual dele, inculcava ao prelado o bom natural do rapaz, capaz de virtudes, se a malquerença lhes não secasse os embriões, assoprando na alma do colegial desestimado a chama do ódio.

Não quadrava este juízo ao parecer do prelado; todavia, o venerando confessor tinha por si meio século de bom frade e juiz previsto das consciências, não obstante a pecha de tanto ou quanto jacobino. Por amor, pois, de frei jacinto de deus é que o dom abade se descera da sua severidade e amolecera tanto que se não contentou com menos de mandar sair do cárcere frei Tomás de S. Plácido, sem ressalva de perdão pedido em joelhos, nem penitência leve em comutação da pena.

O colegial, quando um donato lhe levou a boa nova, perguntou:

— Vem para aqui algum preso incomunicável? — não senhor. — então, se não é preciso que eu ceda a casa a outro, deixem-me estar, que já me habituei a isto. Os

inimigos não descem até aqui, e folgam de me cá terem. Melhor é que nos não vejamos.

Estomagou-se o abade com o menospreço da sua indulgência. A maioria dos conventuais votava que se deixasse o insolente preso acabar a sentença, e depois fosse removido para outro mosteiro. Contraveio frei jacinto, patrocinando o colegial. Dizia ele que se acautelassem os bons religiosos de estar com demasias de justiça humana piorando a condição e génio de um mancebo que tantos inimigos granjeara com simples imprudências da sua idade.

Vociferaram os queixosos contra o velho, impedindo a continuação da defesa. Frei jacinto escutou-os com paciência de pomba e sorriso de piedosa lástima. Enfim, aplacado o falario irritado dos monges negros, o confessor, voltado ao dom abade, concluiu:

— Razão tem frei Tomás. Está mais com deus, e menos com os homens, quem se afeiçoou à solidão do seu cárcere, deploremos do coração que um cárcere seja o melhor abrigo na casa de são bento.

Frei jacinto, ao outro dia, foi mandado residir no montanhoso mosteiro de alpendorada. Frei plácido chorou, quando lhe disseram que o piedoso ancião se não despedira dele, porque o prelado assim lho ordenara sob santa obediência.

CAPÍTULO VI

A PÉROLA E LUSTRE DA CASA

Cumprida a sentença, frei Tomás de S. Plácido recebeu ordem de preparar-se para, no termo de três dias, mudar para o convento de santo tirso. O colegial respondeu que dispensava o excedente de três quartos de hora: que estava sempre preparado. Redarguiu-lhe o abade, mediante o prior, que recebesse e não glosasse as ordens. Procedia a delonga de não haver frade que quisesse, sob sua responsabilidade, acompanhar o colegial: é que receavam que ele projetasse fugir. Alvitrou o prelado que o acompanhassem dois frades. Nem assim. Em honra, porém, da comunidade de S. Miguel de refojos, é justo estremar da nota desairosa de covardia dois monges que se ofereceram, cada um per si só, a conduzir frei Tomás, com os braços inteiros ou quebrados, a santo tirso. Eram frei António do vale e frei Joaquim do sepulcro, o filho do marquês de ponte de lima. O prelado não condescendeu: um dos

valentes era seu sobrinho; o outro era a pérola e lustre da casa.

Começava a inquietar-se o dom abade, quando frei João do socorro, o leigo, se lhe foi oferecer para conduzir o filho do seu amo a qualquer parte.

— E frei João afiança-mo? — disse o prelado. — sim, nosso padre reverendíssimo; ponto é dizer o senhor frei plácido que vai.

— Veja lá, frei João! Olhe que ele, se fugir, é logo trazido aqui pela justiça, e o irmão leigo é expulso. Convém-lhe a condição?

— Sim, senhor dom abade.

— Pois vá dar-lhe parte que amanhã é a saída. Frei João, privado seis meses de conversar com o colegial, quando agora o abraçava, rompeu a represa das lágrimas e das expressões cariciativas. O rapaz consolou-se de ver o seu comovido criado; e, galhofando dos infortúnios próprios, forcejava por aquietar os transportes do velho, pasmado e consternado da magreza do seu menino.

— Sabe alguma coisa de Angélica? — perguntou ele ao ouvido do donato.

— Ai!, senhor! — murmurou frei João. — tenho muito que lhe contar... Aqui não... Amanhã pelo caminho.

— Pois que é?-atalhou impetuosamente frei Tomás.

— Falou-lhe? Ela sabia que eu estava preso?...

— Não me pergunte nada nesta casa... Eu já me tinha ido daqui, se o menino cá não estivesse... Tenho sido mortificado pelos dois senhores que tudo mandam...

— Frei António do vale e... — O filho do fidalgo... Esteve lá fora dois meses com licença... O senhor frei Joaquim chegou a querer roubar Angélica da casa dos pais com uma malta de malvados. Veja que frade! ... Amanhã, amanhã lhe contarei tudo...

Ora, como provavelmente o leigo perde a ocasião única de contar ao enraivecido colegial o rapto malogrado de Angélica, sumariemos o que foi, a fim de que a razoável curiosidade do leitor não corra os azares da de frei Tomás.

Passara assim o caso. Frei Joaquim do sepulcro fora apanhado fulminantemente pela formosura da rapariga.

Estas paixões de fateixa, se não andam muito contadas a respeito de monges negros, são sabidas, e por tanta maneira triviais, que já nos romances, correm perigo de não darem página que preste. De frades, e do efeito dos amores de afogadilho sobre eles é que nos escasseiam notícias.

O amor rebentou como postema na arca do largo peito de frei Joaquim. Qualquer outro colegial, menos afoito dos seus caprichos e menos bajulado à conta da sua origem, ou abafaria a paixão, ou com esperanças a iria alimentando até soar a hora de atirar o monstro fora do sacrílego seio. Não eram raros os abortos desta raça que saíam e devoravam à tripa-forra. O filho do marquês, porém, escaldadas as artérias de sangue velho, e por isso, à imitação do álcool, mais inflamável, pediu e obteve logo licença para ir passar uma temporada com a sua mãe, na vila da barca; mas, antes de ir a sua casa, deteve-se na vizinhança da casa do picoto, hóspede de uma família aparentada do seu pai.

Viu Angélica, de perto, mais adorável, mais estimulante. Buscou azo de encontrá-la ao alcance das mãos que se atreveram a passar maciamente nas faces da jovem. O sítio era deserto, no recosto de um pinhal, onde a pegureira vigiava o gado. Angélica, mais irada que temerosa do insulto, lançou mão da tamanquinha ferrada e prometeu cambiar com ela as carícias do frade. Sobrava em frei Joaquim amor para perdoar tamanha injúria. Queixou-se da ingratidão, desentalou-se da vergonha, suspirando, e falou tão ardentes coisas à rapariga, que uma só nos basta para entender a pujança da cobiça libidinosa do monge: prometia-lhe ele anular os votos, e casar, se ela quisesse acompanhá-lo para Espanha e de lá para Roma, onde iriam pedir dispensa ao padre santo.

Angélica escutava, fiando serenamente, a parlenda do frade. Se ele, na veemência declamatória, avançava um passo, recuava outro a rapariga, olhando de esconso sobre o calhau mais ajeitado para a defesa. Quando frei Joaquim arredondava o período com uma pergunta, tal como:

— Angélica!, meu bem!, porque me não ama, se eu quero fazê-la minha esposa?

A rapariga respondia:

— Vá-se embora, homem... Deixe-me! Ousou ele, já enfadado e vexado da resistência, ameaçá-la de nunca mais ver frei Tomás. Angélica, abraseada em cólera, olhou à volta de si e exclamou:

— Estou aqui nada a dar-lhe com uma pedra na cara. Vá-se com deus ou com o diabo, e não me apareça mais!

O monge negro balbuciou algumas palavras com afetada paciência, e retirou-se no seu trajo de taful caçador.

A vergonhosa repulsa não valeu a cicatrizar-lhe a chaga cada hora mais apostemada. Confidenciou aos parentes e sócios das suas manhas o êxito infausto da tentativa. Disseram-lhe que a rapariga era inexpugnável: o mesmo foi ervar-lhe os acicates do amor. O frade raivava; chorar não podia; que as lágrimas não se apuram de sangue empestado por desejos bestiais.

Lembraram-lhe histórias dos seus avoengos — umas histórias que as crónicas não contam: raptos, violências, escaladas às alcovas maritais, desonras chatinadas com alguns punhados de ouro pirateados na Ásia e África;

enfim, lembrou-se que era raça de abreus e limas, recheados de costelas reais.

Ia já alto o dia da civilização. Vinham tardias ao filho do marquês as memórias feudais dos seus avós: é que o estúpido frade não vira as alvoradas do século, saudadas pela revolução de 1820. Lá dentro do mosteiro era ainda noite fechada. Hipócritas, fanáticos e virtuosos tanto sabiam uns como outros da vida nova do século. Os últimos choravam de boa fé, atribuindo aos segundos a catástrofe comum. Os hipócritas, da laia de frei Joaquim, deploravam a queda do mosteiro, forte e luxuosa alcaçaria onde se acolhiam a seguro os bandoleiros, a refocilar-se das enchentes da libertinagem, na qual cada frade se reconhecia não só igual a um homem, senão a dois.

Frei Joaquim gizou um rapto, no estilo do século XII; um assalto de servos de gleba com alabardas, uma invasão ao santuário da família, o travar da rapariga chorosa, assentá-la no arção da sela, cingi-la bem aconchegada do peito, e transmontar vales e montes à desfilada. Isto, para frade beneditino, era arrojadiço, e até original nos anais monásticos da família de abreus e limas.

No qual propósito, foi para casa da sua mãe a ordenar a algara, composta de criados pimpões e façanheiros. Ao mesmo tempo, como a filha de francisco da teresa se queixasse do atrevimento do frade fidalgo, alvoroçaram-se os ânimos do boticário, do escrivão das sisas e do mestre-escola. O boticário, principalmente, que era liberal e já tinha escrito correspondências para o azemel de Guimarães, invetivou contra a desmoralização dos frades, exemplificando-a com o facto de se andar em trajes venatórios um monge bento apalpando Angélica e solicitando — a com prometimentos absurdos.

A botica constituiu-se atalaia diurna e noturna donde a honra da jovem era vigiada. Conjuraram neste zeloso conluio os três émulos, como se o defendê-la fosse proveito e honra comum de todos. O lavrador precaveu-se contra algum lanço dos que não eram raros naquelas terras, assoberbadas de paços senhoriais e dissolutos morgados. Maior medo lhe incutia o velhaco boticário a ver se o velho se resolvia a dar-lhe a filha ameaçada. Nem assim, porém. A palavra dada ao cunhado brasileiro era inquebrantável.

Os parentes do frade, vizinhos da casa do picoto, tinham prometido ajudá-lo no rapto. Um dos servos convidados para O assalto, como devesse obrigações ao boticário e lhe soubesse do afeto à rapariga, segredou-lhe o plano dos fidalgos e a noite da escalada. O farmacêutico reuniu gente animosa, e alapardou-se nas vizinhanças da casa, esperando conquistar a jovem em prémio do heroísmo com que ia pôr em perigo sua vida na defesa de Angélica.

Às nove horas de uma noite de Janeiro a jolda acaudilhada pelo frade acercou-se da casa do lavrador. Apenas apearam dos cavalos e se encaminharam para o quinteiro, o sino e a sineta da igreja paroquial tocaram a rebate ao compasso da arcabuzeria do bando do boticário, que se desemboscara do mato, em grande algazarra.

Frei Joaquim do sepulcro, aterrado da surpresa, cavalgou e deu voz de retirada aos seus, à rédea solta, por aqueles barrocais.

Ao outro dia, o filho do marquês de ponte de lima recolhia-se a S. Miguel de refojos, no intento de desmentir o boato, se acaso a nova chegasse aos ouvidos do prelado. A notícia

chegou, sem dúvida. O que não há é notícia de ser processado o frade (*).

[(*) encontro, à volta com vários papéis que pertenceram ao mosteiro de Tibães, a participação desta criminosa tentativa de frei Joaquim do sepulcro. É o capitão-mor de cabeceiras de basto que a remete ao dom abade-geral, fortalecendo-a com o depoimento do boticário e de outros lavradores convidados para rebaterem o assalto à casa do picoto. No verso do papel, está escrito: "devassou — se, e não se esclareceu nada com que se possa ou deva processar o colegial frei Joaquim do sepulcro." Nota do Autor]

CAPÍTULO VII

SE FREI JACINTO SERIA SANTO PORQUE ERA BOM

O que o leigo disse a frei Tomás de Aquino foi o suficiente para o enfurecer contra o velho inimigo. Espumava de cólera e repelava-se, exclamando:

— E hei de sair daqui sem vingar-me! ...

— Há de, meu menino, há de... — acudia o donato. — não acabe de se perder — vamos embora na paz do senhor que perdoou aos seus matadores. Ora vá tomar a bênção do prelado e receber a guia para santo tirso, que de manhãzinha lá vamos em busca de sossego e alegria. Depois de lá estarmos é que eu hei de contar-lhe tudo, se a vossa paternidade me prometer que há de ter juízo.

— Frei João pensa que eu hei de estar muitos dias no convento?! — interrompeu frei Tomás.

— Pois então?! — se me pai me não atender, rasgo o contrato de obediência... Faço o que devo fazer... Fujo!

— Foge? Jesus, maria, José! — sim, fujo; e, se tomar a vestir este hábito... Hão de vesti-lo num cadáver! ...

Frei João saiu à porta da cela a espreitar e recuou murmurando ansiosamente:

— Cale-se, cale-se, que o escutam!

— Quem?

— Eles... Os espiões... Frei Tomás, desprendendo-se a repelões dos braços do leigo, saiu ao dormitório, viu os dois colegiais, remeteu com eles e rugiu por entre o ranger dos dentes:

— Vilíssima canalha!

O filho do marquês avançou galhardamente para o provocador e disse:

— Engula a injúria, senão racho-o de meio a meio!

— Dão-se-lhe quatro biqueiras de sapato... — disse o sobrinho do dom abade galhofando do insulto.

Frei Tomás já a este tempo tinha o leigo filado ao hábito; não obstante, sacudiu-o com tal carranca e desabrimento que o velho cobrou-lhe medo e afastou-se.

Cruzou o colegial os braços e disse: — eu não engulo as verdades que cuspo na cara dos infames. — olhe que lhe corto a língua! — disse frei Joaquim do sepulcro.

— E eu vou buscar a tesoura — acrescentou frei António do vale, correndo à cela.

— Que dois miseráveis covardes! — redarguiu frei Tomás. — covarde eu! — replicou o filho do marquês, correndo também para o seu quarto.

Saíam dos cubículos respetivos os dois frades. O do vale, ou por chancear ou por intenções sanguinárias, trazia a tesoura de costura; o outro vinha com um varapau. Frei Tomás esperou-os imóvel.

— Desdiz-se? — exclamou o do pau com a pancada feita. — não me desdigo, seu biltre! — respondeu o colegial. Desceu o pau. Frei Tomás moveu a um lado a cabeça e recebeu a bordoada no ombro esquerdo. Entretanto, com a mão direita, escondida no hábito, arrancou de um punhal e

cravou-o duas vezes no peito de frei Joaquim. O sobrinho do abade gritava e fugia. O filho do marquês apalpava-se e despia o hábito.

Frei Tomás, alvo como cera e trémulo, encostara-se a um colunelo da galeria, esperando ver cair morto o ferido.

Revoluteava a fradaria como se o incêndio crepitasse nos quatro ângulos do edifício. Reboavam clamorosamente os ecos dos dormitórios. O grito espavorido era que estava agonizante frei Joaquim do sepulcro, esfaqueado por frei Tomás. Os colegiais, mandados pelo prelado, atacaram, reunidos, o criminoso que lhes não fez leve resistência. Desceram-no ao cárcere e prenderam-lhe o pé direito no olhal do cepo que monasticamente se chamava "tronco", ora, as punhaladas tinham sido benignas. O ferido não dava receios.

Dois dias depois, como a causa cabia a superior jurisdição, frei Tomás de Aquino foi enviado a Tibães escoltado por doze milicianos.

Vejamos, agora, os trâmites do processo. Tenho presente o auto de devassa e ferimento grave com efusão de sangue

entre os irmãos frades colegiais frei Joaquim do sepulcro e frei Tomás de S. Plácido. É lavrado o auto na cela do dom abade. O escrivão autoa o que o abade expõe. O estilo é como cá fora: começa o ano do nascimento, etc. Segue o auto de corpo de delito. Os peritos que examinam os ferimentos são quatro frades. Dizem que frei Joaquim do sepulcro "tem duas polegadas abaixo da primeira costela uns golpes de esfarpadela da carne por modo de buracos maiores que de verrumas, os quais buracos lançam sangue que corre pelo pescoço, porém não varam até ao coração; estas feridas mostram ter sido feitas com ferro algum tanto agudo, pelo que delas se pode conjeturar", etc. Não se pode negar idoneidade cirúrgica aos frades, em vista dos termos facultativos com que eles redigiram o exame, aquelas esfarpadelas de carne por modo de buracos maiores que verrumas não são ferimentos muito vulgares nos hospitais; o sangue a correr das costelas para o pescoço, também não é trivial: boa razão para que eu, numa coisa fútil como é a novela, dê que pensar e aprender à cirurgia militar.

Ao auto sobrevém o depoimento das testemunhas. São vinte e três. Dizem todas harmonicamente que frei Tomás

de S. Plácido apunhalou o irmão frei Joaquim do sepulcro, no propósito de o matar. Nenhuma diz que o réu foi primeiro espancado. Algumas acrescentam que o preso tem péssima índole e tendências revolucionárias, manifestadas em discursos viperinos contra o altar e o trono.

Segue-se o libelo acusatório do promotor fiscal.

Começa: diz como a. O promotor fiscal da congregação de S. Bento contra o réu o irmão frei Tomás de S. Plácido, colegial filósofo do mosteiro de refojos, por esta ou pela melhor via de direito, e sendo necessário, provará primeiro... Etc.

E termina: protesto por todo o necessário e requeiro seja retido no cárcere ad cautelam até final sentença.

Vão os autos conclusos ao geral. Manda o reverendíssimo ao réu que contrarie o libelo, sendo primeiro notificado para constituir procurador. Frei Tomás nomeia seu procurador e defensor frei jacinto de deus. O ancião desce do mosteiro de alpendorada. Dão-lhe os autos para que responda. Entra no cárcere, e sente no rosto as lágrimas ardentes do seu pobre amigo.

Frei Tomás conta-lhe o sucesso sem quebra da verdade. O monge espanta-se e lastima que as testemunhas da devassa hajam jurado falso. Soluça com o rosto entre as mãos e murmura:

— Isto vai acabar. Deus não nos quer assim. O contágio que apestou o ar saiu dos mosteiros.

Eis a defesa escrita por frei jacinto de deus:

O réu frei Tomás de S. Plácido não tem que opor ao libelo acusatório que contra ele apresenta o m. R. P. Promotor fiscal. Todos os factos nele conteúdos são substancialmente verdadeiros: outros, que lá não se encontram, basta que deus os veja. Ele réu confessa os de que é incriminado, e desiste de toda a defesa; e se tiver apelação da sentença recorrerá ao tribunal de jesus cristo.

Frei jacinto de deus — frei Tomás de S. Plácido.

Conclusos novamente os autos ao geral, saíram com a sentença seguinte:

Vistos estes autos oferecidos pelo m. R, p. Procurador fiscal, resposta do réu, etc. Mostra-se que este, esquecido da santidade do seu estado e dos deveres de crísido, pôs

mãos violentas no colégio frei Joaquim do sepulcro, fazendo-lhe com um punhal duas feridas no peito em que houve efusão de sangue, o que se prova com toda a verdade não só pelas testemunhas da devassa, mas pela publicidade do facto e pela confissão do mesmo réu, que na sua resposta dá por verdadeiros todos os crimes de que é acusado. O que tudo visto, segundo as disposições do direito comum e particular das nossas constituições, christi nomine invocato, julgamos ao réu incurso nas penas que a mesma constituição determina em semelhantes casos, e o condenamos a que o ponham com os pés no tronco até o primeiro dia de capítulo, e daí o tirarão e levarão ao capítulo diante do convento, despido da cinta para cima, deitado o escapulário sobre a carne, e dois molhos de varas à maneira de cruz diante de si, e como entrar prostre-se diante do prelado, e sendo dele repreendido, afeando-lhe seu crime e escândalo que deu assim ao convento como a quem o soube, mande a quem lhe parecer que tome um molho daquelas varas e lhe dê uma disciplina que a sinta; e dali o torna ao tronco, e comerá pão e água somente, e estará preso um ano; findo o qual, terá por cárcere as claustras altas, e se meterá na sua cela sem licença de falar

com nenhum, e andará o derradeiro no convento, e não levantará no coro salmo, nem antífona, nem dirá verso, nem terá nenhum ofício, nem voto em nenhuma eleição, enquanto o seu prelado por misericórdia lhe não levantar a pena. E mandamos que esta nossa sentença se publique em plena comunidade, e se cumpra com nela se contém, ficando guardada no arquivo da congregação até à morte do réu.

Tibães, 16 de maio de 1829 D. Abade-geral foi lida em comunidade e depois ao réu a sentença quase literalmente copiada de umas constituições publicadas em 1590, no capítulo XIV, que diz: "da pena que se há de dar aos monges fugitivos", etc.

Frei Tomás de S. Plácido escutou serenamente a sentença, e disse:

— Agravo do geral da congregação para a providência divina.

— Isso, meu filho! — acudiu frei jacinto de deus, que entrara no cárcere.

O intimador da sentença saiu. O monge deportado em alpendorada ficou.

— Que ano vai ser este da minha vida! — murmurou o sentenciado. — sei que o não levarei ao fim...

— Levarás, pobre mancebo! — atalhou frei jacinto. Apelaste para deus: de lá te há de vir bom despacho. Mandam-me sair amanhã daqui, frei Tomás. Deixo um leigo encarregado de te dizer o que no tribunal divino correr com o teu processo.

Frei Tomás encarou no velho com ar desconfiado da sanidade da sua razão. Que vinha a ser um encarregado de dizer-lhe o que passava o seu processo no tribunal divino?

Frei jacinto entendeu a confusão do preso e disse-lhe: — meu filho, não me julgues algum visionário. Se as minhas orações valerem, sairás daqui. Não pude defender-te diante do geral dos bentos; mas diante do escrutador das almas sei eu que as minhas lágrimas hão de ser eloquentes.

— Sairei daqui? — exclamou frei Tomás com alvoroço.

— Saireis todos, bons e maus, padecentes e algozes... Todos os que viveram à hora em que as cinzas dos frades

mortos em amor e temor de deus estremecerem debaixo dos pés afrontosos desta geração pestilencial. Saireis todos, e tu primeiro que todos, se deus inclinar ouvido piedoso às minhas preces. O mundo não te dará mais venturas das que te deu o claustro. Infeliz hás de sê-lo sempre, filho, porque não levas às tempestades de lá a âncora dos naufragantes — a fé. Vais nu da sagrada armadura da paciência aprendida em jesus e nos seus. A filosofia monta pouco. Ensinamento aprendido de homens é nada, é alardo vão de força de alma que um revés derruba. Há uma só filosofia: é a de cristo; e essa mesma suou sangue no horto e queixou-se do desamparo na cruz. Enfim, rapaz, abraça-me, que eu não tomarei a ver-te. Deixo-te no começo dos trabalhos. Se alguma hora pisares a claustra de alpendorada, no decurso da tua vida, diz entre ti: "estas cinzas conheci quase frias naquele frade que se finou dando razão aos revolucionários que aluíram o mosteiro. " porque eu, filho, protesto contra o teu pai que te meteu os pés nos olhais desse cepo. O teu punhal é menos criminoso que esse madeiro nas mãos do frade. Os que te condenaram, quando levantam a hóstia, erguem um pior patíbulo a jesus cristo...

CAPÍTULO VIII

FUGA

Um cronista inédito dos anais de Tibães entre 1770 e 1830, relata dois casos de fugas de frades criminosos e sentenciados a tronco. A história do primeiro não diz ao nosso particular intento; a do segundo é a notícia da fugida de frei Tomás de S. Plácido.

O frade arquivista conta em linguagem chá casos admirativos do poder do demónio, e observa que as legiões infernais saíram dos abismos, mais desenfreadas que nunca, aí por 1820. E deste desenfreamento limpamente infere frei Barnabé de santa gertrudes que é chegado o anticristo.

A tal propósito, impugna o parecer de frei Manuel homem, dominicano que, em 1643, num sucoso discurso, demonstrara que os portugueses não tinham de acompanhar o anticristo, autorizando-se com os profetas

Ezequiel e Daniel, sujeitos que tomaram à sua conta defender os portugueses de semelhante aleivosia.

Não obstante, frei Barnabé investe contra os profetas e contra o frade de S. Domingos, provando que os pedreiros — livres portugueses supliciados em 1817 e 1829 eram a guarda avançada do filho do demónio íncubo.

No tocante à filiação de cacodemo ou anticristo, Clucida o frade, a gente idiota que o presume filho de freira e frade. A mãe, segundo frei Barnabé, há de ser uma desavergonhada, a qual receberá maritalmente do demónio os espíritos generativos, torpe concúbito de que há de sair o monstro a escoucear o género humano, até que o filho de deus, saindo a cavalo do céu, desfará os esquadrões do precito; e, dardejando sobe o monte Olivete um raio, fulminará o patifão.

Insiste o esclarecido monge em esquadrinhar e provar a liga em que os sectários do anticristo andam preitejados com o diabo. Estabelecido solidamente o princípio, malsina frei Tomás de S. Plácido de sectário do anticristo e pactário de lúcifer, pai do mesmo, logrando desta arte o cronista explicar racionalmente a fuga sobrenatural do dito frade.

Refere ele, pois, que o energúmeno colegial de refojos sentenciado a um ano de cárcere e tronco, de jejuns e disciplinas, na véspera do dia de capítulo em que havia de ser chibatado, segundo a sentença, desaparecera do cárcere, sem ter saído pela porta nem pelo postigo cujos ferrolhos estavam fechados. Amplia o frade a diabólica magia da fuga, contando que um monge muito espiritual e contemplativo, estando na mesma noite, 15 de Junho de 1829, na janela do seu cubículo adorando os orbes luzentíssimos do senhor que recamavam o céu, ouvira uma pancada soturna imitante à irrupção de demónio que rompesse a casca do globo, comunicando as trevas inferiores com o mundo subsolar. Remata frei Barnabé escrevendo que ao outro dia o leigo acostumado a ministrar pão e água ao preso fora à casa do dom abade-geral dar parte de que frei Tomás não estava no cárcere, nem deixara diminuto vestígio de fuga.

Publicado o sucesso, diz mais o cronista que todos, professos e noviços, desceram ao cárcere, localizado na parte quase subtérrea do edifício, indo ele frei Barnabé de

sobrepeliz e estola e o dom abade com o sacramento em custódia, segundo o ritual dos exorcismos (*).

[(*) É o que está prescrito no brognolo recopilado por frei José de jesus maria, nomeadamente no capítulo que diz: "exorcismo para casas inficionadas com duendes ou perturbadas com aparições de demónios e malefícios. Nota do Autor]

Conjurados os poderes satânicos, espreitaram os recantos do cárcere. Algum mais afoito saltou dentro duro quadrado de cantaria grossa, obra começada cem anos antes para aumentar as prisões, e saiu dizendo que lhe cheirava a enxofre. Choveu água benzida do hissope no lugar sulfuroso, bem que o geral e outros, entestando as ventas com a abertura do lôbrego recinto, declararam que lhes não cheirava senão a matérias superabundantes em azote. O que era verdade.

Desprezando por tolas e difusas as considerações que ao intento escreve o frade, substanciemos o que importa.

Sem embargo de se haver em capítulo decidido que a fuga do preso não era da ordem natural, saíram logo avisos às justiças circunvizinhas. E, como não surdissem efeito, decorridos meses, dizia o atilado frade que para ele fora

desnecessária mais esta prova de que frei Tomás tinha sido arrebatado em corpo e alma por manhas do anticristo.

Não nos bandeemos na alarvaria dos beneditinos de Tibães. Respeitemos o diabo, que não perdemos nada com isso, visto que tamanhos poderes a cristandade lhe atribui; todavia, dispensemo-lo de intervir na fuga de frei Tomás de S. Plácido.

A verdade é esta: em 1807, o dom abade-geral da congregação de S. Bento, frei Manuel da conceição, informado de que o invasor Junot, aquartelado em Abrantes, punha a saque as povoações portuguesas, sem ressalva dos mosteiros, pensou em arrecadar as riquezas e ao mesmo tempo minar um caminho por onde os frades, no derradeiro aperto, pudessem escapulir-se e sair a seguro com elas, nalgum bosque afastado do convento. Um donato, que feitorizava a cerca de Tibães, alvitrou o acerto de se abrir um alçapão no lajedo do segundo cárcere começado, e procurar-se um aqueduto que em eras remotas levava água ao primitivo mosteiro situado numa baixa do monte de S. Gens, sendo provável que as obras da canalização antiga, feitas a expensas de um rei godo, se conservassem ainda

sólidas e capazes de serventia. O leigo asseverava ter andado mais de cinquenta passos por debaixo de abóbadas que não gretavam a menor fenda .

Aproveitou o geral o bom aviso. Levantou a laje, profundou até encontrar as padieiras convexas do aqueduto, rompeu-as e mandou explorar o trânsito. O encanamento delongava-se por extensão de quatrocentos passos, e rematava num pedregal emaranhado de silvedos e estevas, por onde o ar filtrava escassamente ao subterrâneo. O chavascal em que rematava o encanamento, de todo seco, pertencia ao mosteiro. O dom abade, contentíssimo do descobrimento, calou-se com o segredo, receoso de que, de portas a dentro, algum frade suspeito de jacobinismo denunciasse aquela segura avenida de refúgio de vidas e riquezas. Ajudado pelo leigo e por mais alguns poucos da sua confiança, desobstruiu a saída pelo lado do bosque, e desentupiu alguns respiráculos que recebiam o ar das minas paralelas nos almargens mais baixos da cerca.

As preciosidades do mosteiro e outras ali depositadas pelos cautelosos habitantes de braga e fidalguia aldeã dos

arredores, mandou o geral recatá-las no aqueduto, fiando do donato e do prior o segredo.

Os franceses não chegaram os seus rapacíssimos grifos a Tibães, em alguma das invasões. A guerra acabou; e os caixões de baixela e ornatos sagrados de ouro e prata voltaram a enriquecer a pompa dos altares e os armários dos fidalgos minhotos. O alçapão do esconderijo nunca mais se levantou; e dos frades de 1807 apenas existiam dois ou três em Tibães, e esses mesmos esquecidos ou ignorantes do aqueduto coevo do rei Teodomiro e de S. Martinho de Dume. Vivia, porém, ainda o leigo que insinuara ao geral a conveniência de deslajear o cárcere: esse leigo era o condutor da água e pão a frei Tomás de S. Plácido; vivia também o frade que, a ocultas da comunidade, ajudara a levantar as pedras e correra o encanamento: era frei jacinto de deus, o confessor e patrono do colegial algemado ao tronco.

Leigo e frade entrequeriam-se como amigos de infância e parentes; compartiam das tristezas análogas em ambas as almas; choravam juntos, quando raro se viam, a desolação do mosteiro, e a imputavam à degenerada fé e caridade dos

monges e a lucrativa Roma, que abrira seu telónio sobre o sepulcro de cristo, baque irremediável dos mosteiros.

Frei jacinto, sondando o ânimo do leigo a respeito do sentenciado iniquamente, não usou grandes salvas e rodeios. Disse-lhe:

— É preciso arrancarmos este rapaz do suplício. A sentença é atroz e vergonhosa. Protestemos nós, Manuel. Salvemo-lo. Deixemos na memória deste desventuroso rapaz uma lembrança saudosa de dois velhos que ainda vestiram seus hábitos sem nódoas.

— Pois salvemo-lo — assentiu frei Manuel da redenção. E o monge, vindo de alpendorada, recordou ao donato os comuns trabalhos de 1807 no encanamento, e a fácil fuga do preso, sem responsabilidade e culpa de outrem.

— Isso foi há vinte e dois anos — disse frei Manuel. — quem nos diz que o aqueduto não está já arruinado?

— Não está. Contava nove séculos quando o examinámos e parecia construído naquele dia. Se, porém, o fugitivo topar embaraço invencível, retrocederá.

— E chave com que abrir os olhais do cepo?-perguntou frei Manuel.

— Hei de eu mandar-ta de alpendorada. Tu me darás o molde em pasta de cera, e eu a mandarei fabricar à nossa aldeia.

— Que grandíssimo amor tens a este rapaz! — observou o donato.

— É amor à justiça, e compaixão daquela pobre alma doente e incapaz de reconhecer deus nos ministros que o perseguem. Este rapaz não pode ser frade. Praticou a rara virtude de vestir o hábito por obedecer ao pai, quando o amor mais contraditório deste outro violento amor de deus o atava à liberdade, aos prazeres inocentes de ser amado, e de crer que a providência boa e adorável era a que lhe enchia de graça a mulher da sua ternura. Porque entendi eu a alma deste rapaz?

— Bem sei... — disse o donato. — ainda tenho lágrimas... Ainda as sangra o coração de setenta e oito anos... Não posso ainda... — exclamou ele com tremente excitação-, não posso ainda orar por alma do meu pai, que não veja aquela

mulher antepor-se ao fantasma do velho e dizer-me: "eu acabei de paixão por ti: reza pela minha alma. " vencidos os soluços, frei jacinto prosseguiu: — Tomás não vê da religião de cristo senão o lado repulsivo que lhe deram os homens. Não tem fé... Também eu a não tinha. Quem pode sustentar a fé no inferno onde não há esperança? E que é isto, senão um opróbrio das almas cândidas que entram enganadas nestas senzalas de hipócritas, que nem a si mesmos curam de enganar-se?... O desgraçado contou-me a sua vida. Medi-lhe o tamanho do seu cáfix de amargura. Pedi a deus que lho esvaziasse e consentisse que ele o enchesse de lágrimas, a ver se a esperança nascia no seio desabafado com o chorar. Pedi por ele aos maus confederados em perdê-lo; criminei os desumanos obdurados pelo fanatismo, admoestei humildemente os hipócritas com as palavras do divino mestre... Deportaram-me: foi enorme a vingança; porque me afastaram daquele enjeitadinho faminto e nu de consolação. Aqui tens. O desgraçado chamou-me. Para quê, se ele não queria defender-se? "e porque te não defendes?", perguntei-lhe eu. "folgo de ser esmagado", disse ele, "quero saber se há deus, se há providência. Agora é que eu vou experimentar. " e eu quero que ele se convença de que há

deus, ouviste, Manuel? Quero que o leves fora dos muros da cerca, e lhe digas: "daqui em diante reconheça e confesse deus." — será feito o que desejas — disse o donato. Volvidas semanas, o preso disse a frei Manuel: — foge-me a vida: morrerei sem ter visto o poder superior da justiça divina. A iniquidade dos homens e irresponsável... Não há deus.

— Há — disse o leigo. — espere.

— Amanhã serei chibatado no capítulo... Cantarei então o gloria in excelsis deo — tomou, chasqueando amargamente, o preso.

— Também os mártires cantavam — retorquiu o leigo — e padeciam e morriam porque apostolavam a igualdade e a caridade. Não há aí morrer mais inocentemente.

— Os mártires injuriavam os deuses do paganismo, e eu curvava a cabeça diante dos ídolos dos católicos. Nunca escarneci os interesses sagrados destes faquires; o que fiz foi castigar os desonradores do mosteiro. E por isso vou amanhã, nu até à cintura, receber urma disciplina... Que se sinta, como diz a sentença.

— Não vai: diz frei jacinto de deus que não irá. — onde está frei jacinto?! — em alpendorada. — que pode ele?

— O poder que deus lhe dá: a inspiração é a força... Frei Tomás conhece os arredores de Tibães?

— Conheço. — sabe caminho que o leve fora de Portugal em dois dias? — sei. Entrarei em Espanha sem dormir uma noite em Portugal... Pois eu vou sair daqui? — exclamou o frade, pondo as mãos, e esbugalhando os olhos banhados de júbilo. — deixa-me fugir? E os ferros? Quem me abre as portas?

— Ninguém. As portas não se abrem. — quando é?... As portas não se abrem?... Então... — esta noite.

O donato abriu os olhais do tronco, e disse ao frade: — frei jacinto de deus mandou esta chave. Começa frei Tomás a conhecer os agentes medianeiros entre a providência e os infelizes a quem a sociedade piorou a condição. Siga-me.

O colegial entrou depois do leigo entre as quatro paredes que serviam de vazadouros do lixo aos encarcerados. Desviou frei Manuel uma rima de lascas e vigas do teto abatido. Esmoitou a ramaria de malvas que verdejavam

acostadas ao muro; desterroou com as unhas até descobrir uma argola; e, sacando de sob o hábito uma alçaprema curta, abalou a pedra, sacudindo-a pelas junturas. A cobertura do aqueduto cedeu aos empuxões de frei Tomás, baldadas as diligências do donato septuagenário.

— Sairá por aqui esta noite, quando eu voltar-disse o leigo. — com o pão da ceia hei de trazer-lhe uma lâmpada. Não tema o comprimento da jornada subterrânea. São seis ou sete minutos de caminho. Eu hei de vê-lo descer para assentar a pedra, se passarem dez minutos e frei Tomás não voltar.

— Voltar! — atalhou o frade com espanto.

— Se o aqueduto estiver aluído?

— Ah! — exclamou frei Tomás alanceado pela hipótese. — não se assuste. Frei jacinto disse que o trânsito está livre. Eu creio mais nas visualidades dele do que na evidência que os meus olhos veem e as minhas mãos apalpam. Ainda me não perguntou se há de fugir com esse hábito de são bento...

— É verdade... Como há de ser? — À saída do encanamento encontrará um homem, um amigo, encontro de maior preço que o de cem homens aparelhados para o defenderem.

— Um amigo! Dois sei eu que tenho... Quem é o terceiro? — O leigo frei João de socorro, que já não é leigo: é o velho criado do seu pai: o João António que aqui vinha chorar quando frei Tomás noviciou. Aqui voltou chorando agora mais agras lágrimas. É ele que o espera com os seus antigos vestidos...

— E o meu pai?... Saberá que eu fujo? — não sabe: o seu pai... Abandonou-o. Não lhe pernoite em casa, que se arrisca a ser reconduzido ao tronco. Adeus. Esta demora pode ser notada. Até à noite. Aqui tem a chave: prenda-se ao cepo. À hora em que eu houver de entrar esteja ao pé do alçapão.

Conforme o costume, o donato carcereiro abriu a porta, deu entrada a frei Manuel e foi trasfegar com o cozinheiro duas garrafas de vinho, transfusão ordinária com que os dois seroavam sua meia hora por noite, apimentando as

línguas eloquentes com as talhadas de paio que já não cabiam nas calugas dos abstémios beneditinos.

A meia hora dava tempo e sobras a que frei Tomás de S. Plácido descesse dos braços do leigo ao aqueduto, e o leigo se detivesse quinze minutos com o ouvido colado à boca do encanamento escutando o sonoro bater dos pés no pavimento granítico, e enxergando, até de todo se esvair, o clarão frouxo da lanterna.

Depois, saiu fora do cárcere, chamou o donato, que respondeu pelo gargalo da garrafa, e disse-lhe:

— Frei luís, venha fechar que preciso ir para cima. — aí vou. Chegou bolinando o leigo à saleta anterior do cárcere, guinou contra a porta, deu as boas-noites para dentro, rodou a chave, e disse com quanta comoção pode dizê-lo um estômago cheio:

— Tenho grande compaixão deste frade! Nem uma pinga lhe deixam beber! ...

Este leigo frei luís dos serafins andava tão privado no conceito do geral que, no dia seguinte, ao divulgar-se o desaparecimento do preso, nem sequer foi interpelado

sobre se tinha a evidência de o ter deixado no tronco, ao fechar a porta.

Aqui está compendiado o caso que frei Barnabé de santa gertrudes relata em quinze páginas de folha, debaixo desta epígrafe:

De como um frade pactuado com o demónio foi arrebatado em corpo e alma, do cárcere deste mosteiro de Tibães, pelo anticristo, na noite de 15 de Junho de 1829.

CAPÍTULO IX

COMO O FUGITIVO ACHOU DEUS

À boca ensilveirada de uma caverna que os pastores de S. Gens julgavam ser acolheita de lobos, esperava desde o lusco-fusco o velho ex-leigo de S. Miguel de refojos, guiado ali por entre árvores e penedias pelo donato de Tibães.

Assim que a lâmpada lhe tremeluziu no negrume cavernoso, e o cavo toar dos passos veio reboando por sob a abóbada, João António começou a desgalhar com uma fouce o tapigo de silvas e azevinhos que se emaranhavam à entrada da toca. Frei plácido, temeroso do súbito estrondo, manteve-se quieto. O velho, escutando e não ouvindo os passos nem vendo o clarão da lanterna, meteu dentro da mina a cabeça e bradou numa soada que podia aterrar o fugitivo, se ele não estivesse prevenido do encontro:

— Pode vir que eu cá estou! João António deu a esta inocente chamada um tom ribombante e clangoroso que

propriamente lhe esfriou a espinha dorsal a ele.

Surdiu finalmente o frade à boca da caverna. João António, rompendo o sarçal, abraçou-o pelos joelhos e assim o levou nos braços até o pôr em terra escalvada de sargaços.

— Oh! — exclamou frei Tomás-, que saúde e vida eu respiro!, que bem me faz este ar! ... O céu! ... Há que tempos eu não vi o céu, sem amaldiçoar os homens! ...

— Tire o hábito — atalhou o velho. — agora não é ocasião de estar nessas práticas. Vista-se e vamos embora daqui. Às três horas é dia claro, e nós precisamos estar lá por essa serra da falperra, quando amanhecer. O menino vai para Galiza, não é assim?

— Sei eu dizer-lhe para onde vou, frei João! ... — não me chame frei João, que eu já não estou nessa vida. Sou o João António do tempo do seu avô; sou o João António que criou o seu pai e o meu menino Tomás. Vamos a saber: vai para Galiza ou não? Olhe que o seu pai não o defende nem recolhe em casa. Os frades fizeram-no mau como as cobras... Está feroz que nem um tigre contra os liberais... Em que está a pensar?

— No meu pai — disse com amargura o frade. — não o verei mais... e a minha mãe também me não recolheria?

— Sua mãe manda-lhe a sua bênção e esta saquinha de peças. A esta hora está ela a rezar para que deus o guie a salvamento.

— Minha santa mãe!... — murmurou Tomás. — e não poderei eu beijar-lhe a mão antes de me desterrar?

— Salve-se, menino, quanto antes, que não pode dar outro prazer a sua mãe.

— E Angélica?! Que é feito dela? Sabe a minha vida? — untou o frade.

— Sabe tudo o que se passou. — está solteira? — pois não está?! O tio brasileiro chegou há quinze dias. O pai aprontou os papéis para o casamento, leram-se os banhos três vezes, e ela desapareceu na véspera do casamento. Procuraram-na, e ainda ontem souberam que ela estava a servir no convento de santa clara no porto. Eu já o sabia desde que ela fugiu.

O pai partiu ontem para lá a fim de a trazer; mas a rapariga me disse a mim que não saía de lá senão morta. Não há

memória de um amor assim de rapariga!...

— Se algum dia lhe falar, diga-lhe que eu não posso ser nada para ela neste mundo. Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça.

Durante este diálogo, o frade despojara-se do hábito e vestira os fatos que despira no primeiro dia de noviço.

Caminharam por fora dos povoados, ladearam braga, subiram à falperra e por ali se esconderam durante o dia.

O insuspeito João António descera a uma aldeia a comprar alimentos. Na volta para uma garganta da serra, em que deixara embrenhado seu amo, topou no escuro de um carvalhal quatro homens armados. Considerou-se perdido, ou eles fossem salteadores ou quadrilheiros enviados no encalço do fugitivo frade. Ouviu-se chamar pelo seu nome. Maior pavor o senhoreou. Acercou-se deles a tremer: reconheceu um cavalheiro de fafe, condiscípulo do seu amo.

Era um dos muitos liberais daquela terra, perseguidos pelo rancor político. Ele e três correligionários, escapados ao furor da plebe e aos esbirros do corregedor de Guimarães,

iam fugindo para Galiza, passando os dias alapados nos fraguedos.

João António contou o seu segredo ao condiscípulo de Tomás. Correram todos ao escondedouro do frade. Comeram juntos e pactuaram seguirem o mesmo destino até encontrarem o núcleo do exército liberal.

À noite, afastaram-se de João António. Tomás chorou nos braços dele e disse soluçando:

— Vá à alpendorada e diga a frei jacinto que eu achei deus, e o confessei com o rosto cheio de lágrimas.

CAPÍTULO X

O SOLDADO

Os cinco homiziados vingaram entrar incólumes em Galiza. Entregaram as armas no território espanhol, e seguiram até à corunha, cantando hinos ao senhor por não terem sido assalteados e roubados pelos vassalos de Fernando VII, à semelhança dos portugueses emigrados, depois da infausta revolução do porto em 1828.

Da corunha embarcaram para falmouth e daqui para a terceira numa escuna das que mercadejavam fruta nos açores.

Tomás de Aquino já não levava traço que indiciasse o frade. Encabelara-se-lhe a coroa e saíra-lhe um espesso bigode negro. Ganhara cores, robustez e jovialidade. Era um galhardo jovem de vinte e três anos, com rutilantes olhos, aspirando com sôfregas delícias aquele ambiente acre de pólvora, que embriagava de esperança os dois mil e

trezentos peitos de bravos defensores do rochedo, em que assentava o trono de d. Maria h, rodeado de incertezas e pavores, os quais quebravam contra os valentes corações como as ondas que lhe espadanavam em volta.

Alistou-se Tomás de Aquino na sexta companhia de voluntários da rainha. Poucos dias se ensaiou nos exercícios das manobras. À instrução dos recrutas naqueles dias bastava o entusiasmo. A disciplina obediencial aos chefes era o amor entranhado às bandeiras, a sexta companhia de voluntários foi uma das que repeliram à baioneta o inimigo na vila da praia, no dia 11 de agosto daquele ano de 1829. Tomás não se distinguiu; igualou-se aos seus camaradas. Não havia estremar bravos assinalados, onde to~ dos o eram, salvante os que morriam feridos de frente; que esses sobrepujavam a glória dos vivos.

O voluntário, mero soldado raso, tendo em conta de nada o lustre da linhagem e dotes de espírito, não mostrava, nem as tinha, aspirações a postos, bem que os seus quatro companheiros de emigração o incitassem a requerê-los. Acaso, o seu comandante Manuel Joaquim de Meneses o

encontrou em debates sobre assuntos religiosos e políticos com o capelão do regimento, e reparou segunda vez no letrado que já lhe tinha prendido a atenção na rija refesta da vila da praia. Então interrogado, Tomás de Aquino contou ao comandante o epítome da sua vida, e deixou de si no ânimo do valente coronel afetuosa vontade de o engrandecer. O general conde de vila flor conformou-se com todas as propostas, à medida que a bravura do voluntário se acrisolava nos recontros de velas, urzulina, calheta e ladeira velha.

Tomás de Aquino, quando a expedição libertadora aproou às praias de Portugal, era já alferes de lanceiros, bem que esta arma dependesse de cavalos que se tinham de conquistar ainda em Portugal. O frade beneditino escolhera aquela arma, por ser a vivaz aspiração que lhe aformoseava os sonhos desde a primeira infância. O coração a tirar por ele para o escarvar dos esquadrões, e o pai a empurrá-lo para as salmodias monásticas! Não obstante a sua promoção, Tomás de Aquino trajava ainda a farda lisa de voluntário da rainha e não cedera o seu número na sexta companhia.

Estão no porto os amigos do imperador. Tomás de Aquino, assim que uma hora de repouso lhe vagou, ao segundo dia da chegada, perguntou o caminho do convento de santa clara. Disseram-lhe que o maior número de freiras fugira, tirante as amigas da liberdade, e as que, atidas à idade e achaques, confiavam na inviolabilidade das suas virginais isenções, bem que os frades do alto do púlpito trovejassem que os celerados pedreiros-livres não respeitariam sexos nem idades. Esta segunda parte da profética ameaça fez exsudar o rubor da castidade entre a pele e os ossos de muita freira escanifrada a quem já os franceses tinham respeitado.

Chegou o voluntário da rainha à portaria do mosteiro de santa clara. Estava a porta fechada, e, no primeiro andar do convento, por detrás da grade, uma velha corri a touca significativa de criada. Perguntou ele se alguém podia descer à portaria para lhe responder a uma pergunta.

A velha manteve-se alguns segundos a olhar muito fita no soldado, retraiu-se para o escuro da cela, e deu-lhe com as portadas na cara.

— Vossemecê que queria? — perguntou do outro lanço do convento uma criatura mais afoita, criada talvez de freira constitucional, que também as havia, especialmente umas que contavam ser defendidas da incontinência dos liberais por adoráveis ímpios da mesma satânica seita. — sio! — tomou ela, vendo que o soldado não a ouvira. — vossemecê quem procura?

Tomás olhou, remirou, afirmou-se e disse de si consigo: — aquela é Angélica! Avizinhou-se o soldado mais do edifício e respondeu: — faz favor de me dizer o seu nome? A voz de Tomás não impressionou levemente Angélica Florinda. As más noites do mar e o ardente sol da marcha desde a praia do Mindelo ao porto, tinham-no enrouquecido. Escusado é dizer que o bronzeado do rosto e as longas barbas tornavam impercetível a mínima feição do estudante que a rapariga amara ainda imberbe, pálido de cera, magro e definhado pelos estudos e tristezas do violento destino que os pais lhe prescreviam.

Ora, à rapariga figurou-se-lhe atrevida a pergunta. Que importava ao soldado saber-lhe o nome? Vontade de o impontar com má resposta não faltou à rapariga; porém,

susteve-a o medo de provocar algum insulto ao mosteiro. Indecisa entre dar-lhe ou não dar-lhe com as portas na cara, à imitação da outra serva de deus, deu tempo Angélica Florinda a que Tomás lhe dissesse:

— Tu és de são pedro de Alvite... Tu és Angélica do picoto...

— Sou... — disse ela sobressaltada sem atinar com a razão de alvoroçar-se. — sou a mesma... Donde me conhece vossemecê?!

— Conheço-te desde que me conheço... Triste coisa é que me não reconheças... Ainda não?, ainda me não adivinhas, Angélica? Será preciso que eu corte as barbas e vista um hábito de frade bento, para que vejas em mim o teu amigo da infância, aquele pobre Tomás...

— Santo nome de jesus!... — exclamou a rapariga forcejando por entremeter a cabeça nas rexas do gradeado. — O senhor parece-me que é ele pela voz... Valha-me a virgem!... Diga-me se é... Diga-mo em verdade por alma da sua mãe! ...

— Então a minha mãe está morta?! — perguntou muito comovi~ do Tomás; e, tirando o lenço do seio da fardeta, limpou os olhos e abafou os soluços. Quando levantou o rosto à grade já não viu Angélica. Passados minutos ouviu o ranger da chave na porta~ ria, e entreviu pelo resquício das portadas abertas escassamente, uma servente do pátio que o chamava e o conduziu ao locutório.

Levava Tomás o seio trespassado de saudades da sua mãe. A presença de Angélica, muito mais formosa do que a deixara, doida de júbilo, sufocada de lágrimas, trémula de paixão, nada valeu a desafogá-lo da sua angústia. O que ele tinha diante dos olhos embaciados era a sua mãe; e, como se estivera só, tirou do seio a saquinha em que ela lhe mandara as peças por João António, e sofregamente a premiu aos lábios, beijando-a e lavando-a com lágrimas.

Angélica Florinda contemplava-o silenciosa e subitamente demudada em triste e afligida.

— Desculpa-me — balbuciou Tomás. — perdi a minha mãe... E vinha na esperança de a ver. Oh!, como isto é horrível e irremediável! ... Está morta! ... Quando morreu? Há muito?

— O senhor aflige-se — tartamudeou Angélica. — não lhe digo nada... Não faltará quem lho diga ... Se falar com o senhor João António, ele lho dirá.

— Diz-mo tu, Angélica, se o sabes ... Dor maior já eu não sei que a possa haver para mim... Que podes tu dizer-me? Está dito tudo; morreu! Que importa saber quando e porquê?... Diz, Angélica... Por quem és...

— Pois, sim... Tanto faz ... Tem de sabê-lo. A sua mãezinha morreu de desgosto, quando ... Valha-me nossa senhora... Não posso dizer...

— Ó Angélica!... — disse maviosamente o soldado — , que hesitação é essa?... Morreu de desgosto, disseste tu.

— Quando mataram o senhor Simeão de Aquino...

— Pois mataram o meu pai?! — exclamou Tomás. — ó meu deus!... O meu pai a ninguém tinha feito mal senão a mim... Mataram o meu pobre pai! ...

— Está enganado... Fez muito mal a mais alguém... E perdoe-me por lhe dizer isto... Ele era meu padrinho e eu também lhe queria como filha; mas o que o senhor João

António me contou aí a chorar nessa cadeira não podia ser mentira.

— Que foi? Diz tudo... — meu padrinho era muito amigo do senhor dom Miguel e não podia tragar os amigos do senhor dom pedro. Há quatro anos, quando a tropa fugiu para Espanha ou lá para onde foi, o senhor Simeão juntou uma guerrilha e começou a prender e a bater nos outros que não eram do seu partido, e a jurar contra todos dizendo, pelos modos, coisas que não eram. O senhor queira desculpar-me, se eu digo o que me disseram...

— Diz, diz tudo, minha amiga. — a cadeia do porto estava cheia de pessoas da nossa terra que ele para cá trazia; e, por mais que lhe pedissem as mulheres e os filhinhos dos presos, aquilo era uma alma de pedra, deus me perdoe. A minha madrinha, que está no céu, botava-se-lhe de joelhos aos pés a pedir-lhe que se deixasse de fazer mal a quem lho não fazia, e se metesse na sua casa. Era o mesmo que nada. Não fazia caso da senhora, a quem as mulheres dos presos iam pedir que lhe valesse aos seus maridos. O meu padrinho andava por toda a parte a gritar que era preciso levantar duas forcas em basto para acabar

com os malhados. Amanhou com isso muitos inimigos, que andavam lá pelos montes a fugir à tropa e à guerrilha do senhor Simeão. Um dia, o seu pai e mais os guerrilheiros que andavam com ele encontraram-se com uns fidalgos de ribeira de pena que iam pela serra do Ladário a fugir à justiça. Começaram aos tiros uns aos outros, e então meu padrinho morreu atravessado do peito para as costas com um tiro. E então depois, quando entraram com ele morto por casa dentro sobre uma padiola, a sua mãezinha não tugiu nem mugiu. Ajoelhou-se com as mãos erguidas, esteve assim o tempo de um credo, e caiu pra diante com o rosto no chão, sem dar mais acordo de si. Aqui tem a desgraça como foi. O senhor João António é que contava isto, que fazia chorar as pedras. Foi um dia de terror em Alvite! Eu já lá não estava; ainda bem que não vi estes horrores...

Tomás de Aquino, esforçando-se por desoprimir o ânimo atropelado por dois tão inesperados embates, sofreou os soluços, e disse:

— Vim saber de ti, Angélica... Não me esperavas ver mais.. . — esperava, senhor Tomás, esperava. Dizia-mo o

coração...

O soldado, abstraído e como surdo à resposta de Angélica, perguntou com veemência:

— E o João António? Sabes dele, Angélica? Também morreu?

— Não, senhor; ainda aqui esteve há quinze dias e me disse que o senhor Tomás estava na terceira.

— E quem lho tinha dito?! — aquele fradinho de refojos que foi para alpendorada, onde ele vai muitas vezes saber noticias do senhor frei ... Eu ia dizer frei Tomás; mas o senhor acho que já não é frade ... Ou é?

— Nem eu sei o que sou... Então frei jacinto de deus ainda vive! ... Alguém tenho ainda neste mundo! ... Louvada seja a divina providência! E sabes tu se ainda vive um leigo de Tibães?...

— O frade que lhe deu escapula? Também está vivo... — resta saber se os verei!... Bem pode ser que eu primeiro acabe por aqui... Se vencermos, poucos dos que viemos hão de ver a vitória. Viemos para grandes trabalhos, e já agora

não há remédio senão morrerem uns para ajudar os outros a vencer, ou morrermos todos vencidos.

— É o que toda a gente diz!... — conveio Angélica, muito consternada. — a minha ama é muito apaixonada da rainha, e por isso não quis fugir do seu convento; mas diz ela que as tropas do senhor dom pedro vão ficar todas feitas em postas.

— O que deus houver determinado... E então tu, Angélica... Estás bem aqui?...

— Estou... Estou a servir... O meu pai deu tudo que tinha ao meu irmão e não quis mais saber de mim... Isso é o mesmo... Deus não me tem faltado com a saúde...

— Não seria melhor que tivesses casado com o teu tio? — ¬perguntou Tomás, longe de supor que magoava tão dentro do coração a sacrificada rapariga.

— Seria melhor... Seria... — respondeu ela com brandura de lágrimas, generoso esforço com que pensava esconder o seu despeito.

Calaram-se ambos por alguns segundos. Tomás estava-se como relembrando da sua infância, e das saudades daquela

gentil rapariga, no ano de noviciado, e da paixão ressurgida em mortais ânsias no mosteiro de refojos. Admirava-se, talvez, de se estar ali tão outro do que fora, ou que ela não tivesse poder de lhe divertir a alma das saudades da sua mãe.

Volvidos poucos segundos, tomou ele: — seria eu causador da tua pobreza, Angélica? Estás servindo por amor de mim?... E foi por amor de mim que o teu pai deu toda a casa ao outro filho?...

— Não, senhor: eu recebi o recado que o senhor Tomás me mandou pelo senhor João António... Estava já desenganada há muito; mas deixei-me estar aqui... Porque não mudei de pensamento; hei de ser a mesma até morrer... E oxalá que seja cedo.

— És tão infeliz que desejas morrer? — redarguiu o professo beneditino, apartando o espírito das dores que o contorciam. — não me culpes, Angélica. Bem sabes a minha posição neste mundo. Eu não posso fazer-te senão mal. Professei: fiz os três votos, que foram bastantes a tolher o futuro do meu coração. Se eu conseguir anulá-los, poderei ainda experimentar os contentamentos do amor honesto e

dos afetos imaculados. Se não, há de ser preciso que eu me considere ainda vestido na minha mortalha de frade. Compreendes-me, Angélica?

Sobejamente o entendia ela. Três anos de convento, e prática familiar com senhoras de bom trato e polido fraseado, eram sobra ilustração à rapariga para perceber metade das palavras que não adivinhasse com o coração. Sinceramente respondeu ela que o compreendia; mas, por conta da demasiada perspicácia que tinha adquirido na convivência da sua ama namoradiça e de outras muito espertas em desfiar enredos amorosos e desleais, subentendeu ela coisas e intenções que as palavras do alferes de lanceiros não sonegavam.

Por feição que, à pergunta ingénua dele, respondeu a formosa de S. Pedro de Alvite:

— Compreendo muito bem... O senhor Tomás esqueceu-se de mim por lá, e faço-lhe agora pena porque não pude esquecer-me. Antes queria achar-me casada com o tio brasileiro, em vez de criada de servir sem outro remédio senão sê-lo sempre, que não tenho legítima nenhuma de que me sustente. Mas não tenha pena; que eu ainda me não

arrependi. Aqui, bem estou enquanto me deixarem. Se puserem a gente na rua, irei com a minha ama para onde ela for. Um bocado de pão, bom é de ganhar, e é quanto faz míngua para viver...

— Estás falando como ofendida, Angélica! — interrompeu Tomás de Aquino, até certo ponto, diga-se o que é deplorável verdade, lisonjeado do agastamento da rapariga. — que querias que eu te dissesse? Que situação pensas tu que é a minha?

Sufocada de soluços, Angélica respondia com a mais tocante expressão das almas apaixonadas. Se os lábios em vez de gemidos articulassem vozes que poderia ela dizer? Que queria ser amada, porque merecia ser recompensada das lágrimas, saudades, mortificações, humilhamentos de criada e privação de recursos ao futuro.

Neste lance, soaram as trombetas a reunir. Tomás saiu precipitadamente, cortando com um "adeus" o triste diálogo.

O imperador resolvera naquele dia atacar o exército realista em vila nova de gaia.

Os voluntários da rainha não aquinhoaram da glória da coluna de schwalbach; mas, como vissem hasteada a bandeira bicolor no zimbório do convento dos cónegos da serra, a emulação dos bravos fundiu num brado comum de esperança.

Os tímidos e os desesperados viam ali o anjo da vitória naquele dia. O medo figurava-lhes triunfos com bem pouco dispêndio de vidas. As janelas iluminaram-se na noite deste dia; porém, o entusiasmo dos cidadãos era para tão pouco e tão pela rama, que, à volta do menor revés, vê-los-emos enfardelar os cabedais para se transferirem ao seguro de mais poderoso exército, ou soterrarem-se nos recôncavos armazéns com os cofres, deixando nas janelas a flamejar o seu "liberalismo" em luminárias de azeite de purgueira. Os filhos e netos destes cidadãos cautos e ladinos são uns que, hoje em dia, inflam as bochechas e assopram tufões de patriotismo, blasonando com o seu "paladium e baluarte da liberdade" como se tivessem visto as trincheiras do porto antes de arrasadas pelas granadas, já quando não se arriscavam a mais que resvalar-lhes o pé no pedregulho.

É bom que, dobrados trinta e cinco anos, comecemos a carrejar achegas para a história. Não se deixe ir a tradição vingando levar aos livros sérios do futuro umas bazófias superlativamente parvas que desandam em desprimor e afronta dos que cimentaram com os ossos o baluarte da liberdade portuguesa.

Pede-se vénia do extravio, e promete-se continuar com os olhos postos no programa de frivolidade que determina a boa e aceitável missão deste escrito.

CAPÍTULO XI

REFLORESCE O AMOR

As rápidas intermitências de descanso ia passá-las no convento de santa clara o alferes de lanceiros. Avivou-se-lhe com a memória do amor antigo a plenitude de sentimentos afetivos, de saudades e esperanças que noutros dias o deliciavam e angustiavam. Se segundo afeto houvesse sucedido ao primeiro, naturalmente a imagem de Angélica não voltaria à luz em que Tomás a tinha visto; porque tanto perdem da graça e cor nativa os quadros restaurados, como as imagens desbotadas no ideal pelo atrito de outras que lhes ganharam, aos olhos do versátil amador, a primeira luz. Tomás de Aquino, porém, durante o espaço que demorou nos açores, ao invés dos seus camaradas, quase todos empenhados, por igual fervor, nas lides marciais e cupidíneas, não procurou nem foi assaltado de impressão que lhe apagasse da lembrança o idílio da sua escurentada mocidade. Posto que o tempo, no limiar de

quatro anos, gastasse da memória dele os relevos da bela rapariga, sem todavia lhos voltar mais ou menos aprimorados em outra, é todavia certo que, depois da terceira visita ao mosteiro, o alferes andava perguntando aos estadistas e legisladores se os votos da profissão monástica seriam anulados, logo que as armas dos livres vingassem arrasar as instituições mais nocivas à liberdade.

Bem é de entender que Tomás de Aquino albergava no seio, ainda incontaminado das licenciosidades militares, políticas e civis do tempo, tenções virtuosas a respeito de Angélica Florinda.

Ela, de per si, demonstrou quanto podia a felicidade de sentir-se querida: parecia não saber expressões com que mostrar-se grata ao generoso propósito do seu amado. O que de si consigo Angélica não acreditava até certo tempo era que o frade de S. Miguel de refojos pudesse ainda ser seu marido, sem enorme ultraje e afronta das leis da igreja católica. As velhas mais antigas do convento diziam-lhe que nunca se vira semelhante coisa; sua ama, porém, com ter visto menos que as velhas, era de parecer que sim, que podia ainda casar com o frade; visto que passar de monge

bento a alferes de lanceiros valia tanto como passar de frade ou alferes solteiro a frade ou alferes casado.

Assentadas estas esperanças no coração dos dois, já ambos tinham com que rebater os argumentos da virtude, se ela os quisesse impedir nalgum expediente desonroso. Mas aconteceu — e não há nada singular no sucesso — que, estando Tomás de Aquino a pensar no grave lance de tirar Angélica do convento, a virtude receada e receosa talvez, não lhe saiu com argumento importante, que mereça notar-se; e bem assim, com relação à rapariga, deu-se o caso de estar ela vigilantíssima sonhando que o seu alferes a convidava a deixar a triste e baixa condição de criada, e não sentiu o rosto mais aquecido que o ordinário, ou porque o rubor do pejo não costuma mostrar-se sem espectadores, ou porque o fogo mais intenso do amor ultrapassou as ardências do outro. De qualquer das maneiras, Angélica Florinda tomou como agouro feliz este devaneio que a trazia inquieta e mais linda; que, se bem me lembro do que eu via quando tinha que ver, há uns alvoroços de mulher que dobradamente as aformosentam: é quando elas, voluntariamente prometidas para o noivado

que a religião abençoa, ou para as núpcias da sua escolha que a religião condena, se contemplam na hora de serem avinculadas a uma outra vida já de antemão espiritualmente duplicada na sua.

O júbilo que as estremece e faz palpitar é um febril anseio. Sai-lhe ao rosto alegria que as purpureja; bate-lhes no peito arquejante o coração: há ali doidice feliz e encantadora. E haveis de notar que sobretudo vos cativa nessas adoráveis louquinhas umas parecenças e realces de pudor, que elas entremostram, de quem as observa naquela donosa quadra! Isto passa também, como disse, nas que festejam assim as vésperas de um desatino. Jubilam por igual com as outras que vão do altar ao tálamo. Não se estremam; nem entendem como é que estola e o latim do padre endireita o pendor do instinto pelos caminhos santos, onde o coração só consigo não pode ir, nem a sociedade consentir que vá.

Isto são questões em que rinhem os sábios de topete suado. Vamos ao ponto. Tomás de Aquino, ainda fardado e arregimentado em voluntários da rainha, às três da manhã do dia 19 de Julho estava em baltar com o seu regimento debaixo do fogo de guerrilhas. Daqui marchou sobre

Penafiel. Foi encamisada aí a peleja. O inimigo fortificara-se no mosteiro beneditino de Bustelo. Desalojado, fugiu caminho de Amarante, e fez alto a fim de proteger as bagagens. Neste conflito, os voluntários de d. Maria completaram a vitória, carregando e afugentando muito cortadas do ferro e fogo as tropas e guerrilhas. Tomás foi ferido no peito por uma baioneta: o ferimento era de menor conta; não obstante o curativo tomava-se indispensável. Diremos de passagem que o ex-monge de S. Bento, ao perpassar por entre os mortos, viu sete frades beneditinos estirados entre a soldadesca. Avizinhou-se e conheceu dois seus companheiros de noviciado em Tibães, os quais tinham sido enviados ao mosteiro de Bustelo, e de lá tinham naquele dia sustentado o fogo contra os liberais, dando um inútil exemplo de bravura (*).

[(*) Caro leitor, se procurar notícia destes sete frades, a pág. 497 do vol. 1.1 da história do cerco do porto, por soriano, decerto não a vê. A pág. 102 da guerra civil de Portugal, pelo coronel Owen, também a não acha. É preciso que alguém defenda o romance da calúnia de inventar sete frades caídos no campo da batalha. Queira o discreto leitor informar-se com o almirante Carlos Napier, autor da guerra da sucessão em Portugal, traduzida lastimavelmente por M. J. P. Codina. Vol. L-, pág. 34, diz: "a perda dos miguelistas foi de perto de duzentos mortos e feridos, entre os quais tinham sete frades.". Nota do Autor]

No dia seguinte, enviou Tomás de Aquino um recado a Angélica, dando-lhe aviso de que estava no hospital em curativo de um leve ferimento, e passados dias iria vê-la.

A jovem, recebida a notícia, não irrompeu em lamúrias. Respondeu ao portador:

— Eu lá vou vê-lo, logo que puder. Foi à cela da sua ama, contou-lhe o caso, e despediu-se, prometendo voltar.

No hospital anunciou-se como parenta do ferido. Tomás saiu a recebê-la fora da portaria, banhou-lhe as mãos de lágrimas de gratidão, de amantíssimo prazer, e pediu-lhe que outra vez se recolhesse.

Era um pedido como feito a medo. Angélica respondeu-lhe a chorar; e, afogados os soluços, disse:

— Deixe-me estar fora do convento enquanto não estiver bom de todo. A minha ama deu-me licença e uma carta para eu estar em casa de umas parentas dela.

— E depois? — atalhou Tomás — voltas para o convento? — pois eu... — tartamudeou ela.

— Querias ficar, Angélica? Antes querias estar cá fora?

— Se eu tivesse a minha legítima — disse ela — alugava uma casinha, e não voltava a servir.

— Não precisamos da tua legítima para isso... Ele pensava concentrado, enquanto a rapariga parecia querer adivinhar-lhe o segredo, fixando-lhe os olhos brilhantes de esperança e receio.

Tomás chamou um alferes do 15 de infantaria, ferido também, e já seu amigo desde a terceira:

— A tua casa-perguntou ele-pode receber uma hóspede? Tua senhora terá um quarto onde possa estar esta rapariga que é minha patrícia e há de ser minha mulher, se eu alguma vez puder atirar fora de mim a costela de frade?

O alferes sorriu-se e disse: — para casar com uma menina assim, tirava eu as costelas a todos os frades, entrando as tuas na conta. A minha casa é grande: cama é que lá não há senão uma. Arranja-se, se não tiveres pré. A minha mulher há — de estimar muito uma companheira que há de ser esposa de frei Tomás de são plácido, alferes de lanceiros... Olha lá: esta é a tal paixão em que me falaste na terceira?

— É. — tens razão, homem! Quem viu esta finda menina, e pôde consentir que o fizessem frade, merecia que ela o mandasse à fava! Muito boa é, que ainda te procurou, ingrato selvagem!... Ora bem!, eu vou mandar chamar minha mulher.

Nadavam em lágrimas de alegria os olhos de Angélica. O alferes de infantaria saiu da beira deles. Tomás, pegando-lhe da mão com meiga veemência, perguntou-lhe:

— E ficas, pois, sendo a companheira da minha vida? Não terás de te arrepender deste benefício que trazes a um homem sem parentes, sem afeição alguma que lhe tire aos dias de hoje a negra solidão dos dias passados?... Mas... Sabes tu o que é este viver de soldado, de batalha em batalha, exposto a morrer no momento em que mais cara e precisa lhe é a vida?... E, se eu morresse amanhã, que farias, Angélica? Buscavas outra vez o amparo do teu convento, não é verdade?

— É conforme... — disse ela. — conforme o quê?...

— A gente que quer morrer... Morre — disse Angélica, limpando as lágrimas e sorrindo.

CAPÍTULO XII

ADEUS!

Angélica Florinda hospedara-se dois dias em casa do amigo de Tomás de Aquino, enquanto alugava e alfaiava uma casinha das abarracadas que se desfizeram no cimento do circo — bazar-teatro-restaurante-ginástico-pirotécnico, chamado em linguagem enxacoca palácio de cristal.

Olhava contra o mar a pequena adufa da casa. Ramalhavam-lhe sobranceiras as corpulentas faias da quinta, onde Carlos alberto ermou e achou a morte com todas as tristezas da solidão. Aqueles silêncios das sombras enoitecidas está sendo hoje o que é tudo por onde a indústria gananciosa edifica seus telónios. As aves fugiram dali; a folhagem não rumoreja no chão arrelvado; a água dos meandros, repuxada em bicas, já não tem a música e graça alpestres do seu soído. Acabou tudo. A poesia e a meditação, as duas asas da alma desterrada, não reconhecem já o céu onde avoejavam, antes que a

fumarada das máquinas empestasse as auras que vinham do oceano ao desdobrar da noite...

Que tristeza tão fora do ponto vem esta! Se haveria alguém de juízo que subscrevesse este protesto contra os mercadores do progresso (a coisa diz progredior) que desarraigam as árvores para aplainarem terra onde armem suas tendas de bonifrates e cascavéis!

Era, pois, ali a casinha de Angélica Florinda. A modéstia, senão pobreza exterior, desdizia da limpeza da mobília. As vizinhas pasmavam-se de ver lustrosas cadeiras e mesas a entrar em casa tão de pobres. Mais as maravilhava de ver um guapo alferes de lanceiros e senhora tão formosa e sécia moradores de tal barraca!

Na próxima habitação vivia o camarada do alferes, por ele escolhido entre os bons soldados vindos dos açores. A mulher do camarada auxiliava Angélica no serviço da sua cozinha. Os recursos medianos do militar, acrescidos com a zelosa economia da sua companheira, abastavam à mediania, sendo muito provável que o amor lhes dourasse o que era pobreza.

Amar, amavam-se quanto podem almas unidas desde a primeira e virginal aspiração: porém, para a felicidade perfeita, ou ainda imperfeita dos bens desta vida, faltava-lhes muito: era a paz, a segurança do dia seguinte, ou se quer o descuido de calamitosas eventualidades.

Não podiam iludir-se. Angélica Florinda, cada vez que Tomás se despedia, dizendo-lhe "até logo", seguia-o com os olhos cegos de lágrimas. "quem te diz que o tomarás a ver?! ", batia-lhe no coração esta ameaça do presságio. E ele, voltando sobre ela o derradeiro lance de vista, enegrecia-se-lhe o coração, e do íntimo pedia à divina providência que o defendesse da morte.

Parece que deus lhe escutava a prece. Os acasos não explicam bem ao seguro a felicidade do alferes nos sucessivos recontros em que arriscou a vida, como se levasse posto o intento em perdê-la heroicamente. Ia e voltava, contente de si, admirado dos seus camaradas, e por sobre tanto motivo de alegria nem levemente ferido. As intercadências de satisfação eram curtas. Ao soar da trombeta, ao estrondear das granadas, desenlaçavam-se os braços dos entes queridos, esmaiavam os rostos e

rebentavam as lágrimas. Horas depois revezava-se outro instante de felicidade, sempre medido por tão austera disciplina que nunca se viu o alferes Aquino chegar à forma entre os segundos. Angélica, passado um ano, já saía a receber Tomás ao voltar da guerra, com um filho nos braços. Desventurosa chegada a do anjo para a vida do soldado! Torná-la-ia como castigo, se a consciência o remordesse de algum ingente crime; porque o bravo a bruxa do monte Córdova alferes sentia-se cada dia esmorecer dos ímpetos e rivalidades que lhe davam direito a competir com os mais audazes. Era a criança que lhe enervava o ardimento. Acompanhava-o aquela pequenina sombra, estendendo-lhe os braços na despedida e balbuciando vozes que pareciam súplicas. Via-o por entre a cerração da polvorada. Alvejava-lhe por de sobre as mós de homens retravados a cândida imagem da criança nos braços da mãe posta em joelhos.

W, mas as alegrias da volta à casinha da torre da marca! A mãe a correr esbaforida ao encontro dele, e a criancinha entre as duas faces que se beijavam e os corações palpitantes!

Um estranho e talvez repreensível pensamento lhe martelava na alma ao pobre pai. Cogitava ele no ferrete de desonra que lhe infamaria o nome, se sob cor de enfermidade se esquivasse à vida militar. A consciência argumentava, afrontando-lhe a vilania do intento. De mais disto, onde iria ele, deposta a espada, ganhar o pão da sua família? Seu irmão, o morgado, se Tomás lhe pedisse o seu património, dir-lhe-ia que o pedisse ao mosteiro para onde o pai lho enviara no dia da profissão.

Muito alanceada devia ser a alma que, nos curtos entremeios das batalhas, se deixava senhorear de preocupações tão penosas! Que afligido homem, amante e pai, continuamente a recear a morte, ao mesmo passo que ela, a um tempo, afuzilava de milhares de bocas de espingardas e peças!

Mas, nem assim, chegada a hora de contrapor a vida ao preço da vitória, dava o alferes Aquino a perceber o terror que lhe enregelava os brios. Lá ia onde os mais atrevidos caíam moribundos. De lá o chamavam à retaguarda os clarins que davam o sinal dos vencedores. O coração ia a rojo da honra. O frenesi, com que ele se atirava às balas

mais espessas, parecia um querer finar-se tão rápido que lhe falecesse súbito o conhecimento do trespasse, para não ver, durante os paroxismos, as imagens de Angélica e do filho.   coube a Tomás de Aquino a sorte senão a honrosa escolha de embarcar na expedição de Carlos Napier sobre o algarve: era ele um dos oficiais do destacamento de lanceiros apeados.

A hora, que precedeu a última despedida de Angélica e do filho, foi um longo e expiatório tormento de delitos grandes, se os havia na vida destes infelizes. Amordaçava ele o coração para que a pobre mulher não lhe ouvisse os vaticínios. Apesar do esforço, estas foram as derradeiras palavras que lhe romperam gementes do peito:

—   Não torno a ver-te, minha infeliz amiga!... Aí de ti e do meu filho!

CAPÍTULO XIII

O "ADEUS" DOS VALENTES

Abandonada lisboa à boa estrela do duque da terceira, general da expedição, Tomás de Aquino, convicto de estar a guerra ultimada pelo covarde desalento dos oitenta mil soldados de d. Miguel, sentiu o júbilo de quem simultaneamente recebe, com as delícias de uma família querida, as doçuras da paz e o galardão dos serviços. Conseguiu ele que as suas cartas, juntas às participações do duque para o porto, chegassem a Angélica, levando-lhe alegres esperanças da próxima reunião e tranquila felicidade das suas vidas. Expunha-se a varonil mulher aos azares de ir para lisboa; mas o receio que lhe incutiam sobre isto, e a oposição de Tomás de Aquino sustiveram-na, atida à certeza de que brevemente estaria desimpedida de inimigos a estrada e franca às famílias dos expedicionários que quisessem ir para lisboa.

Com a chegada do imperador a lisboa, o alferes de lanceiros foi promovido a tenente e condecorado.

Às honras da posição militar, tão galhardamente adquiridas, sobrevinham-lhe as da estima e amizade dos mais valentes do exército libertador. Um dos seus muito afeiçoados era d. Alexandre de sousa Coutinho, exemplar dos mais destemidos, cujas façanhas, semelhantes às de um irmão morto em batalha, pareciam apontar a vingá-lo, como se o outro não perdesse a vida contra muitas que a precederam na morte.

D. Alexandre, filho do marquês de santa iria, um dos velhos e mais venerandos vultos da plêiade liberal, aliara-se ao voluntário de d. Maria h, desde que, nas proezas arriscadas, o viu ao seu lado, ou, separados pela diferença das ramas e fileiras, como que, distanciados, aporfiavam em ver qual dos dois saía com a glória de ter morrido.

Quando o duque da terceira, em 21 de agosto de 1833, saiu de lisboa com uma divisão no fito de inflamar o espírito constitucional dos povos da estremadura — espírito que nunca existiu, nem os generais do imperador, de boa fé, o receberam em conta das suas vitórias — o destacamento de

lanceiros ia num a das colunas, e na outra o regimento em que militava d. Alexandre. No lanço de se dispartirem as duas colunas, uma corri direção a vila franca, e outra a torres vedras, Tomás de Aquino, abraçando o amigo, disse-lhe: _ tinha graça, se nos não tornávamos a ver, dom Alexandre! ... Morrer como Moisés à vista da terra de Canaã! ... _ não penses nisso-replicou o filho do marquês de santa iria. — isto é um passeio militar a ares de campo. O general bourmont vem ai e nós voltaremos adiante dele, a não ter o duque o bom siso de o não deixar ver estas imaginárias fortificações de lisboa. Olha, amigo Tomás, se nos aguarda ainda ocasião de nos despedirmos com a desconfiança de nos não tomarmos a ver, a ocasião não é esta. Ela virá... Muitos pensam que é chegada a hora do descanso... Muitos têm ainda de descansar de todo, se não quiserem ver as costas ao anjo da vitória...

De feito, as duas colunas retrocederam adiante do numeroso exército do marechal bourmont. Vinte e quatro mil homens, um chefe de nomeada e prestígio, a notícia de uma esquadra russa aproando a Portugal para fazer desalojar D. Pedro; a esperança realentando os milhares de

desesperados sobre quem pesava tanto o ferro como a vergonha, eram ainda o respeitável inimigo que mostrava os seus esquadrões aos postos avançados de d. Pedro, no dia 5 de Setembro, ao repontar da manhã, bourmont atacava as linhas desde o arco do cego até às Águas livres. Uma das três colunas agressoras moveu-se sobre S. Sebastião da pedreira descendo até ao reduto da atalaia que defendia a estrada de Campolide.

Nesta conjuntura, Tomás de Aquino, a tempo que o seu esquadrão perpassava por caçadores 5, a ir tomar o posto indicado pelo general, acenou com a mão um gesto de "adeus" a d. Alexandre. O bravo oficial reparou do acto e disse sorrindo:

— Agora, sim... Vale a pena o " adeus " ...

Os realistas, aproveitando os muros e casas contíguas a S. Sebastião da pedreira romperam acobertados por aquele ponto, e, rompendo seteiras, cobriram de balas e cadáveres as linhas. Caçadores 5 abalou das trincheiras à baioneta calada para desalojar o inimigo, que sustentou o terreno, peito a peito, no jardim e à volta do palácio do marquês de Louriçal. A camagem foi, neste ponto, a mais sangrenta que

se travou em toda a luta. "eu nunca vi", diz o conde de S. Vicente, "tão ativo fogo como o de S. Sebastião! A casa ficou inteiramente crivada de bala rasa e metralha. Desde o portão até ao jardim, onde estava a bateria, o espetáculo era de um horror esplêndido capaz de satisfazer os amadores do género". (*) *[(*) guerra da sucessão em Portugal. Tomo II]*

O cadáver de d. Alexandre de sousa Coutinho, trespassado de baionetas e balas, estava rodeado de mortos e agonizantes; se alguns eram os seus que o imitaram na bravura, muitíssimos eram o avaro preço daquela vida. A respeito deste rapaz, tão chorado do exército, escreveu o coronel Owen na sua mescla de palavras e locuções estrangeiras-:

"d. Alexandre de modo nenhum podia ter sobrevivido à campanha, conduzindo-a sempre no fogo seu entusiasmo a expor-se excessivamente, e assim já tinha sido gravemente ferido no sítio do porto. "(*) *[(*) a guerra civil em Portugal, o sítio do porto, e a morte de D. Pedro, pág. 242.]*

O esquadrão de lanceiros tinha apeado, saltando das trincheiras às avenidas do jardim juncado de mortos. Tomás de Aquino, já ferido de bala no pulmão esquerdo, remessou-

se de encontro ao granizar dos pelouros, dentro do acervo de cadáveres, e reconheceu d. Alexandre. Curvou-se, levantou pelos sovacos o corpo inanimado, chamou-o, ungiu o rosto do sangue dele ainda quente e forcejou por tirá-lo a rastos até às trincheiras. Neste comenos, a cavalaria, excitada pelo intrépido e desvairado francês luís la rochejaquelein, avançava a galope desapoderado contra o fraco reduto da atalaia. Diante deste ponto que o aventureiro sobrinho do general la rochejaquelein encarava como ádito da sua boa fortuna, acumulavam-se cinco regimentos realistas, assanhados e ébrios do sangue com que mais de mil dos seus tinham empapado o chão que alastravam. A artilharia inimiga troava desde o alto de palma cravando as balas onde miravam as pontarias sobranceiras à infantaria e cavalos que remetiam com insólita bravura aos trincheiramentos mal guarnecidos de artilheiros.

Luís la rochejaquelein entestava já com o fosso do reduto da atalaia quando o tenente de lanceiros Tomás de Aquino assomou na esplanada do reduto com a face arregoada de

laivos escuros, porque as lágrimas tinham embebido a poeira da pólvora que enevoava o ar.

Tomás lançou mão da espingarda que um moribundo aferrava ainda. O desatinado francês, quando alguns supunham que ele ia passar-se aos liberais — tão absurdo lhes parecia o cometimento à trincheira — , voltou-se para o esquadrão e clamou, apontando com a espada: — É por ali!

O esquadrão arrojou-se por sobre o fosso, e instantaneamente viram cair-lhes o chefe os cavaleiros que não caíram com ele. Tomás de Aquino, descarregada a espingarda, correu ao encontro dos que ainda tentavam executar o funesto alvitre do seu caudilho.

— Firmeza, rapazes! — exclamava o tenente. Neste conflito apanhou-o em pleno peito uma bala rasa. Tomás de Aquino foi um dos setenta mortos de 5 de Setembro.

SEGUNDA PARTE

O ÚLTIMO FRADE

CAPÍTULO I

FREI JACINTO DE DEUS

Os frades beneditinos de S. João de alpendorada — como quer que soubessem que os do mosteiro de Bustelo tinham pegado em armas na defesa do seu convento e alguns tinham morrido entre Penafiel e Amarante — deliberaram imitar os seus irmãos, como filhos que todos eram do mesmo patriarca S. Bento. Contra a deliberação belicosa da fradaria de alpendorada saiu frei jacinto de deus, censurando acremente o despejo e ferocidade com que homens de paz, amortalhados, abstraídos de todo às coisas do século e mortos à vingança dos partidos, em vez de saírem com a cruz a pacificar ódios entre portugueses, disparavam arcabuzes dos postigos das suas celas, baralhavam-se com homens de sangue; e já feridos e mortos no campo da batalha vergonhosamente expunham o hábito e provocavam gargalhadas injuriosas à religião.

Conspiraram todas as vozes contra frei jacinto, chamando-lhe antigo jacobino e moderno malhado. Alguns dos seus contemporâneos recordaram-se nesta conjunção de o terem ouvido bramir contra o povo que matara em braga o general freire, e reprovar que os frades se armassem contra os franceses.

— Que negue se pode! — exclamava um velho abade já aposentado. — que diga que não! ...

— Digo que sim — respondeu sossegadamente frei jacinto de deus. — eu fui quem disse que as constituições de são bento nos não facultavam o uso das armas na milícia, quaisquer que fossem os inimigos. O chefe da igreja católica apostólica romana tinha submetido a sua autoridade à do conquistador; a nós, humildes frades, cumpria-nos ajoelhar diante do todo — poderoso, rogando-lhe que aliviasse o género humano do peso e flagício dos seus opressores. Levantei a minha humilde voz na casa capitular de Tibães, quando vi os dormitórios do mosteiro profanados com espingardas, espadas, chuças e facas de dois gumes. Chamei no meu auxílio a regra de são bento e as constituições da ordem, porque lá diz o capítulo

quarenta e sete: "que é coisa indecente ao religioso trazer nem ter armas, nem por via de recreação de caça nem por se defender; porque assim há de o monge que não tenha a quem temer sendo a deus... " e eu, meus irmãos, sou daqueles monges que só temem a deus, por isso me não armo em defesa de inimigos que não temo. As coroas em perigo de caírem das cabeças que justa ou injustamente as possuem, lá está quem as sustente por oficio e paga que recebe: a nós, soldados de jesus cristo, armados de paciência de evangelho e de exemplos de humildade, não incumbe destrinçar enredos e dúvidas sobre a legitimidade dos príncipes.

— Pois há quem duvide da legitimidade de el-rei nosso senhor dom Miguel primeiro?! — ululou o dom abade por sobre o rugido uníssono de quantos frades eram no juntamento. — vossa paternidade ainda duvida?!

— Não argumento sobre legitimidades, reverendíssimo senhor — volveu frei jacinto sem leve indício de temeroso. — não discuto, que não é isso da minha competência. Sou frade. Estudei e ensinei trinta anos teologias. De república e políticas sei o que importa para não malbaratar os meus

já pesados e últimos dias com isso. Nada sei nem quero que me ensinem enquanto me não obrigarem a aprender sob tanta obediência.

— Está claro como a luz do meio-dia! — regougou o dom abade aposentado aos padres mais vizinhos, espirrando uns frouxos de riso feroz. — não há que ver! É um malhado dos quatro costados! ... E, voltando-se para o prelado, continuou à puridade: — se a vossa reverendíssima quer sustentar a sua dignidade, não consinta que o voto deste frade tenha ingresso nas nossas reuniões. Lanço de prudente será mandá-lo recolher à sua cela, ou mudá-lo de casa; porque não podemos estar seguros com tal espião entre nós.

— Direi a vossa reverendíssima — respondeu o abade — que o porte deste frade tem sido exemplar no que respeita às suas obrigações, e ainda o não ouvimos debater matérias de governos políticos; entretanto, eu só por mim não valido a minha opinião: farei o que for decidido em comunidade.

E, dirigindo-se a frei jacinto de deus, ordenou-lhe que se recolhesse à sua cela e não saísse dela a entender nas deliberações do mosteiro.

O ancião abaixou a cabeça e disse:

— Meus irmãos, de qualquer deliberação que tomeis, não lavo as mãos, porque sou frade convosco; mostro-as, porém, a deus limpas de sangue; e, se alguma vez se manchassem, seria do sangue dos feridos que eu tentasse curar no campo das batalhas. E, a sairmos do mosteiro, meus irmãos, tão — somente este oficio nos iria bem; e de modo que, ao depararem-se-nos feridos um soldado de Miguel e outro soldado de pedro, os tomássemos ambos um debaixo de cada braço. Jesus cristo ainda vive e reina no espírito da sua lei santíssima. O espírito do meu deus e senhor manda-me...

— Manda-o bem-fazer aos inimigos do altar? — interrompeu bradando o dom abade aposentado.

— Manda-me ensinar os ignorantes com a persuasão das suas divinas lições.

— E se eles não aprenderem?

— Encomendá-los a deus que lhes faça luz na escuridão da alma.

— E se eles vierem aqui dentro e o trespassarem com as baionetas? Que dirá vossa paternidade? Que faz?

— Perdoar-lhes... E morrer. Cristo era deus e perdoou aos que o trespassaram de cravos, espinhos e lanças. O justo por excelência não se defendeu nem consentiu que pedro arrancasse da espada segunda vez. Como hei de eu, indigna lama das sandálias dos justos, defender-me a ferro e fogo? Morra eu inocente, que deus me chamará a benignas contas. Irei com as mãos puras, e direi: "vede-as, senhor!, eu não as pus no ferro que matou. Quando maus homens me acabaram, tinha eu nestas mãos o vosso estandarte: era a cruz. " alguns frades aparentavam de comovidos, se o não estavam de coração. Nas rugosas faces de frei jacinto, ao proferir as últimas palavras, derivavam duas lágrimas.

Seguiu-se um breve espaço de silêncio. O dom abade inexorável dava aos ombros, resmoneando:

— A velhice areou-lhe o juízo... É tontice dos oitenta anos. No entanto, frei jacinto de deus, obedecendo à ordem que tinha recebido, abordoou-se ao seu cajado e foi caminho da cela.

A comunidade prosseguiu a começada discussão sobre sair do convento em demanda do exército realista, ou acastelar-se nele com as guerrilhas levantadas nos seus domínios e esperar o ataque. Prevaleceu o parecer de se conservarem, e sobreveio a corroborá-lo a notícia de que as forças liberais, depois da saída sobre Penafiel, se tinham recolhido ao porto. Não obstante, o mosteiro, requisitando armas aos seus caseiros, juntou muitas variedades delas, desde o bacamarte de boca de sino até à baioneta encravada em rijos paus de carvalho, desde o punhal até à foice roçadoura. Além disto, preveniu as freguesias circunjacentes, que no lanço de ouvirem tocar a rebate os sinos do mosteiro, convergissem logo àquele ponto, fazendo repetir o toque nas sinetas paroquiais.

Frei jacinto de deus lá passava as horas feriadas do coro na sua solidão, escutando em si as práticas da razão com a fé, e tirando do abastardamento do sacerdócio, adverso da lei dos mártires, relevantes provas da divindade do seu fundador. Nas suas horas meditativas pensava ele no destino do colegial de S. Miguel de refojos e lastimava que o rapaz lhe não desse alguma nova da sua paragem, posto

que ele a soubesse, não por efeito de revelação, mas segundo o natural processo com que sucede neste mundo tudo que entende com homens ótimos e péssimos.

Fora o caso que um frade de santa maria de pombeiro, mandado recobrar a saúde aos ares dos açores, sua terra natal, soubera que nas fileiras dos liberais estava um beneditino fugido do cárcere de Tibães — sucesso divulgado pelos expatriados companheiros do frade. No propósito de reduzir a ovelha tresmalhada ao aprisco dos arrependidos, o monge de pombeiro procurou Tomás; e, ao vê-lo de farda, correame, boné e bigode, sem vestígios da sacrossanta coroa, prerrompeu em clamores e trenos com tamanha catadupa de lágrimas que o soldado de voluntários da rainha não teve mão de uma cascalhada de riso desfechado sacrilegamente na benta cara do monge. Com o que o pávido declamador saiu corrido e já temeroso de que o precito o atirasse às vaias dos ímpios. Este foi o frade que espalhou na congregação de S. Bento em Portugal a notícia de estar na terceira frei Tomás — notícia que não demoveu frei Barnabé, o cronista de Tibães, de

contar à posteridade que o anticristo arrebatara o preso em corpo e alma.

Muito pensava frei jacinto no modo de saber se Tomás desembarcara no porto ou acabara nas pelejas dos açores. Nunca se lhe apropositara a oportunidade. Perigoso seria demonstrar vontade de saber noticias de um expulso da religião em sequência de processo instaurado depois da fuga, segundo o determinado no capítulo 46 das constituições.

Volvido mais de ano, no dia 3 de Setembro de 1833, dois dias antes da morte de Tomás de Aquino em lisboa, marcharam do porto três colunas, uma das quais ganhou sem impedimento o território decorrido até Penafiel. A tropa e guerrilhas realistas desalojaram daquela paragem, debandando desordenados pelas estradas de Amarante e canaveses. O maior número dos que seguiram a segunda direção derramou-se pelas aldeias circunvizinhas, estendendo o terror e o alarme até ao mosteiro de alpendorada.

Aparelharam-se os frades para a defesa, salvo frei jacinto, que desceu à igreja, e disse, segundo o costume quotidiano,

a sua missa. Depois, ficou posto em joelhos, cumprindo as rezas obrigatórias de que os monges aguerridos se deram por dispensados. Nesta posição, recebeu ordem de sair do convento com os demais frades que recusassem tomar a defensão da casa do senhor. "quem não é por nós é contra nós", concluiu axiomaticamente o intimador da ordem prelacial.

Frei jacinto pegou do breviário e do bordão, foi à residência do abade despedir-se dos superiores, e saiu com os seus oitenta anos a dobrar-lhe a espinha por aquelas gândaras a baixo, com a mira posta na sua aldeia, vizinha do arco de Baúlhe, em terra de basto.

Ao chegar a Penafiel, disse-lhe a gente das aldeias limítrofes que não fosse avante, que estavam na vila soldados do porto.

— Deixá-los estar. Que têm os soldados comigo? — disse o monge e seguiu.

A soldadesca fez grande alarido, quando viu assomar o frade no alto da rua.

Os mais farsolas correram ao encontro dele, e empeceram-lhe a passagem. Frei jacinto parou, e eles involuntariamente suspenderam o tiroteio das chacotas. O aspeito do monge não era de inspirar zombaria, senão respeito.

Sem embargo, um ilhéu de más entranhas pôs a mão no ombro do velho, e bradou-lhe:

— Quem vive?

— Vive vossemecê, vivem os seus camaradas e vivo eu. Agora, quem amanhã viverá, deus o sabe — respondeu frei jacinto.

— Não pergunto isso, seu burro!-tornou o farsista. — quem vive? O Miguel ou o senhor dom pedro?

— Vivem ambos, creio eu — disse o monge. — tu és malhado ou realista? — perguntou outro já bandeado com o ilhéu no escárnio.

— Sou frade. — isso vemos nós, que és, velhote; mas queremos saber que partido tens, que bandeira segues...

— A de cristo.

— Cristo era republicano! — disse um sargento que tinha emigrado e lido muita tolice filosófica.

— Cristo era filho de deus — disse o monge. — fora lorpa! — exclamou o sargento. — por essas e por outras é que nós aqui andamos a escangalhar o despotismo dos frades. Aposto eu que tu ainda pertenceste aos inquisidores?

— Sou do tempo da inquisição; mas não pertenci à ordem de são domingos.

— Então que frade és?

— Bento. — bento sejais, larga os atafais! — gargalhou um soldado puxando-lhe pelo hábito.

— Deixa o velho, vinte e dois! — disse o sargento. — para onde ias tu? Naturalmente ias pregar algum sermão contra nós...

— Não, senhor, ia para a minha família. — que livro levas aí?

— Um breviário. Um soldado tirou-lhe da mão o livro, abriu — o a meio, desobstruiu as goelas, deu à cabeça três

vezes, e começou a cantar:

— Domis vobisco et cum espirituó. E os outros respondiam em coro com burlesca dissonância:

— Amem. — vinte e quatro! — disse o sargento-, dá o livro ao frade.

— Canta lá tu alguma das chalaças que vocês sabem... — insistiu o vinte e quatro, pondo o livro aberto à ponta do nariz do frade.

— Nós não cantamos chalaças — disse com imperturbável serenidade frei jacinto.

— Leva rumor! — tomou o sargento. — vamos levar o velho ao major, e saber se o deixaremos passar.

Caminhou o frade entre a chusma de soldados e paisanos bandeados com a tropa dos liberais — a escuma das povoações que suja todos os bandos. Estes eram os mais insultadores, um gaiato empurrado por outro foi de encontro ao frade e derrubou-o. O sargento deu uma coronhada na cabeça ao rapaz, e frei jacinto disse:

— Deixe-o, senhor. Levantaram-no e conduziram-no ao pátio do quartel de operações.

O major interrogou-o deste teor: — donde vem? — de são João de alpendorada. — para onde vai? — para a minha família. — que ideias políticas tem?

— Oitenta anos, senhor. — não lhe pergunto a idade...

— Ouvi bem. Respondi de modo diferente da pergunta para melhor ser entendido e crido da vossa senhoria. Aos oitenta anos um monge tem uma só ideia: a da morte.

— Muito bem — tomou o major. — irá para o porto. Não queremos cá fora destes santarrões no púlpito. Vai na bagagem; e dá-se-lhe licença de alugar burro, se quiser.

— Se vossa senhoria me permite, escreverei à minha família e enviarei daqui um portador. Não tenho dinheiro; mas pagarei o meu transporte logo que a minha carta seja respondida.

— Eu abono o frade, meu major — disse o sargento. Frei jacinto olhou muito fito no sargento e disse-lhe comovido:

— Possa vossemecê abraçar ainda a sua mãe, nos dias da paz.

— Oh!, meu velho — exclamou o sargento, abraçando-o. — olhe que me tocou no coração, que eu não tenho neste mundo senão a minha mãe e a minha bandeira. Vá lá escrever a carta, que eu vou arranjar-lhe carruagem.

O monge procurou duas casas conhecidas: estavam desertas e fechadas.

Entrou ao acaso numa loja, escreveu e diligenciou portador com promessa de generosa retribuição. O portador tirou ressalva de que não iria ao porto com a resposta.

— Não vos peço esse serviço. Entregai a carta e voltai para vossa casa.

Saiu em marcha para o porto a coluna. Frei jacinto de deus, encavalgado num macho de almocreve com chocalhos, foi durante o caminho o divertimento dos bagageiros e sentinelas. O frade ia rezando as suas horas canónicas, e, de cada vez que se benzia, as risadas casquinavam atroadoramente.

Era aquele o povo cristianíssimo deste ubérrimo jardim de Roma, regado com o sangue dos infiéis. O país da inquisição, dos evangelizadores de África e índia, dos quinhentos e trinta e sete mosteiros e conventos!

CAPÍTULO II

AGONIA

O tenente-general stubbs não deu mínimo valor ao frade: mandou-o embora depois de lhe perguntar qual era o espírito do povo lá nos sítios donde ele vinha. O monge respondera:

— O povo é do espírito de quem vence. Dois dias depois um sobrinho de frei jacinto chegou ao porto a procurar seu tio, que o esperava no mosteiro de S. Bento, onde alguns frades liberais o receberam e abasteceram do necessário.

O sobrinho entregou-lhe o dinheiro pedido, e logo o frade foi em busca do sargento a pagar, e agradecer-lhe a caridade de lhe abonar a carruagem, e defendê-lo das malfeitorias da populaça de Penafiel.

O oficial inferior deu ansa a que o frade o convidasse a auxiliá-lo no descobrimento de um soldado do exército liberal.

— ...chamava-se ele Tomás de Aquino-disse o frade — e pegou em armas na terceira.

— Se conheço! — acudiu o sargento — , foi dos meus amigos, e saiu na expedição do algarve, já promovido a alferes de lanceiros. É dos mais valentes oficiais que por cá temos. Assim que entrou em lisboa o imperador, saiu ele tenente e condecorado. Até sei onde mora uma rapariga linda, linda, meu padre, como as estrelas, de quem ele tem um filho... Da rapariga, quero dizer, e não das estrelas, olhe se me entende... Chama-se ela Angélica...

— Angélica... — murmurou frei jacinto-bem sei... Era destino... Destino! — repetiu ele, sorrindo. — não há destinos... Há o arbítrio do bem e do mal... Mas o que é bem, e o que é mal?... Até que ponto é o homem de si mesmo? Onde começa e onde acaba a responsabilidade?...

— Que está aí a matutar, meu velho? — atalhou o sargento.

— Fala comigo ou com quem é?... O senhor conhece o Tomás?

— Conheço e tenho-lhe grande afeto. Entendi sempre que morria sem o ver...

— Ele não morreu ainda, homem dos meus pecados! A guerra está acabada. Isto agora vai a pontapés. Quem havia de morrer já vai. Agora toca-se o hino da vitória, e quem puder pilhar que pilhe. Olhe, reverendíssimo senhor, eu, sem grosso dinheiro, não tomo a emigrar. Fome na Inglaterra, fome nos açores, fome no porto... E afinal... Sargento de infantaria... Farelório, meu povo! É verdade, o senhor frei jacinto quer saber onde mora a tal Angélica e mais o filhito do Tomás? Eu vou lá consigo. Ainda lá estive há quinze dias, que lhe fui levar dez mil réis de mando do meu capitão que é muito amigo do Tomás. A jovem chora que se derrete de saudades. Olhe cá: o Tomás foi padre ou frade ou que diabo foi?

— Foi professo de são bento; mas não tem ordens sacras. — mas não pode casar? — não sei o que as leis novas decidirão. Dantes quem tivesse feito voto de castidade, não podia contrair o sacramento de matrimónio.

— Voto de castidade! — exclamou a rir o sargento. — que é cá neste mundo voto de castidade! Ora o patusco do

fradinho está a caçoar com a gente! E o senhor também fez voto de castidade, hem? .

— Sim, senhor. — e quantos filhos tem, ó meu frei jacinto? Diga a verdade, senão não somos amigos...

— Tenho alguns filhos do coração, e um sereis vós, se o quiserdes ser, rapaz; mas não haveis de dar tantas largas ao vosso génio folgazão. Sede sério, quando cumpre, e gracejai a propósito, que tudo tem sua quadra. Dizei-me agora com juízo: ireis ensinar-me amanhã a morada de Angélica, se tiverdes uma entreaberta no serviço, sim?

— Às suas ordens, se o diabo do stubbs nos não mandar fazer alguma parvoíce militar fora das trincheiras! Deixaram-nos aqui este velho asneirão, que tem nas veias água chilra quando as não tem a estoirar de vinho do porto. Este palerma, qualquer hora, faz cancaborrada bravia! Estão aí brigadeiros portugueses, dez vezes feridos na cara, debaixo do comando de um trôpego que ainda não fez coisa porque merecesse comer de meias a forragem com o cavalo! ... Raios o partam! Dom pedro tem meia cabeça de herói; mas metade da cabeça e do pescoço para baixo vive por conta da caterva que o rodeia... Quer que eu lhe conte,

padre, aqui em segredo como se explica a nossa vinda a Portugal? ... Quer saber como nos levava o diabo no exílio, se não fosse o sargento foi embargado nas suas revelações pelo toque a reunir.

No dia seguinte, 8 de Setembro, frei jacinto de deus procurou o sargento, a fim de lhe ensinar a residência de Angélica.

— Triste nova! — exclamou o militar, quando o viu. Adivinhou, frei jacinto! ...

— Adivinhei?! O quê?

— Adivinhou... Não me disse ontem que não tornaria a ver Tomás de Aquino?

— Pois! ... — morreu no dia cinco! Agora mesmo vi a relação dos principais que morreram nas trincheiras. Lá vai um bravo oficial! ... E ela? A pobre mulher com o filho! Como há de ser isto! Em ela o sabendo! ...

— Não lho digais por enquanto... Deixai-me pensar... Atalhou o monge descaindo a barba sobre o seio. — parece que tenho sobre o coração o peso de um cadáver... Até que ponto fui eu culpado na sorte deste homem, deus meu?

Julgai-me pelas intenções, senhor! ... Ele dizia que não existíeis, nem justiça, nem providência! Eu quis que ele vos reconhecesse, fora do seu inferno, e nalguma hora de contentamento vos confessasse criador dos prazeres que geram na alma sentimentos de gratidão! ...

— Que está aí dizendo, frei jacinto? — interrompeu o sargento. — O senhor foi quem o mandou alistar-se à terceira?

— Não. Abri-lhe as portas do cárcere de um convento...
— fez muito bem. Deu um grande soldado à causa da liberdade! O imperador devia dar-lhe um prémio, frei jacinto... Mas a triste mulher! ... Saberá ela já?

— Vamos agora vê-la — disse o monge — ou dizei-me onde é, que eu irei sozinho.

— Não posso acompanhá-lo que tenho revista. Procure-a na torre da marca, numas casas baixas à sua mão direita, como quem vai para um pedregulho que deita sobre a estrada da foz.

— Irei perguntando. Fazei-me a graça de avisar os conhecidos de Angélica para que não lho digam, se ainda é

tempo.

O monge tinha visto Angélica na igreja de refojos. Lembrava-se das feições que impressionavam aqueles filhos de S. Bento, que se não julgavam jarretados no órgão da admiração artística. Demais disto, Angélica Florinda tinha sido dois anos sua confessada e lhe deixara na memória lembranças da sua inocente vida.

— Pode ser que eu a reconheça... — ia dizendo entre si o frade, quando avistou, com a face encostada à palma da mão, por dentro de uma vidraça, com os olhos no mar, uma mulher que ajustava às suas reminiscências.

Vizinhou da janela e cortejou-a. Angélica ergueu-se e saiu à porta.

— Sois de são pedro de Alvite? — perguntou o frade. — e a vossa paternidade é o senhor frei jacinto de deus — disse ela, beijando-lhe a mão, e levando-o para dentro.

— Claro é que me não achais diferença, filha. Na minha idade, a fouce do tempo não tem já que roçar. Há dez anos que não tenho nada que o tempo desfaça. Este restinho de vida pertence aos vermes. Ora, pois, dai-me noticias vossas.

— Eu... Estou... — balbuciou Angélica Florinda corando. — bem sei que estais aqui e mais o vosso menino... Deixai-mo ver.

— Está na casa vizinha com a ama que o cria. — não o criaste vós? Porquê?! — faltou-me o leite.

— Deixai-me ver o pequenino... Corno se chama? — jacinto de deus. — sim?! Que fineza me fizestes, filhos! Então, o meu Tomás lembrou-se de mim, quando entregou à religião, mãe sacratíssima, a alma do seu inocentinho? Bem hajais vós!

... Hei de ser-vos muito agradecido... Se eu puder e viver... Viverei... O nosso senhor há de dar-me mais dez anos! ... Pois não há de?! Eu tenho ainda forças para os viver, se o anjinho me der a mão... Ide buscá-lo...

Desciam as lágrimas e estancavam nos vincos das venerandas faces.

Angélica Florinda trouxe o menino. O monge ajoelhou, e, com ele nos braços, disse:

— Senhor!, amparai-o! Depois, passou-o aos braços da mãe, levantou-se abordado e muito a custo, sentou-se,

voltou a recebê-lo no colo, e murmurou, como lhe caísse no rosto da criancinha uma das suas lágrimas:

— Também é batismo este! ... A igreja recebeu-te pela ablução do sacramento, e eu te recebo na minha alma pela ablução das lágrimas...

Em seguida, feito um doloroso esforço, perguntou: — tendes notícias de Tomás?

— Tive-as há dez dias. Veio aqui dar-mas com uma cartinha um oficial amigo dele. Hoje quando o vi, pensei que mas trazia... Esteve aqui algum tempo e disse-me que não têm vindo cartas de lisboa. Parece que o inimigo tem cortado todos os caminhos e apanhado os correios. Mas ele vinha tão triste! ... Perguntei-lhe o que tinha, e só me disse que estava em grande risco a defesa do porto, se não tomava o senhor Saldanha a tomar o comando da guarnição. Será assim?

— Creio que é, minha filha. Todos os militares se queixam da inação do general stubbs.

— Mas eu sem ter notícias dele... — disse Angélica, e, passados instantes, ergueu-se de salto, pôs as mãos e

exclamou: — vossa paternidade é um santo!, peça a deus que lhe diga se ele está morto ou ferido... Peça, senhor frei jacinto, pelas cinco chagas do senhor!

— Santo me chamais, filha! ... Não injurieis os virtuosos, que são aqueles que deus poupa às ingentes agonias desta vida! ... Levantai-vos... Eu hei de pedir ao senhor que...

O monge não tinha ideia nem palavras. Soluçava. E Angélica, não podendo entender aquela ânsia silenciosa, tratou que ao frade naquele instante fora revelada a morte de Tomás.

— Pois ele morreu? — bradou ela, caindo outra vez aos pés do frade com o filho estreitado ao seio.

Ele morreu?... Santo deus! ... Disse-vos alguém que ele tinha morrido?

— Não; mas vossa paternidade não me responde... — que hei de eu responder-vos, filha? Pedis-me milagres? Posso eu saber se Tomás está morto?

Neste momento, ouviu Angélica proferir a palavra "coitadinha". Atentou o ouvido, e escutou estas vozes: "ela ainda o não sabe. " foi impetuosamente à vidraça e deu de

rosto com as duas vizinhas que a contemplavam com os olhos marejados. Correu à porta e perguntou:

— Que é?!, que estavam a dizer?... — nada, senhora Angélica... — disse uma das mulheres. — estávamos cá falando...

— Vossemecês. Disseram que ela ainda o não sabe — insistiu a atribulada mãe. — quem é que não sabe o quê?...

Não lhe responderam, e iam caminhando com os olhos em terra. Angélica saiu à rua, travou pelo braço de uma e bradou:

— Diga-me o que é... Diga, que eu morro de medo... Morreu o senhor Tomás?...

— Assim como assim, há de sabê-lo-tomou a mulher. — morreu, morreu o senhor tenente no dia cinco...

— Ó senhor frei jacinto! — exclamou Angélica num tom de voz indiscritível, correndo vertiginosamente para a porta. — ouviu?, esta mulher diz que o senhor Tomás morreu...

Morreu?... Diga-me se morreu!

O frade, tremente e mal firme nas pernas convulsas, tirou-lhe do seio a criancinha, quando ela ia já tombando sem acordo ao pavimento. Acudiu a ama do menino, expedindo grandes gritos. Entraram ao pequeno recinto os vizinhos, já todos sabedores da desgraça que nem por isso abalava grandemente a compaixão dos que já tinham chorado amigos, irmãos, pais e esposos.

Frei jacinto pediu aos concorrentes que se retirassem e o deixassem a sós com a sua ama. Despejada a casa, o ancião sentou-se num a banqueta e puxou para os braços e seio a pobrezinha que arrancava do coração vozes inarticuladas. Por sobre a lívida face dela erguia o monge as mãos e mentalmente orava, postos os olhos nas imagens que pendiam das paredes. O menino brincava com as tranças soltas da mãe, e retraía-se quando ela vociferava uns sons roucos de estertor como os do ralo da morte. Frei jacinto de deus continuava a orar; e, no meio da sua oração, disse em alta voz:

— Olhai para este menino, deus misericordioso! Senhor dos atribulados, eu vos ofereço as minhas angústias de

tantos anos pela vida desta desamparada mãe. Não lhe tireis assim o alento, que está ali aquele orfãozinho! ...

CAPÍTULO III

MEDICINA DA ALMA

Uma alma trespassada de saudades de outra, que passou ao infinito, dois remédios tem somente que a socorram: a religião é um; o outro é de tanta vulgaridade que faz pejo dizê-lo: é a distração, sinónimo de outro vocábulo ainda mais raso: divertimento. As curas operadas pela segunda espécie sobre-excedem muito as do bálsamo divino.

A gente, a cada passo, dá de rosto em teatros e salas com umas criaturas risonhas de quem, noutros dias passados, lamentámos as desventuras como se fossem nossas.

Poderíamos, a olhos secos, ver a jovem viúva que perdesse o esposo antes de festejar o seu primeiro aniversário de amantíssima e ditosa consorte?

Que alma não vestiria luto, vendo uma cariciosa mãe perder um depôs outro os seus filhos todos, já criados e

formosos, e ficar velha e solitária ela, sentando-se à mesa do repasto, a contemplar vazias as cadeiras dos filhos?

Qual julgaríeis que devia ser o remate das aflições da irmã que viu pai e irmãos engolfados na vaga da tempestade que os revessou à praia tão menos de cadáveres que nem pedaços restaram sobre que a piedade filial pudesse tributar os responsos fúnebres em que deus quer que vá não pequeno desafogo?

Pois quem salvou a mãe, a esposa, a irmã que ontem vimos a louçanear por bailes, a estadear-se nos teatros, a emular seu quinhão de júbilos onde concorrem os felizes ainda não apalpados pela desgraça? Quem as salvou? Foi a distração, o divertimento.

E porque não seria a religião? Não é daquela sorte que a religião cura. As curas do céu são esperanças e conformidade. Aqueloutras que vedes chamam-se "esquecimento". Onde está o bálsamo piedoso está a memória permanente com lágrimas já desacerbadas do amaríssimo desesperar, já doces, já suaves e olorosas como a oração.

A "distração" que vos deu renascidas e vivedouras criaturas, ao primeiro encontro, preadas da sua angústia, é fealdade assim humana que abjeta: há aí coisa de nojo e vergonha. A religião cura; mas os convalescidos da mortal enfermidade nunca mais voltam a buscar contentamentos onde eles se recebem em troca da memória doutros, que era sagrado dever não atraiçoar.

Vem isto como prefácio da restauração de Angélica Florinda que a ciência de curar almas e corpos prognosticou morta ou louca.

Nem louca, sequer: trivialidade romântica de que não encontrei três casos bem averiguados no hospital de doidas, onde mais de cem riam e choravam.

Mês e meio assistiu frei jacinto de deus à cabeceira de Angélica. Pôde ele criar no espírito da enferma a imagem do céu; depois a da esperança; a morte como transformação para a vida infinita; a reunião das almas santificadas pela agonia terreal; a consciência dos espíritos de além-mundo em coisas deste; a memória e constante visão dos entes queridos que ficaram aquém dos áditos da eternidade, esperando redimirem-se.

O monge tinha créditos de santo no ânimo de Angélica. Chamava-lhe filha, e ajoelhava à beira da sua cama, pedindo a deus que lhe demorasse o dormir das cruelíssimas noites. Espertava Angélica, e via as cãs do anciã o encostadas ao seu travesseiro. O santo dormia, e ela apertava na garganta os gemidos para o não acordar.

À crise perigosa sucedeu a oração. Passava o mais das horas nas igrejas desertas. Naquele tempo a cristandade portuense amortecera. Cheirava o ar à sangueira: quem se afez àquilo respirava mal o fragrante incenso dos templos. As viúvas e órfãos dos mortos nas trincheiras não encontravam ninguém que os mandasse pedir remédio a deus. Deus!, para quê? Não sabia já o gentio que os conventos, cruzes e deus ia tudo acabar? E que, vencedora a civilização, só teriam fome os vencidos? A heroica plebe acanalhava assim o progresso. Depois é que se viu que o progresso, em verdade, não ia longe disso.

Recolhamo-nos, ao ponto. Já confiado frei jacinto na resignação de Angélica, falou assim:

— Filha, eu devo a deus a mercê de me dar um bom sobrinho com abundantes bens de fortuna. Foi-me grato.

Era filho natural do meu irmão. Adotei-o, perfilhei-o, dei-lhe a casa que me viera por sucessão. Hoje diz ele que não é dono, mas sim administrador das minhas terras. Pede-me ele que vá para a sua companhia, e eu, Angélica, peço-te, que venhas também.

— Vou... Irei... — murmurou ela. — não vens de vontade, filha? — acudiu o monge inferindo da balbuciação o constrangimento. — diz ao teu amigo que outro intento tinhas?

— Nenhum. — mentiste, Angélica! — voltou o frade com severidade. Pôs ela as mãos e disse:

— Perdoe-me... Eu menti.

— Perdoada estás.

— A minha vontade era voltar para o convento.

— Irás, que vais bem. E o teu filho? Deixar-mo-ás levar...

— O meu filho!... — atalhou ela. — pois eu tenho de me separar dele?

— Tens: as crianças não são ou não eram dantes admitidas nos conventos... Remediemos, se te parecer bom

o meu alvitre. O pequenino está acabando a sua criação; deixá-lo estar aqui até aos três anos; podes vê-lo todos os dias. Aos quatro anos, se eu ainda viver, tomo conta dele para o mandar educar; e, se eu tiver morrido, o meu sobrinho se encarregará de o fazer homem. Isto parece-me bom...

— É tudo bom o que a vossa paternidade ordenar; são ordens de deus.

— Pois se são ordens de deus, aí vai outra. Recebereis no convento o necessário para a tua sustentação. Não quero que vás servir, porque não tens forças para o trabalho de fabricar doce. Comprarei uma cela para ti, e viverás recolhida como as seculares. A criação do meu jacinto corre cá pelo almoxarifado do frade. É galantaria os meus oitenta anos a cuidarem nos incómodos da dentição do pequerrucho. Abrigue-se a violeta debaixo do sobreiro secular. Veremos se consigo tirar pérolas de virtudes daquela pequenina concha; e, se conseguir, aparecerei adornado com elas na presença do meu juiz.

CAPÍTULO IV

EPISÓDIOS DE FREI JACINTO

Tudo se facilitou às diligências do solícito monge. A freira, que tinha sido ama de Angélica, cedeu-lhe parte da sua casa; e, além do afeto antigo, recebeu-a com respeitosa compaixão da sua desgraça. Perto do convento, nas escadas do codessal, alugou o frade um sótão para a criadora do menino, a qual já se disse que era mulher do camarada de Tomás.

Feito isto, frei jacinto foi para a sua aldeia, deteve-se alguns dias festejando os filhos e netos do seu sobrinho, e saiu caminho de Tibães em busca do leigo frei Manuel da redenção, por conta de quem correra a fuga do colegial de relojos. O frade porteiro, quando reconheceu frei jacinto de deus, fez pé a trás e exclamou:

— Vade retro, satanás! Como o ímpio malhado ousa bater às portas santas desta casa! Vem espionar o que se

passa?, quer ir dizer aos do porto o dinheiro e as alfaias que há em Tibães?

— Não, meu irmão — disse o monge. — eu venho saber se ainda vive frei Manuel da redenção.

— Era dos da sua laia... Morreu... Já o levou o diabo, assim como o outro seu amigo que fugiu para a terceira... Todos têm o pago...

— É assim, irmão, é; todos têm o pago. Fique-se o nosso irmão com a graça de deus.

Afastou-se caminhando morosamente o frade até cavalgar a mulinha que o esperava ria estrada. A notícia de tal visita reboou nas claustras e ainda alguns frades encanecidos tiveram a fortuna de ver frei jacinto a distância de o injuriarem com palavras e apupos.

— É o mosteiro que está nas agonias do ébrio que se afoga em lama — disse o monge a dois netos do seu irmão que o acompanhavam.

Dali jornadearam, por terras de basto, desviando-se já de um, já de outro bando. Chegados a S. Pedro de Alvite, vizinhança de S. Miguel de refojos, o frade pediu noticias

da família de Tomás de Aquino. Estava o irmão mais velho na casa de que era senhor. Pediu que lho chamassem. Desceu o morgado ao terreiro da casa, reconheceu o amigo do seu irmão e disse-lhe sacudidamente.

— O doido lá o atravessaram as balas em lisboa. Foi a desonra da nossa casa. O pai morreu na defesa do altar, e o filho acabou na fileira dos ateus.

— Seu pai defendia o altar? — perguntou frei jacinto. — pois não sabe que os liberais de fafe o mataram no Ladário? Vossa paternidade está-se a fazer parvo!

— Constou-me que o mataram; mas disseram-me que o senhor Simeão de Aquino andava agarrando homiziados para os entregar àquele grande ministro chamado João branco, o qual decerto não era ministro do altar.

— Pudera não! — tomou o irmão de Tomás com certo júbilo de ver já notícia a dedicação do seu pai. — e a vossa paternidade, se pudesse, não os agarrava também?

— Agarrava para escondê-los do pai da vossa senhoria. — que tal está o patife do frade! — exclamou um oficial de

grandes barbas, arrastando a espada, e coriscando dos olhos áscuas de cólera.

Frei jacinto de deus encarou serenamente no temeroso homem, diante do qual todos se afastavam e descobriam, e disse:

— É vossa senhoria o senhor pita bezerra, se me não engano.

— Sou.

— Conheci-o muito novo e dócil menino em casa do seu tio o senhor capitão-mor de cabeceiras, serafim Pacheco dos anjos.

— E daí? — bradou o celebrado carnífice. — pensa que não o mando despir e chibatar, seu indigno frade, que ousa dizer que escondia os malhados do justo castigo que os espera?

— Apoiado! — exclamou o irmão de Tomás de Aquino.

— Eu lhe direi, senhor — redarguiu o monge — , esconderia da ira inconsiderada do seu inimigo todo homem em aflição; esconderia no meu hábito o senhor pita

bezerra, se amanhã os seus inimigos viessem bradando que era justa vingança matá-lo. A todos esconderia, a mim é que me não escondo dos homens; esconder-me-ia só de deus, se pudesse. Pode pois vossa senhoria mandar-me chibatar, se nisso lhe vai satisfação.

— Não mo peça segunda vez! — bradou o capitão de infantaria 13. — cadeia com ele e com estes que o acompanham!

— Estes são inocentes, que ainda não proferiram palavra, senhor pita bezerra! — disse o monge. — parece-me justo que os não prendam.

— Não me pregue lérias! Ferros com eles, antes que os mande passar pelas armas! ...

Alguns milicianos de Guimarães rodearam o frade e os sobrinhos com ar de constrangidos. Pita bezerra, como os visse frouxos na diligência, bradou:

— Querem ir todos a pontapés? Os presos entraram ao anoitecer na cadeia das pereiras. Os mancebos choravam e o tio frade dizia-lhes:

— Então, rapazes! Chorar!? Que pusilânimes sois! ... Não vos envergonham os meus oitenta anos! Eu também nunca pernoitei entre estes ferros; mas, se me não engano, o sono das consciências quietas não estrema o cárcere nu, de uma boa alcova cortinada. Se deus vos deparar uma cama, muitas graças lhe daremos.

Pouco depois, chegava à cadeia um velho carregado de colchões. Lançou-os ao chão e ajoelhou-se a beijar a mão do frade.

— Estou-vos conhecendo... — disse vacilantemente frei jacinto.

— Conhece vossa paternidade em mim o leigo João do socorro, o criado e amigo do senhor frei Tomás de são plácido que deus tem.

— Se conheço! ... Não vos vi eu em alpendorada, pouco há? Então há ainda mais uma terceira pessoa que chore o nosso infeliz Tomás! ... Bem-vindo sejais irmão!... Deixastes de todo o hábito? Servi a deus sem ele. Visitai os encarcerados como agora fizestes, dai-lhes uma palhas para que o frio das pedras os não tolham, e isso vos valerá

muito para a salvação diante do senhor, que não pesa na sua balança os hábitos, viveis com os parentes de Tomás? Mau homem me pareceu o irmão!

— Não, senhor. Fui expulso porque defendia o nosso infeliz das aleivosias do irmão. Levo minha vida em negócio de colmeias, e graças a deus, não tenho fome nem frio. Há ano e meio que comecei, e já posso oferecer a vossa paternidade algumas moedas de ouro, se me faz a esmola de as receber e pagar-mas em missas por alma do senhor Tomás.

— Meu irmão, eu vos direi as missas, se viver, e vós me dareis como esmola o prazer de sufragar por vossa conta a alma do nosso amigo. Levai nas boas horas o vosso dinheiro que nos não é mister. Ide em paz, que ainda me falta mais de metade da minha reza.

Ao outro dia, os filhos do sobrinho de frei jacinto foram postos em liberdade. O monge, porém, ficou para responder pelo crime de ter saído de S. João de alpendorada com o propósito de se juntar, como de feito juntou em Penafiel, aos rebeldes.

Levado a perguntas, o réu respondeu singelamente que fora despedido...

— Porquê? — perguntava o juiz ordinário.

— Por não pegar em armas.

— E porque não seguiu o honroso exemplo dos outros frades ?

— Porque o exemplo não era bom. — e preferiu unir-se aos rebeldes? — não me uni: levaram-me preso, escarneceram-me, derrubaram-me facilmente na lama da rua; mas ainda assim houveram-se com caridade comigo. Não me caluniaram.

— Que fez durante o tempo que esteve no porto?

— Algum acto bom que deus nosso senhor me descontará nos maus.

— Responda inteligivelmente. Em que se ocupou?

— Exercitei o meu oficio. — que oficio?

— O dos viadores neste desterro: a caridade. — de que modo? — do modo ensinado por jesus: fiz bem a amigos e

inimigos. Não me saiu, porém, a sorte feliz de bem-fazer senão aos que me estimavam e amavam.

— Aos liberais? — a uma família desamparada pela morte de um liberal. Mandaram-no voltar para a cadeia, e no dia seguinte deram-lhe liberdade, porque muitos cavalheiros realistas de basto conjuraram a favor do monge, que tinha renome de bom homem, algum tanto estonteado pela grande velhice. Salvou-o a fama de tresloucado.

Abrigou-se o frade no seio da família e descansou alguns meses. Ultimada a guerra e chegado o lanço das retaliações políticas saiu a pedir e orar caridade e misericórdia com os vencidos. Apaziguados os tumultos no seu concelho, voltou ao porto, onde o chamavam saudades de Angélica e do seu pequenino jacinto.

Angélica apareceu-lhe já de todo desformada da beleza com que ainda entrara no mosteiro. Observou o padre que a linguagem dela era refinadamente mística com os seus entremeios de crendices disparatadas. Dizia maravilhas dos exercícios espirituais de Afonso rodrigues, e contava os milagres feitos por freiras mortas e vivas daquela casa,

muito mais inverosímeis do que os contam as crónicas franciscanas. Frei jacinto de deus — muito bem, minha filha, folgo de vos encontrar tão espiritual; sinto, porém, que a matéria se vos converta em espírito mais que o útil e necessário. Estais muito acabadinha.

— Os jejuns e os cilícios.. . — murmurou ela. — quem vos inculcou a precisão de jejuns e cilícios — um fradinho muito santo da arrábida que está em casa de uns fidalgos e vem aqui confessar algumas santinhas.

— O frade é santo, e as freiras são santas... — volveu o egresso, coçando a calva. — e diziam que a liberdade vinha empobrecer o futuro calendário de Portugal! Será essa gente bem santa, minha filha? Se tu quisesses, reflexionávamos um pouco sobre o que cada um deve a deus, a si e ao próximo. Estes deveres bem cumpridos produzem excelentes qualidades em quem os pratica. Formam-se com eles a mulher boa e o homem bom. Quanto a santos, isso é lá com deus que os vê, e com o espírito santo que os canoniza.

— Pois não é santo o fradinho da arrábida? — replicou ela com espantado reparo.

— Que sei eu do fradinho da arrábida, minha pobre Angélica! Será santo, e todavia não jejuará até ficar em osso, e talvez não ande mortificado com as rosetas dos cilícios...

— ... E toma todas as manhãs uma disciplina.

— Conta-vos ele essas penitências?

— Dizem-no as fidalgas.

— Pois bem pode ser que ele precise das penitências; mas tu, filha, não tens pecados que...

— Eu! ... Mãe de deus! ... Há maior pecadora do que eu fui! — exclamou ela gesticulando à feição de muito aflita. — por causa do meu pecado é que o senhor Tomás morreu... Fui eu a causa da sua morte... O seu eu o não fosse desafiar ao convento, estava ele vivo... E assim está morto e talvez para sempre nas penas do inferno!

— Isso disse-to o fradinho ? — sim, senhor frei jacinto; e eu, esperando que deus não a bruxa do monte Córdova condenasse ao inferno a alma do senhor Tomás, aplico todas as minhas penitências por alma dele a ver se o tiro do fogo do purgatório.

Deteve-se o consternado monge a contemplá-la, e perguntou-lhe:

— Tens visto o teu filhinho? Rompeu Angélica em soluços e gemidos, podendo apenas dizer:

— O confessor não quer que ele cá venha, senão de longe a longe.

Feita uma longa pausa, tomou frei jacinto:

— De sorte que eu perdi todo o império que tinha na tua alma! Há seis meses a minha vontade eram ordens divinas. Hoje, eu, em comparação do arrábido, sou nada. Que admira! Se tu deixaste de ser boa mãe, como havias de ficar amiga do teu velho enfermeiro! ... Pois pudeste, Angélica, obedecer ao fanático estúpido que te ordenou que lançasses de ti, e do teu amor, e do teu coração o filhinho de Tomás de Aquino? Assim pagas à memória daquele bom pai que tanto amava o seu menino, como tu me contaste? Não te disse ele uma vez: "se eu morrer em batalhas, e te faltar o beneficio dos teus e dos meus parentes, toma no colo o nosso filho, vai às portas dos meus camaradas, e pede bem alto: esmola para o filho do voluntário da rainha

Tomás de Aquino!" Angélica Florinda ofegava lavada em lágrimas. O monge prosseguiu: — visse-te ele assim do céu, do purgatório ou do inferno, que não teria senão lágrimas para o filho e maldições para a mãe! Que quer esse frade que faças à criança? Que te diz? Que o enjeites? Responde, filha!

— Não me diz senão que deus o protegerá — balbuciou Angélica.

— Mas não se oferece ele para to proteger? O fradinho santo não quererá fazer a caridade de recolher o inocente filho do crime, de modo que nunca o remorso tenha em tempo algum de esmagar o coração da mãe?! ... Basta de hipocrisia, de bestialidade fradesca e de crueza maternal! — exclamou o monge, levantando-se convulsivo, e batendo rijo com o punho na banqueta da grade. — basta, Angélica! Digo-te em nome de deus que esse frade, se não é estúpido, é infame!

— Jesus! Santo nome de jesus! — gaguejou ela a tremer e a enfiar.

— Infame ou estúpido! — recalcitrou frei jacinto. — diz-te que abandones o teu filho? Pois sabes tu que as mães descaroadas, as mães que desamam os filhos, não pode haver deus que lhes perdoe nem céu que as receba. As virtudes das virgens são benquistadas do senhor; mas as mães, que pensam sanear um crime com outro crime, não restauram com isso o poderem ombrear com as honestas e puras. Aos olhos de deus hás de ser sempre a criminosa que pensaste iludir seus juízos pondo os pés sobre o inocentinho para que deus to não visse.

A este tempo, Angélica estava ajoelhada, com o rosto entre as mãos, soluçando e expedindo a espaços uns gritos que chamaram gente à porta interior da grade.

A pobre mulher dera tento de avizinhar-se alguém e fazia aflitíssimos sinais de silêncio ao monge. Ele, porém, duplicando a veemência da voz, clamou:

— Eu queria fazer saber às senhoras desta casa que é preciso trancar suas portas à peçonha que saiu da postema dos conventos! Queria dizer-lhes que está ensopada em sangue a terra de Portugal por causa do fanatismo sacrílego dos frades que pregoaram a caridade das forcas e

insinuaram nas almas ignorantes doutrinas sanguinárias, intervenção de deus em baixas misérias do género humano, um jogo ímpio de céu e inferno para tudo e de tal forma que não haverá hoje alma iluminada por um lampejo de razão que possa conceber prémios nem castigos fora deste mundo, em que os visionários da casta do arrábido tomaram escamecíveis todas as coisas sublimes da religião de jesus cristo!

O frade caíra extenuado na cadeira, apanhando as bagas de suor da manga da batina.

Corridos momentos, levantou-se, apoiou os braços nas reixas.

— Angélica! ... Vou ver teu filhinho ...

— Vá, vá... — disse ela gemente e ansiada. — queres que o teu velho frade traga consigo a criança?

— Pois sim... — balbuciou ela amedrontada. — ora eu to agradeço em nome do meu pobre Tomás! Ele está contente por ver que não precisas tomar o menino no colo, e clamar às portas dos liberais: "esmola para o filho do voluntário de dona maria segunda! "

CAPÍTULO V

A SENHORA MARIA

— Ai! Deus o traga! — exclamou a ama, quando viu o egresso. — ando há dias pra mandar escrever a vossa senhoria para amor da mãe do jacintinho!

— Aqui me tem, senhora maria. Já sei o que me quer contar. — já!? Ainda bem! Esteve onde a ela?

— Estive. — e viu como o berzabum da beata está cabra pró filho? Tenho lá ido com ele de oito em oito dias, falo à portaria, a porteira manda-a chamar; e ela — má raios!

— Manda dizer que está muito ocupada! Bedes bós no que deu aquela criatura! Plos modos foram os crelgos que lhe deram volta ao miolo! Tanta choradeira que fazia ao princípio quando eu lá ia, e então depois às duas por três dá em santeira e despreza este menino que é mesmo a formosura do céu! Ora venha vê-lo, senhor frei jacinto!

Olhe como ele está lindo no bercinho! Se não fosse a caridade da vossa senhoria, este anjo ia prà roda!

— Vossemecê tem recebido sempre os seus ordenados? — isso lá ainda o dia do fim do mês não está acabado e já o dinheiro me entra pela porta dentro. Bem no diz o meu homem: "se os frades fossem todos como o senhor frei jacinto, a religião não acabava ... " — então por cá entendem que a religião acabou, senhora maria?

— É o que diz o meu homem. Eu bem me custa não ir à minha missinha, porque fui criada com ela; mas o meu bento gomes diz que deus está em toda a parte, e que a hóstia é pão, e o vinho do cálix é...

— É vinho — atalhou o frade sorrindo e continuou: — então seu homem também é filósofo e espírito forte?

— Nada; o meu homem pediu a baixa do serviço, e está empregado em guarda da alfândega. Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos rins, por isso pediu a baixa, e está ganhando três tostões e dez réis. Graças a deus, vamos remediando a nossa vida.

— Sempre vossemecê vai dando graças a deus! ... Alguma religião há nesta casa...

— Pois lá deus, isso nem dado nem de graça. Quem fez o mundo?

— É verdade... Quem fez o mundo, e quem fez a vossemecê...

— Isso foi o meu pai, acho eu.

— Também eu acho isso; e o seu avô fez ao seu pai...

— Olé! — e quem faria o seu último avô que não teve pai? — desse não me falava a minha avó: acho que ela já o não conheceu...

— Nem eu, apesar de ser muito antigo.

O frade dialogava e sorria, ajoelhado à beira do berço, anediando as madeixas louras do pequenino. Depois, descobriu-lhe os bracinhos nus, viu uns garatujos escuros na polpa de um braço, no outro umas armas reais com letras, e perguntou espantado:

— Que é isto?!

— Foi meu marido que lhe fez estas coisas com tinta, que fica para sempre na pelzinha. Neste braço estão duas letras: um t e um a. Não são?

— Parecem-no. — quer dizer "Tomás de Aquino", que era o pai do menino. Nestoutro bracinho está a coroa real da nossa rainha e por baixo estas letras dizem "viva dona maria segunda". Não está bem feito?

— Mas isto foi uma crueldade! A criancinha decerto chorou com dores.

— Agora chorou!, não tugiu nem mugiu! A senhora Angélica também entrou a barregar quando viu isto... O meu marido encheu-me o corpo destas trapalhadas... Quer vossa senhoria ver uma "senhora da rocha" que eu tenho na bucha do braço?

— Não é necessário... Deixe lá estar... — e noutro tenho um "santo solimão ", que livra de feitiços e maus olhados. Pois não livra, senhor frei jacinto?

— Sim, senhora maria, santo solimão livra de tudo o que vossemecê quiser.

— Está a chalaçar vossa senhoria!.. , — tomou a ama a rir de velhaca. — eu também não tenho fé com isto; mas o meu bento quis... Vá lá... Se hás de ir prà taverna, faz quantos solimões prà aí quiseres.

— Pois melhor seria que ele, em vez de estragar os braços deste menino, fosse para a taverna. Diga-lhe que eu o proíbo de escrever no corpo da criança... E amanhã, senhora maria, esteja pronta com o menino às dez horas, que temos de ir ao convento. Deixe-me dar-lhe um beijo sem o acordar... Até amanhã...

— Olhe lá, senhor frei jacinto! — disse a ama-, não sabe que prenderam o pita bezerra? Aquele grande carrasco?

— Prenderam? — mas o povo está na cordoaria à espera que ele saia do tribunal da rua da fábrica para o matar. Eu, se não tivesse esta criança, também lá ia cortar-lhe uma orelha.

— Que mal fez o pita bezerra à senhora maria? — perguntou o frade.

— Diabos o arrastem, que nunca o vi; mas matou aí gente nesse porto que não lhe sei dizer. Eu disse a duas

vizinhas que lá foram: ó mulheres, se me trazeis a ponta do nariz desse ladrão pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais ele está pelas portas da morte.

— Essa sede de sangue é imprópria de uma mulher, senhora maria...

— Pudera não! Tomara eu ver todos os caipiras picados como cebola de estrugido.

O frade ia dizendo entre si: "O sexo fraco, do qual dizem que a brandura da alma é o seu particular condão! ... " encaminhou-se frei jacinto de deus à rua da fábrica. Quando chegou à rua de santo António, viu grande chusma de povo a desbordar da viela do correio, urrando "morras" e floreando no ar espadas e chuças. Ao convizinhar da revoluteante mó de mulheres, maltrapilhos e garotos ouviu que os gritos diziam: "morra. O pita bezerra." perguntou onde estava ele e disseram-lhe que estava a ser julgado e que o esperavam para o matar.

— Não seria melhor que o deixásseis ser castigado pelas leis?

— Quais leis nem qual diabo! — bradou um soldado dos batalhões fixos, sacudindo uma espada curta. — a lei é o povo! Será você algum burro da panela dele?

— Não sou, camarada — respondeu serenamente o frade eu sou um dos que ele meteu na cadeia.

— E então está aí a dar aos taleigos a favor do malvado que tirou um pedaço de nádega ao meu irmão, salvo tal lugar, aqui! Ora meu velhote, não se vá fazer fino com palavreado lá para o meio do povo, que lhe vão à pavana! Tome o meu conselho...

Frei jacinto muito cosido com a parede, pedindo licenças com a maior humildade, chegou até à porta do tribunal, a tempo que pita bezerra descia as escadas entre soldados.

Ao verem-no, centuplicaram-se os gritos. Os silvos das mulheres, como os da cobra cascavel, sobrelevavam os rugidos dos tigres, que nada menos se figuravam aqueles homens recurvando as garras para o cevo da carniça.

Pita bezerra, já condenado à morte, chegou ao limiar do pátio com o sangue já represado no coração. Encostado no alisar da porta estava o frade. O sentenciado, que ali

chegara com parecenças de cadáver, encarou no homem da batina.

— Sou aquele pobre frade, senhor pita bezerra... — disse frei jacinto de deus; e, assomando no umbral da porta, disse voltado para o povo: — não queirais manchar vossas mãos puras com o sangue do criminoso. Povo valente, povo magnânimo! Vós destes à justiça a vitória; quebrastes as algemas aos legisladores; deixai agora à justiça a missão de vos vingar.

— Que diz o asno? — bradou uma regateira. — fora burro!... — conglobaram-se muitos gritos. — quem vos fala-tomou o frade imperturbável-é um dos homens inofensivos que este cruel lançou em ferros. Mas não permita deus, nem a liberdade, que os vossos braços conquistaram, que eu vos incite a matar este criminoso sem que todas as suas vítimas o possam ver no patíbulo. Sabeis que se mata um homem num momento? Que é pequeno castigo para este matador tirar-lhe num instante a vida, quando ele tantas arrancou vagarosamente com demorados tormentos? Não querereis antes vê-lo caminhar do oratório à forca? Cidadãos!, deixai-o entrar com vida na cadeia; e não lhe

deis o prazer de o matar num curto momento; porque ele decerto antes quer a morte repentina com que o ameaçais do que a lenta agonia do oratório e o espetáculo da infamante morte. Quantos parentes vossos caíram nos baluartes desta cidade acutilados ou varados de pelouros? Morreram, e contudo eram honrados defensores de uma causa justa! E quereis vós, imprudentes, que este homem acabe como acabaram os valentes que chorais? Quereis que ele não tenha paroxismos mais duradouros? Quereis que ele daqui a cinco minutos esteja insensível aos castigos que devem prolongar-se até que o peso do carrasco lhe aperte a garganta? Cidadãos, vede o que fazeis! A vida deste homem deve ser cortada fio a fio. Se o matais de um golpe, podereis dizer que não vingastes as vítimas de pita bezerra.

— Apoiado! — conclamaram muitas vozes. — apoiado!, deixá-lo ir! Não se mate! Diz bem o padre: há de morrer aos pedaços! ... Ferros com ele! Deixem passar, mulheres!

A escolta abriu passagem. Pita bezerra ao perpassar pelo padre baixou-lhe um olhar de implorativa gratidão. Frei jacinto não o encarou.

Vinte passos andados, a turba que sobreveio do lado dos clérigos, e não tinha ouvido a alocução triunfante do frade, rompeu de chofre e ferro apontado contra a escolta, arrancou do preso, acutilou-o, espedaçou-lhe o rosto, estrangulou-o com um grosso esparto, arrastou-o esfacelado pelas ruas, e levou-lhe o arcaboiço meio escamado à beira do douro, onde arrojou, urrando uma prolongada dissonância de gritos exultantes, vociferados pelos mesmos que tinham cuspido afrontas às cabeças cravadas nos espeques da praça nova em 1829.

Era o mesmo povo. Frei jacinto de deus, quando viu ir no pendor da calçada dos clérigos o cadáver de rojo, deixando um rasto de sangue, chorou e meditou as palavras do profeta:

"acaso não punirei eu estes excessos?, diz o senhor. De uma gente como esta não se vingará a minha alma? coisas espantosas e estranhas se têm feito na terra! " (*) *[(*) jeremias. Cap. V, vers. 29 e 30.]*

CAPÍTULO VI

O ARRÁBIDO

Anunciou-se frei jacinto de deus na portaria de santa clara. Disse a madre porteira que a senhora angelicazinha passara tão má noite que o médico a não deixava sair da cama enquanto durasse a febre.

— Aquilo é peta — disse a ama desabridamente. — está tão doente como eu. Tem vergonha de falar ao filho, a senhora beata!

— Cale-se, mulher! — obstou o frade; e continuou à porteira:

— Faça-me a senhora a mercê de lhe dizer que está aqui frei jacinto de deus.

— Tanto monta dizer-lho como não — redarguiu a religiosa. — o médico não a deixa sair da cama.

— É o médico ou o santo fradinho da arrábida? — replicou muito gravemente o beneditino.

— Não foi o fradinho — respondeu de muito boa fé a franciscana — , foi o próprio doutor em pessoa que mo disse a mim.

— Havia de ser o frade — interveio a senhora maria, esposa do espírito forte da alfândega. — que eu me não levante mais daqui se não foi o machacaz do frade! Má mês pró diabo do impostor, que anda aqui a comer as freiras com bichancrices! O meu bento já me disse que qualquer dia lhe pega pelas pernas e o estatela numa esquina! Olha a praga que havia de cair neste convento!

— Senhora maria — disse o monge entre risonho — , faz favor de não se meter na minha conversação com esta senhora?

— Não que eu estou passada! — clamou a freira. — mulher de mais má-língua nunca se viu neste pátio! Se fosse noutro tempo já estava na cadeia...

— Ouviu? — retrucou logo a ama, levantando-se direita com o locutório e pondo o pé à facaia, e as mãos nos

quadris. — olhe! — e com a ponta de um dedo arregaçou a pálpebra inferior do olho direito. — ouviu, senhora freira?... Viste — lo? Esse tempo já lá vai. Cadeia!, olha a seresma que ainda está apaixonada pelos caipiras! Estas santeiras de borra que os traziam aqui pelos muros da cerca a trepar lá pra dentro...

— Perco a paciência, senhora maria! — volveu frei jacinto, vendo que a porteira se retirara receosa de maior insulto. Faz favor de se retirar com o menino, que eu já lá vou ter a sua casa.

— É melhor, é... — condescendeu a ama sacudindo-se para fora. — não vá eu fazer das minhas, que não sei já onde estou!

Chegou-se ao ralo outra vez a madre, e disse muito comovida:

— Esta desavergonhada, cada vez que a senhora angelicazinha não vem à grade, fica aí a dizer injúrias ao convento. Vossa senhoria não consinta que ela cá volte...

— Não terei remédio, visto que ela é a ama do filho da senhora Angélica.

— E o rapaz que vem cá fazer? — tomou a porteira com edificativa intolerância. — É um escândalo andar por estas grades um filho de uma recolhida, demais a mais filho do pecado.

— Seja embora pecado o pai, a mãe é ela; e então que tem que o filhinho aqui venha?!

— O senhor frei silvestre do coração divino não quer; chorou quando soube o abatimento a que desceu este mosteiro tão reformado.

— Ah!, ele chorou?

— Sim, senhor... Chorou... — santo homem! ... Quem mo dera conhecer!

— Pois vossa senhoria não conhece o senhor frei silvestre do coração divino?

— Por meus grandes pecados, não! — isso trazem-no aí nas palminhas todos os fidalgos! A cara é já de santo. Tudo que aconteceu nesta guerra dizem que ele o profetizara, e agora de futuro já profetizou que o senhor dom Miguel primeiro dentro de ano e dia está em Portugal.

— De el-rei dom sebastião não diz nada frei silvestre? A seriedade das perguntas de frei jacinto não deixava reluzir vislumbres de ironia.

— Não me consta que ele dissesse nada do senhor dom sebastião — respondeu a madre porteira. — eu pensei que já ninguém o esperava; e a vossa senhoria ainda crê na vinda do encoberto ?

— Eu lhe digo, minha senhora... Nisto, exclamou a freira: — olhe!, aí vem o fradinho... Voltou-se para o portão do átrio o monge, e viu entrando a passos curtos e mensurados, olhos em terra e braços pendentes, o arrábido com a sua batina, sapato de fivela de aço e chapéu tricorne.

Orçaria por sessenta anos, ainda frescaço, cores sadias, entroncado e algum tanto pançudo e cachaçudo.

— A cara é de santo que não passa mal... — disse a meia voz o monge à porteira. — ora dê-me vossa senhoria licença de lhe ir fazer os meus cumprimentos, como agora se diz.

E saindo-lhe ao encontro, abaixou cortesmente a cabeça e disse-lhe:

— Não perderei esta boa ocasião de saudar o senhor frei silvestre do coração divino.

— Não conheço vossa mercê — disse o arrábido. — fui frade também. Pertenci à ordem de são bento.

— Ah!, será vossa paternidade o senhor... O senhor... — frei jacinto de deus... — É verdade. Já uma minha filha espiritual muitas vezes me falou da vossa paternidade.

— A senhora Angélica, secular deste convento. — essa mesma. Tive hoje notícia de que ela estava muito doentinha — disse frei silvestre.

— Também agora o soube, vindo aqui para lhe mostrar um filhinho que ela tem...

— Valha-me deus, valha-me nossa senhora, valham-me todos os santos! — atalhou com santo frenesi o arrábido. — não falemos nisso, que é uma desgraça, uma verdadeira calamidade, senhor frei jacinto, e releve que eu lhe diga, com muitíssima agonia do meu coração, que não deve aqui vir mais essa criança, nem vossa paternidade consentir que a mulher não leve por diante a sua conversão que tão bem dirigida vai...

— Dirigida por vossa reverência... — atalhou o beneditino. — sim, senhor; eu estou contentíssimo do efeito dos sacramentos naquela alma transviada do céu; mas é preciso que se lhe afaste da vista e da lembrança aquele vivo e escandaloso testemunho das suas culpas.

— Vamos a pensar nisso... Vejamos para onde afastaremos a criança. O menino não tem pai, nem parentes, nem amigo compadecido que o receba. Tem de idade dois anos e sete meses. A ama, que o alimenta, se lhe faltar a paga, abandona-o, porque é pobre. Temos, pois, o pequenino desamparado. Onde quer o senhor frei silvestre que o levemos de modo que a mãe o esqueça?

— Eu... Não sei... — balbuciou o arrábido. — não sabe? ao meu ver, o expediente mais sumário seria matá-lo, afogá-lo entre as mãos ou num poço. Aqueles anjinhos facilmente voam das mãos dos verdugos aos braços de jesus cristo, que já neste mundo lhes quis muito: sinite ad me parvulos venire... Parece-lhe acertado o parecer?

— Vossa paternidade não fala sério! — replicou o outro.

— Então não há outro meio bom a escolher, senão o mais bárbaro?

— Temos outro-volveu placidamente frei jacinto. — alta noite pegamos da criancinha, e depomo-la aí na rua. Se ela não morrer de frio e medo até ser dia, acertará de passar alguma pessoa compadecida que a levante das pedras e a leve.

— Ora, senhor! — replicou o arrábido — , isso não é modo de tratar esta matéria! Vossa paternidade está zombando!

— Dê-me então o seu judicioso parecer, senhor frei silvestre. — não está aí a roda dos expostos? — É verdade. Não me lembrava a roda dos expostos. Tem vossa reverência lembranças santíssimas. É de justiça chamarem-lhe santo, muito mais santo que frei bartolomeu dos mártires. Este virtuoso arcebispo, sabendo que um pastor de almas, um abade, um sacerdote de cristo e diretor espiritual de virgens e esposas, tinha um filho a ocultas, disse-lhe com o menino pela mão: "conhecei-lo?... Já que sois pai, ensinai-o bem, e sabei-lhe dar vida, e não ofendais mais a deus. " isto foi dito a um ministro que sagrava o pão

e o vinho, a um recoveiro de almas para o céu, a um archote de luz divina levantado nas trevas da ignorância das suas ovelhas montesinhas e propensas a encarecer a relaxação do pastor. Ora entende o senhor frei silvestre que o santo arcebispo induziria uma secular recolhida neste mosteiro a remessar à roda dos enjeitados, à garganta daquele abismo de tenrinhos cadáveres, o filho de três anos, a criancinha tantas vezes ungida pelas lágrimas amorosas do seu pai! Que lhe diz lá dentro a sua consciência, padre! Tem-na contente por ter enchido de terror e fel o coração desta pobre mãe? Acha edificante lanço arrancar-lhe as entranhas maternais, e encher-lhe o seio de imagens do inferno que a trazem espavorida, estúpida e até desnaturada dos sentimentos de gratidão para mim que a salvei nos meus braços, quando a miséria, pior que a morte, a ia talvez levar à voragem das perdidas! Que santo é vossa reverência, que veio aqui fazer o mal que nem as legiões infernais confederadas conseguem vingar! Responda, padre, se a vergonha ou o remorso o não estrangularam!

— Vossa paternidade não me ultraje! — exclamou o arrábido, apertando o passo para fugir ao ancião que tremia mal seguro ao encosto da bengala.

Ainda assim, frei jacinto desandou para onde o outro se escapulia e disse-lhe em voz muito para ouvir-se no interno do convento:

— Eu voltarei amanhã com o filho de Angélica, senhor frei silvestre. Depois, há de aqui vir o braço da justiça dos homens para arrancar dentre incautas senhoras um difamador da justiça e bondade do nosso senhor e pai. Estas bestas — feras, que têm a caverna nas igrejas, teriam dado de través com a religião de jesus, se ela não fosse divina! ...

O arrábido entrava no templo, quando frei jacinto, concluída a apóstrofe, saiu do pátio do mosteiro. As janelas, que abriam sobre o adro, estavam cheias de freiras, seculares e criadas. Algumas choravam de consternadas pelo vexame do seu confessor. As freiras novas riam sob capa e davam palmadas nas ancas respetivas umas das outras.

As beatas, que foram espreitar do coro o arrábido, viram-no em joelhos, braços em cruz, e olhos levantados a uma imagem do salvador. Choraram copiosamente. Os soluços de algumas eram arrotos do bolo alimentício mal esmoído por efeito das aflições do coração e outros intestinos.

Combinaram-se no coro as atribuladas, e endireitaram dali à cela de Angélica Florinda. A enferma estava sentada no leito a chorar, porque já sabia os acontecimentos da portaria. A mais autorizada das religiosas, entrou, louvando nosso senhor jesus cristo e disse:

— Estamos muito consternadas, senhora Angélica! O santo frade arrábido acaba de ser agora enxovalhado pelo outro frade que a senhora conhece, e que está bem longe de ser o varão de deus que por aqui se dizia...

— Não diga isso, minha senhora; que ele é muito bom homem... — contrariou Angélica.

— Será; mas nós não queremos que nos venha injuriar o nosso confessor lá o bom homem que a senhora Angélica defende. Se lhe deve obrigações, nós não lhe devemos nenhumas. E, se a senhora Angélica não põe cobro a isto, o

melhor é sair do convento e não estar sujeita a obedecer às donas desta casa que são as freiras.

— Bem sei, minhas senhoras; mas não me culpem, que eu não sabia nada. Deus conhece quanto me custa o desgosto do senhor frei silvestre... Ele bem sabe a causa disto...

— A causa disto lá a disse o outro frade bem alto. Quer que vossemecê vá ver o seu filho à grade. Isso não pode ser. Se até aqui os maledicentes desacreditavam este convento, que dirão eles agora? Que vem aqui as criancinhas ver as mães!

E, depois, ninguém pergunta de quem é filho o pequeno. O que eles dizem é "lá vai uma criança ver a mãe ao convento"; e as freiras é que o pagam...

O receio, que esta madre tinha de pagar com os seus créditos, era menos mal fundado. Trinta anos antes dera suspeitas de ter assentido ao preceito da multiplicação da espécie; todavia, bem pudera ela destemer-se da calúnia em anos tão adiantados e qualidades corporais tão persuasivas da continência que nem o próprio anticristo —

a ser verdade que há de engendrar-se em freira — quereria encarnar naquela tinhosa ovelha do rebanho de frei silvestre.

— Minhas senhoras — exclamava Angélica pondo as mãos — , não me deitem fora desta santa casa, que eu prometo pedir ao senhor frei jacinto de deus que não volte aqui, o senhor frei silvestre há de perdoar-me, vendo a minha inocência...

— Pois arranje-se lá, e prepare-se que amanhã cá tem o frade e mais o filho. Ele lá o disse a berrar cá para as janelas. Um velho daquela idade não tem vergonha de andar com um filho do crime pelas portas de uma casa religiosa! É malhado e basta!

Disse e saiu para o coro com as outras a regougar os salmos de David. Ó sublimadas poesias, desastrado destino vos pôs nos beiços saburrosos destas gosmentas! Se as harpas plangitivas do oriente pensariam roufenhar pelos meatos nasais destas madres que vos fazem arpejo às lamentações com assobios de esturrinho! ...

CAPÍTULO VII

A PIEDOSA DEMÊNCIA

À mesma hora do seguinte dia lá surge frei jacinto e mais a ama e o menino no umbral do portão.

Já uma servente o está esperando com a chave de uma grade. O monge subiu e a senhora maria logo atrás dele, resmoneando:

— Ora graças a deus! Ia aqui o diabo, hoje, se ela não viesse cá...

— Faz favor de ir calada, senhora maria! — admoestou frei jacinto.

— Não que a gente rebenta se não desempacha a raiva. Urna criancinha tão linda! Haver uma mãe que não quer ver este serafim! Vossa senhoria há de deixar-me dizer-lhe duas palavras a ela.

— Não a deixo dizer palavra alguma; e, se estiver com juízo, tem uma prenda. Conte com um saiote vermelho.

— Ora está dito! Ainda que dê um estoiro, não digo nada... Abriu-se a porta interior da grade e saiu Angélica Florinda acompanhada de uma senhora de meia-idade, já conhecida de frei jacinto. Era a freira de quem tinha sido criada Angélica.

— Eu vim, senhor frei jacinto — disse a religiosa-, movida pela compaixão que me está fazendo esta criatura.

Prosseguia a freira, quando Angélica, enfiando os braços pelas grades, rompeu em gritos, exclamando:

— Meu filho!, meu amor!, meu querido anjo!... Vai para o céu, filho da minha alma, vai para o céu, e pede a deus pelo teu pai, pede-lhe que o não lance no inferno para todo sempre!

Caiu como exaurida de alentos na cadeira e desatou em torrentes de lágrimas.

A religiosa dizia-lhe muitas coisas consolativas; frei jacinto de deus exprimia graves reflexões acerca do indiscreto medo que incutiram no fraco espírito da mulher quanto ao

destino da alma de Tomás de Aquino. A ama, estreitando muito com o peito a criança espantada e medrosa,,, resmungava:

— Má mês pra ela, que quer que o filho morra! Tem dez diabos no corpo a criatura.!...., frei jacinto de deus,. Prosseguindo nas suas reflexões, disse à freira:

— Em suma, senhora, esta, mulher não pode aqui estar, nem precisa estar onde por força há de ser mal vista, embora se macere com penitências e leve o seu ascetismo até — à desmoralização de renegar o filho. Angélica, é necessário que te retires deste convento. Irás para outro; eu te escolherei em Guimarães ou braga mosteiro onde possas amar e servir deus sem romper os laços que te prendem ao teu filho. Queres sair?

Ela não respondia. A ama deu um salto involuntário sobre a cadeira e bradou:

— Saia daí, mulher!, vossemecê parece-me parva! — senhora maria-murmurou baixinho o frade-, tenha prudência.

— Não me importa cá o saiote vermelho! — clamou ela, pondo-se em pé e gesticulando vertiginosamente. — está-lhe o senhor frei jacinto a dizer que lhe dá outro convento, e ela tanto faz como nada! Querer que morra o filho! Praquê? Pra ir a pedir a deus que tire o pai do inferno? Ora está!, qual inferno nem qual diabo! Deixe-se disso, mulher!, não há inferno nenhum. O inferno é cá neste mundo. Quem não tem que comer nem beber, nem umas palhas em que se deite, isso é que é inferno. O mais são arolas dos frades. Deste que aqui está, não. Olhe, se o senhor frei jacinto lhe diz que o senhor tenente está no inferno! ...

— Jesus, que mulher!-disse já impacientado o frade. — deus me dê paciência por quem é!

— Está bom, eu já não digo nada; e... Sabem que mais?, o melhor é eu ir-me embora, e fique vossa senhoria cá. Já viu o filho?, não o quer ver mais, senhora Angélica? Adeus, passe por cá muito bem! Olhe que o menino pode bem com as saudades. Parece que adivinha! Olhou para ela e tomou-lhe medo. Pudera!, não que ela está como se a desenterrassem! Isso é que é estar no inferno, senhora

Angélica... Pagou bem ao senhor tenente... Quer-lhe atirar à roda dos enjeitados o filho! ... Credo!

... Deixa-me ir daqui, que me ferve o sangue! ...

E saiu com o menino muito abraçado nela.

— Que mulher, meu deus! — disse a freira. — não há nada mais malcriado!

— O que me espanta não é ela, minha senhora — disse o monge. — O que me assombra é essa outra mulher que aí está! Que refinada crueza! Como esse coração morreu inteiro, e tão vergonhosamente morreu! Viu sair o filho e nem um brado...

Nem um gesto! ... Faz-me horror! ...

E ergueu-se a tremer e a enxugar os olhos. Angélica estorcegava os dedos, enclavinhava-os levantando as mãos ao céu, apertava as fontes, escabujava, estorcia-se, expedia ais estridentes.

— Mas que significam todos aqueles frenesis? — perguntava o frade. — que é aquilo? Esta mulher estará demente, senhora!

— Não está — disse a freira.

— Não estou doida... Pior, mil vezes pior — exclamou Angélica a impulsos de gritos entrecortados de soluços — , estou condenada às penas eternas... Não posso já salvar o desgraçado que roubei a deus, nem salvar-me a mim... Perdi a esperança de o encontrar no céu... Nunca mais...

As agonias apertaram-lhe a garganta de modo que fazia dó ver o arquejante esforço que ela punha para respirar.

— Não me digam que esta mulher não ensandeceu! Murmurou frei jacinto. — isto é irremediável! ... Aí está uma camilo castelo branco filha espiritual do santo frade arrábido! É essa criatura que já tem o melhor da vida morto em si: coração e razão morreram! Aí está! Quem te viu, Angélica!, que pena me fazes! ... Porque me não há de a divina providência fazer o milagre de te ressuscitar, mãe morta, e inteligência perdida! ... Bem!, faça-se a vontade do senhor!... Angélica!, eu não tomo a ver-te... Adeus! Por pouco que viva o fraco alento que tens, eu irei diante, e pedirei a deus por ti. Quanto ao teu filho, não temas que ele cá te volte. Vai comigo, porque é o filho de Tomás de Aquino. Eu direi aos meus sobrinhos que não desamparem

o órfão, e lá em cima pedirei ao senhor que dê entranhas de pai aos protetores do menino. O supremo juiz pedirá contas ao frade que te reduziu a isso, pobre louca! Não temas o inferno, que a responsabilidade dos teus crimes já não é tua: é do teu confessor.

As últimas expressões não as ouviu já Angélica. Tinha perdido os sentidos, acostada ao ombro da religiosa.

Frei jacinto de deus pôs então as mãos, levantou os olhos e disse:

— Senhor!, se chamásseis a outra vida o espírito desta pobrezinha! ...

E continuou orando mentalmente. Angélica estremeceu. O frade manteve-se quieto breve espaço a ver-lhe o rosto nos braços da religiosa, e saiu em silêncio.

CAPÍTULO VIII

PASSOU

Este conflitos pesaram nos débeis fios da vida do frade. Entrou-se de grande tristeza e paixão. O velho acreditou que deus lhe entregara aquela mulher e o filho. Era uma ilusão da alma excelente, da virtude em sumo grão. Se isto fosse já fraqueza de espírito, bem lha compensava tão adorável robustez de coração.

Restava-lhe o menino em que despender o seu inexaurível tesouro de caridade. Foi para a sua aldeia. Gratificou liberalmente a ama. Venceu-lhe com dádivas a resistência, e assoldadou-a por mais um ano de criação.

As mesadas de Angélica não descontinuaram. E ela, apesar do dissabor do frade, não as rejeitava. É que o santo da arrábida, bem que a reduzisse a escasso alimento, não lhe alvitrou o modo de dispensar-se totalmente de comer. Angélica recebia a prestação mensal do beneditino.

A família de frei jacinto aparentava alegre condescendência corri a dispendiosa caridade do tio: ainda assim, no secreto das suas reflexões, cada um perguntava a si mesmo se o frade quereria dar partilha na casa ao rapazinho que trouxera, sendo que o avantajava aos netos do seu sobrinho em mimos e afagos. Era mais que muito natural o ciúme e perdoável o reparo. O frade tinha dado tudo, é verdade; mas não lhe remanescia nada que prometer.

Foi-lhe fácil ao monge capacitar-se de que não festejaria o aniversário dos seus oitenta e dois. Faltou-lhe o lume e energia interna de que ele se jactava, dizendo-se jovem na alma embora o estojo gretasse de velhice, como antiga caixa de joia que os séculos não deslapidaram. E usava também dizer de si com certo sabor antigo: "este corpo é gaiola velha de ave imorredoira: não tarda que o gradeado de cana caia de carunchoso, e o pássaro se vá voando às regiões do perpétuo estio. " em Janeiro de 1836, frei jacinto de deus forcejou debalde por sair do leito. Sentava-se e recaía contra o espaldar.

— Não teimarei — disse ele com imperturbada lucidez e conformidade. — O corpo está a pedir a posição horizontal

do descanso; a alma puxa por ele para cima: é que se está ensaiando para desferir voo para o alto. Agora é tempo de dar à caridade a sobrevivência que puder, para que eu não morra todo para o meu órfão...

E, chamando à beira do leito o sobrinho e filhos, fez-lhes esta prática muito pausada e num tom sossegado de quem dá ordens e conselhos aos familiares para que a sua ausência temporária não desordene o bom regimento da casa:

— Meus filhos e amigos, estou para pouco desta vida em que vos deixo. Chego primeiro que vós à outra, porque vou em oitenta e dois anos de jornada. Na estrada que trouxe, encontra~ reis alguns indícios da minha passagem, dos quais tereis motivo de alguma honra, e os mostrareis aos vossos filhos e netos à imitação dos fidalgos que dão a ler aos seus infantes as páginas da história pátria em que figuram heroicamente os seus avós. Fidalguia de bons feitos, brasões de caridade e aforados todos no livro dos filhamentos da casa do nosso senhor jesus cristo, isso é que eu vos deixo, meus amigos. Considerai, todavia, que a nobreza quer-se alimentada sempre com o forte sustento

que a gerou; senão bastardeia-se e corrompe-se. Se me não continuardes as obras que eu comecei e as não concluirdes conforme a traça que vos deixo, sereis indignos dos benefícios que recebestes de quem vos deixou esta casa e foi com a sua voluntária pobreza coitar-se no cubículo de um convento. Em comparação de muito que vos dei pouco vos peço. Ora ouça as minhas disposições e deus seja testemunha que vos acuse e juiz que vos condene, se as não cumprirdes. Enviareis a Angélica Florinda a mesada que eu lhe tenho dado. Dareis a jacinto de deus, logo que ele perfaça os seis anos, a educação que tiverem os vossos pequenos destinados à carreira das ciências. Se ele, nesta idade, tender à vida de clérigo, ordenai-o; se à milícia, assentai-lhe praça; se ao comércio, estabelecei-o. Não o aconselheis nem forceis, salvo se na escolha se denunciar incapacidade mesma de escolher. Pelo que é da mãe, se ela alguma hora quiser sair do convento e juntar-se ao filho, recebei-a; se o filho quiser ver a sua mãe, deixai-o ir; mas vigiai-lhe os passos fora do trilho inocente da vossa aldeia. Estas duas desventuradas criaturas, que deixo no aconchego da vossa caridade, são filhas da minha alma. Não mas esqueçais; não mescabeis a minha memória,

desamparando-as; que eu não vos quero maior tormento que o remorso da ingratidão a quem tudo deveis. Desde este momento estais debaixo da vigilância da divina providência.

O sobrinho e filhos de frei jacinto disseram que a vontade do seu tio seria religiosamente satisfeita.

O monge ainda viveu alguns meses entrevado. No decurso penoso desta paragem à beira da sepultura, nunca as fortes dores vingaram quebrantar-lhe o pulso da paciência. Algumas alegrias lhe deu ainda o senhor. Eram as cartas de Angélica Florinda, escritas sob a impressão da saudade e reveladoras de coração muito agradecido. Realçava nelas, porém, o espírito ascético, transviado da razão, infernado em medos e remorsos de ter levado à perdição a alma de Tomás de Aquino.

Frei jacinto respondia-lhe pelo seu punho breves palavras, terminando as cartas com este invariável exorcismo: "filha, deus te defenda de todo o mal e do frade arrábido, que além de mau é estúpido, e, além de estúpido, incorrigível. " corria o oitavo dia do mês de Abril, quando o frade pediu que lhe vestissem o seu hábito de beneditino e abrissem de

par em par as janelas do quarto, para poder despedir-se da sua última primavera.

— O homem vive pouco — disse ele serenamente. — estas árvores tão vestidas de gala já o meu pai as plantou. Eu, muito pequenino, já subi a colher a fruta acolá por aqueles ramos! Caduquei... E elas florescem como há cem anos. Ainda cá ficam, ocas e roídas, mas a florir e frutear. .. Que somos nós, se não produzirmos flores e frutos de amor e bem-fazer?! Menos que árvores.

Sobresteve a remirar a florescência das fruteiras, pensativo e silencioso. Rolou-lhe vagarosa uma lágrima a desfazer-se nas barbas alvas e arriçadas que se lhe espessavam por todo rosto.

Berre que minguada de espíritos levantados àquele compungido cismar do ancião, a família chorava. Há uma altíssima poesia, tão da natureza, e ajustada ao comum sentimento que a toda a alma afervora e lhe aquece os gelos da insensibilidade. Era quadro para enlevo de tristes aquele!

O ancião relançou a vista do céu e das árvores para a formosa cabeça do filho de Tomás. Estendeu o braço, acenando-lhe; a criança abeirou-se do catre, e sobpôs a cabeça à mão do velho.

— Mal te lembrarás de mim, quando fores homem!... — lhe disse o monge. — olha, filho, repara, vê-me bem, nunca me esqueças, não?

— Não, senhor padrinho — respondeu o menino.

— Deixai-me só — disse frei jacinto — e convidai o abade a que me socorra com os sacramentos. São horas de entroixar para a grande viagem.

Após a comunhão e a unção-extrema, o moribundo rezou alternadamente com o sacerdote os salmos penitenciais. Os derradeiros versos a custo os exprimiu silabicamente. Calou-se o abade, pensando que ele descansava. A respiração era sossegada, mas quase inaudível. Daí a segundos, não vivia; mas aquele estado não podia ser morte. Era, como diz a gente das nossas aldeias, passar: vocábulo sublime que nos vem de algum superior espírito que o achou assim nas suas lucubrações sobre o mistério

da imortalidade, e os latinos o perfilharam para o entesourarem depois os cristãos. Transite, "passar, ir para além", diziam eles. W, não me depareis outro de tanta unção e verdade para vos eu dizer como foi o evolar-se daquele grande espírito do monge. Passou. Além, a luz perpétua, a glorificação das inteligências salvadoras, o foco divino recebendo o raio luminoso que se apagara na terra. Aquém, um rosto glacial, com o riso do adeus ao mundo em que deixara alguma parte da sua essência de anjo, e à volta dele a contemplação e o chorar de velhos e criancinhas.

CAPÍTULO IX

TRÊS BOFETÕES, SACRILÉGIOS

A notícia do trespasse do monge engolfou a recolhida de santa clara em tristeza tão fechada que não havia admoestações do confessor nem caridosos desvelos de algumas religiosas que lhe abstraíssem o ânimo.

Era uma nova fase daquela alma enferma, uma extravagância de consternação irracional como as outras.

Agora o seu terror do inferno acrescia-lho a falta de frei jacinto de deus, de cujas orações ela esperava muito. O frade arrábido ganhou despeito com esta confiança da sua filha espiritual num petulante que o desfeiteara publicamente, e recusou-se a absolvê-la enquanto ela não se acusasse em confissão de ter pecado, ajuizando tão incompetentemente eficazes as orações de frei jacinto.

Angélica recusou-se clamando que antes queria perder sua alma que negar as virtudes do seu benfeitor. Frei silvestre

do coração divino demitiu-a da sua confessada e disse às outras filhas espirituais que satanás o vencera, roubando-lhe o espírito de Angélica Florinda.

Formou-se conjuração declarada contra a secular. Com visos de lastimá-la andavam as freiras místicas insinuando à prelada a necessidade de reduzir Angélica à submissão do fradinho, ou então dar-lhe o dinheiro com que ela comprara a entrada e mandá-la à sua vida. A prioresa respondeu que a secular buscaria outro confessor. Custava-lhe à compadecida religiosa compelir a triste mulher a sair do mosteiro num estado tal de espírito que não iria longe da loucura. Além de que a pobrezinha, cada vez mais rezadeira e recolhida, não saía do seu cubículo ou do coro. Não obstante, o seráfico bando do arrábido teimava por uma das duas satisfações a frei silvestre: obedecer-lhe ou sair.

Ora, como a secular não podia ser admitida nem despedida sem votação da comunidade, a prioresa recorreu ao sufrágio, depois de ter perguntado a Angélica se queria obedecer às prescrições de frei silvestre. A resposta foi de

lágrimas, porém, o chorar era negar-se a descrer da eficácia das orações de frei jacinto.

Posto o litígio em escrutínio, decidiu-se por maioria de seis votos, sendo trinta e sete as votantes, que Angélica fosse despedida.

Depois do que, os dois partidos afrontaram-se de insolências tamanhas que por um til não vieram às mãos. As beatas defendiam-se com desbragado tiroteio de remoques à desonestidade das mais novas. Estas, exumando escândalos tradicionais, ricocheteavam as mesmas ignomínias, aceradas pelo escárnio, à cara das velhas. S. Francisco e santa clara escondiam, de puro envergonhados, os seus bem — aventurados rostos, lá no empíreo, por detrás dos rabecões dos anjos.

No entanto, Angélica foi avisada do sucesso. A freira, sua antiga ama, sobre todas, saíra desesperada do acto da votação, e foi dizer-lhe que não saísse ainda que a intimassem; que ela ia fazer um bom serviço à paz do convento.

Esta religiosa já se disse que era constitucional. Tinha irmãos e mais parentes no exército. Escreveu para lisboa chamando um sobrinho aspirante de cavalaria. O rapaz, amantíssimo da freira que o trazia cativo de umas peças de duas caras com que o brindava às vezes, licenciou-se e apresentou-se no convento. Contou-lhe a tia o caso do arrábido com a secular e a desordem que ele motivara entre as religiosas. O aspirante dispensou a tia de expender o fim para que o chamava.

— Deixe-me com o frade... — disse o rapaz. — mas não me exponhas... Vê lá como fazes isso... Encarrega outra pessoa...

— Não cedo a ninguém o prazer de dar duas cambalhotas a um santo.

Pesquisou o aspirante, e soube que o frade passava as noites em casa de umas fidalgas onde se entretinha edificantemente a coordenar, nuns relicários, esquirolas de ossos de vários santos, trazidas do seu convento. Diga-se de passo que o frade proprietário desta preciosa ossaria tinha distribuído no país tal porção de falanges dos dedos de S. Bono presbítero e mártir, que preciso fora ter o santo mais

braços que briareu, para que todos os ossos fossem dele. Conquanto não vendesse a peso nem a olho estes arcaboiços desfeitos, a granjearia de dinheiro que lhe advinha deste comércio ao arrábido, era tal e tanta que o frade já tinha comprado boas leiras na sua terra, e esperava comprar outras com o produto de um tornozelo de carneiro que já tinha desfeito em lasquinhas, e consignado a diferentes santos e santas.

Uma noite que frei silvestre levava num saquinho de veludo escarlate as veneráveis relíquias de um joelho de S. Cucufate e um piramidal do pulso de santa sinfrónia, saiu-lhe debaixo do arco de vandoma um encapotado e falou-lhe com esta concisão:

— Frade, vossemecê nunca mais há de pôr as seráficas patas no convento de santa clara. Se as puser, leva quatro dúzias de cachações. E para que vossemecê faça uma ideia do mimo que lhe prometo, receba já por amostra, e não por conta, esta meia dúzia.

Não a recebeu inteira o frade; porque ao terceiro estava no chão, com as ventas contusas de modo que, se aproveitasse

os ossos nasais, poderia encampá-los como nariz de algum mártir de diocleciano.

O aspirante escapuliu-se impunemente. Frei silvestre desandou para casa e concertou as ruínas do aspeito desenformado. No dia seguinte, esteve a caldos, e enfardelou a bagagem. Ao outro, despediu-se de muitas confessadas, dizendo que um anjo lhe aparecera em sonhos e mandara sair dentre os malhados que tentavam assassiná-lo.

Ao convento não foi. Escreveu à mais espiritual das suas filhas, contando-lhe o sonho, e pedindo-lhe as suas orações, mandando-lhe por esta ocasião uma boa lasca do tornozelo do carneiro, repartido em onze esquírolas, para que, em memória dele, cada uma das suas confessadas ficasse com uma relíquia do milagroso S. Cornélio.

As onze beatas berraram de aflição. Ao mesmo tempo, a minoria das pecadoras, espojavam-se a rir na cela da tia do aspirante. O pacificador do mosteiro ia já caminho de lisboa bascolejando na algibeira seis sonoras peças que a tia lhe pusera na mão sacrílega.

Angélica Florinda já tinha desafogado a maior opressão dos escrúpulos aos pés de mais ilustrado diretor; mas a chaga cancerara tanto aquela razão enferma que não havia já cáustico de austera e luminosa religiosidade que lha cauterizasse.

TERCEIRA PARTE

QUINTA-ESSÊNCIA DO AMOR DIVINO

CAPÍTULO I

O FILHO DE TOMÁS DE AQUINO

Vejamos a pontualidade com que procedeu a família de frei jacinto na execução dos legados. Do encargo da mesada à secular dispensou-a o brio de Angélica, senão antes a consideração, isenta de orgulho, de que lhe era a ela menos penosa de receber a esmola da sua antiga ama que a de estranhos de quem ela não vira a face sequer. Agradeceu muito comovida à pessoa, que lha entregava, e pediu que toda a caridade, que lhe queriam fazer, a convertessem no filho.

Esta inesperada felicidade alegrou notavelmente o sobrinho do defunto frade. Quanto ao pequenino, por lá andava entre os da sua idade. Davam-lhe de comer às horas; vestiam-no como ao comum dos rapazes da aldeia, ou pouco pior: reformaram-lhe as botas em tamancos, e o chapéu de pluma e fitas em carapuça vermelha.

Aos seis anos enviaram-no à escola régia. Morava longe o mestre. Saía o menino de madrugada, levava consigo o almoço frugal de broa estreme, e voltava ao meio-dia, ora queimado do sol, ora a escorrer da chuva. Acariciavam-no assim.

Quando a mãe, sem pejo de si própria, perguntava pelo filho, respondiam-lhe secamente que andava estudando.

Aos sete anos, jacinto não sabia coisa de nada; raros dias ia à escola; escondia-se nas devesas a chorar, e lembrava-se muito do padrinho a dizer-lhe: "não me hás de esquecer, não? " e sentia-se mais confortado, se punha as mãos e rezava por alma do monge.

O amparador do menino, avisado do gazeamento, castigou-o duramente: pesava-lhe a mão; era bater num ente de todo estranho ao sangue, ao coração, à caridade.

O mocinho não se emendava. É que não tinha vontade de aprender, nem forças para andar duas léguas por dia, às vezes com fome e não poucas descalço por trazer os pés feridos dos tamancos. Queriam-lhe assim ao querido de frei jacinto de deus...

O voto geral da família do monge foi que se tirasse o rapaz da escola e se lhe desse algum ofício. A divergência já estava somente na arte, perguntavam-lhe se queria ser sapateiro, alfaiate ou carpinteiro. O pequeno chorava e não respondia.

Urna vez, estava ele sentado à beira da estrada, caminho do arco. Passavam duas mulheres vizinhas da casa em que ele vivia. Pararam ao pé dele e disseram:

Este menino que tão asseadinho andava em vida do senhor frei jacinto de deus, anda agora assim! ...

E, como lhe vissem tremer as lágrimas nos olhos, perguntaram-lhe:

— Ainda te lembras do senhor frei jacinto, pequeno?

— Ainda. — e da tua mãe? — não me lembra nada. — porque não vais para onde a ela? — está no convento. Uma das mulheres deu-lhe um pedaço de pão, que ele aceitou.

Neste comenos, vinha passando um velho cavalgado sobre um possante macho; e como visse as mulheres muito fitas no lacrimoso rapaz, sofreou as rédeas e perguntou:

— Que tem esse cachopo?

— Coitadinho! — disse uma delas — , tem o pior que pode ter: não tem nada. Estávamos aqui a dizer que este menino há três anos andava vestido de pano fino, e agora traz saragoça cheia de remendos.

— Ele de quem é? — tomou o passageiro. — não tem pai, e mãe é como se a não tivesse... Quem o trouxe cá para a nossa aldeia foi um fradinho que talvez vossemecê ouvisse iluminar... O senhor frei jacinto de deus.

O cavaleiro apeou-se, prendeu num esgalho de castanheiro o macho, e achegou-se do pequeno, perguntando-lhe com vivo interesse:

— Como se chamava o seu pai?

— Eu não sei — disse o menino — , acho que era...

— Vocês sabem, mulheres? — disse o velho voltando-se para elas.

— Olhe — replicou uma — , eu ouvi dizer a uma criatura ainda sobrinha do senhor frei jacinto que o pai deste rapaz

era da tropa dos malhados e que morrera na guerra de lisboa.

— E a mãe? — sobreveio muito agitado o caminheiro. — a mãe o que lá dizem é que era uma rapariga de são pedro de Alvite aí de ó pé de refojos de basto; e também lá me contaram que o pai dele tinha sido frade... Mas isso acho que será mentira.

O velho aconchegou o pequeno muito de si, amimou-o, e esteve-se algum tempo entalado, antes de lhe perguntar:

— Tratam-no mal nessa casa onde ficou?

O pequenino abaixou os olhos e deu aos ombros.

— Mal! — respondeu uma das informadoras — , pois vossemecê não vê?! Olhe como o deixam andar pessoas que têm tanto de seu; e mais dizem que o senhor frei jacinto, deus lhe fale na alma, morreu com este menino atrancado nas goelas. Pelos modos, quando estava a expedir, botou lá uma fala que fazia chorar as pedras a pedir aos sobrinhos que olhassem por este pequeno como se ele fosse de casa. .. De comer sabe o que lhe dão?, o que comem os criados da lavoura: pão, caldo, e alguma sardinha amarela.

— Não há muito — acrescentou a outra — que eu lhe dei um migalho de orelheira e o pobrezinho comia como se tivesse fome de três dias. Agora ouvi dizer que o vão meter no mestre a dar tempo para alfaiate...

— Com efeito! — exclamou o velho-, bons parentes tinha frei jacinto!

E, levantando-se de salto, foi desprender o macho, abeirou — o de uma pedra, cavalgou, e disse às mulheres:

— Botem-me cá para cima esse pequeno.

— Então vossemecê leva-o ?! — perguntaram elas espantadas. — botem-mo para cá! Salte sem medo, menino!

O pequeno não hesitou; sentou-se na dianteira do albardão, e pôs-se a olhar entre alegre e maravilhado no rosto do velho.

— Vocês, se quiserem, mulheres — disse o passageiro-, vão a casa desses maus homens, e digam lá que este menino foi levado por um velho criado do seu pai. Se eles quiserem alguma coisa dele ou de mim, que perguntem por João António, negociante de cera e mel em freixieiro. Lá estou.

O ex-leigo de S. Miguel de refojos ia dizendo ao filho de Tomás de Aquino:

— Vá alegre, meu menino, que vai com um amigo do seu pai.

CAPÍTULO II

CORAÇÃO MORTO

João António, primeiro de tudo, vestiu o menino à feição dos mais apontados no vestuário, e foi com ele ao porto.

Angélica Florinda alvoroçou-se, quando lhe deram parte de ser procurada por um velho, que dizia chamar-se o João António de S. Pedro de Alvite, e trazia consigo um pequeno.

Foi ao palratório; antes, porém, de mostrar-se, manteve-se a represar a veemência do coração, para não deixar-se arrebatar de pecadora alegria. Venceu-se. Venceu o demónio que por um triz lhe não mete no peito um coração maternal. De maneira que entrou à grade com tão carregada sombra e glacial compostura que diríeis serem o velho e o menino inteiramente estranhos a tal mulher.

Ora o ex-leigo viu-a e não a conheceu. Ia dizer-lhe que procurava outra pessoa, quando ela perguntou:

— Já me não conhece, senhor João António?... Estou muito acabadinha... Os trabalhos e aflições que a bondade do senhor me tem mandado...

O velho, enxugando as lágrimas, disse ao menino: — senhor jacinto, peça a bênção a sua mãe.

— Dê-me a sua bênção, minha mãe? — disse o menino. Angélica, sem responder, arquejou em ânsias de respiração mal sufocadas, e depois rompeu em alto chorar e gemer, não obstante abafar a boca, sobrepondo-lhe o lenço com as mãos ambas.

Durou minutos esta luta da natureza com o ascetismo, do amor materno com o divino amor.

O velho não entendia aquilo ou entendia mal. Cuidou que era estremado júbilo que a fazia chorar, e disse:

— Há muito que a senhora Angélica não via o seu filho? Aqueles malvados sobrinhos de frei jacinto já lho deviam ter trazido muitas vezes. Mas quê!, os patifes não lhe davam que vestir de modo que ele pudesse mostrar-se. Em que estado eu topei este menino! Ele aí está que lhe conte as fomes e maus tratos que sofreu... A senhora Angélica

nunca devia deixar-se estar tanto anos, mais de quatro, sem ver o seu filho!

— Pois ele... — atalhou ela — já não está com os parentes de frei jacinto de deus! ?

— Qual!, está comigo. Foi deus que me guiou para aqueles sítios... Achei-o rotinho; levei-o para minha casa, onde, graças ao senhor, há pão de sobra e meia dúzia de cruzados novos bem merecidos. Vesti-o do melhor modo que os alfaiates souberam. Ele aqui está, o filho do meu amo, do meu pobre Tomás... Desde que o lá tenho, parece-me que me entrou em casa o meu amor ressuscitado. Sonho com ele todas as noites... Não há velho mais feliz do que eu! Medo não me faltava que os tratantes mo viessem pedir por terem vergonha de lho eu levar. Agora foram eles! Dinheiro dariam os cafrinos porque lho tirassem de casa... Ai!, se a senhora Angélica o visse — _ meu deus!... — murmurou ela-, acabai de me castigar que eu já não posso com tanto! ...

— Então que é isso?! — clamou João António. — não queria que eu levasse o menino?... _ queria... — balbuciou ela. — eu pensei que ele era feliz... Mas nada posso fazer

em bem dele... Vivo de esmolas, porque não posso trabalhar...

— Vive de esmolas! — interrompeu o velho. — Ó criatura!, olhe que eu tenho de mais para todos três! Quer a senhora vir para a companhia do jacintinho? Está dito! Venha connosco! _ não posso... — disse ela entre soluços-, não posso... A minha penitência tem de ser grande... A alma do senhor Tomás precisa que eu nunca mais tenha um dia de contentamento. Se eu não sofrer muito neste mundo não há nada que o alivie do fogo do purgatório.

O velho abria muito a boca para perceber aquele processo de tirar almas do fogo; e ela prosseguiu, ensartando pios disparates acerca da via purgativa das almas viadoras, e da eficácia da penitência para o fim de aplacar a vingança de deus sobre as almas dos finados postas em crisol de expiação purificante.

— — senhora Angélica — disse gravemente João António eu estive dois anos nos conventos de Tibães e refojos, lidei com muito frade, toda a vida tenho vivido com eles, aprendi de oitiva o meu tudo-nada de teologia mística, e nunca até aos setenta e um, que vou fazer, ouvi essas trapalhadas que

lhe meteram na cabeça. A senhora anda mal dirigida, ou não tem o juízo muito escorreito, há de perdoar se isto a ofende...

— Não me aflija — atalhou ela em tom suplicativo. — bem me bastam as mortificações que eu cá tenho dentro desta casa... Mas — prosseguiu ela, feita uma curta pausa, com alegre timbre de voz, e os olhos a rever choro ao mesmo tempo-, aflija-me, atormente-me, dê-me que merecer a deus em desconto dos pecados do senhor Tomás de Aquino... Sou muito ingrata a quem me quer ajudar a tirá-lo das penas do purgatório. Tomara eu quem me caluniasse, quem me escorraçasse... Até deus se compadecer de mim e revelar-me que o senhor Tomás está na bem-aventurança!

O ex-leigo absteve-se de contrariar a mulher, por lhe parecer mais mentecapta que boçal, e, mais que tudo, merecedora de compaixão.

Perguntou-lhe se era contente de estar o menino em companhia dele.

— Muito bom é deus que lho entregou-disse ela. — escuso eu de ter cuidado no destino deste menino: lá está deus, que é pai, e a virgem santa, que é mãe.

— Isso é verdade — disse o velho — , mas sempre se lembre de que a virgem santa, se é mãe dos filhos desamparados, não devemos crer que seja amiga das mães que os desamparam.

— Valha-me jesus cristo! — exclamou Angélica-, eu não o desamparei... Lá foi o santo frade que o levou, e agora vejo que deus o tem da sua mão, pondo-o na companhia de quem tão amigo era do senhor Tomás.

— Pois sim, senhora Angélica — sobreveio brandamente João António-, o menino bem está; digo-lho eu, e basta. Cá me encarrego de o arranjar na carreira que ele quiser. Dá-me a senhora licença de o governar, sim?

— Deus é quem o governa... — insistiu ela, dando mais relevo à persuasão de que deus lhe tomara o filho, dispensando-a de ser mãe, e obrigando-a ao sacrifício de o não ser, a fim de, purificada da peçonha que lhe deixara na alma a geração criminosa do filho, lhe serem recebidas as

penitências e orações nas contas do último juízo, assim pelos seus pecados, como pelos gravíssimos pecados do cúmplice.

João António estava constrangido na grade. Angélica fazia certo enojo. O corpo, os olhos, a boca, tudo nela, a trejeitar de um modo típico de beataria, vaporava um certo fedor da santidade específica daquela espécie. Da aversão do local e da beata, encheu-se primeiro o filho, começando por dizer a meia voz ao velho:

— Vamos embora... Vamos? À terceira rogativa, João António despediu-se de Angélica, perguntando-lhe quando queria que lhe trouxesse o filho:

— Quando deus lho ordenar, senhor João. Eu não tenho vontade senão a do meu senhor e juiz. Bens não lhos peço; penas digne-se a sua divina misericórdia mandar-mas todas, que eu não me queixarei.

E, fixando no filho os olhos pávidos e chamejantes, clamou, de tal voz e ondear do seio, que parecia trazer o coração a rasto das palavras:

— Adeus, adeus, meu filhinho ... Pede à virgem nossa senhora que te leve enquanto és novo ...

— Será melhor que o leve quando ele for muito velho, senhora Angélica — disse João António, afagando a cabeça do menino.

CAPÍTULO III

AS TRÊS VIAS

Desde aqui ao seu termo, esta história não pode relatar, senão de fugida e com intermitência de longas temporadas, os factos que encerram e abarcam não poucos anos. A sisuda observação do leitor dispensa que lhe estejam de contínuo apontando os mesmos efeitos de um princípio funesto. Se tentássemos esclarecer-lhe o ser moral de Angélica, explicar-lhe uma vulgar demência que mais de uma vez topámos e não vingámos entender, malograra-se empresa que não teve ainda melhor saída dos laboratórios das ciências físico-patológicas. Fez-se mister cavar fundo na vasta livraria da teologia mística para entender, sequer muito à flor da terra, como os ascéticos percebem e definem as vertigens que desconcertaram o entendimento de Angélica Florinda.

Os místicos rejubilam quando enumeram os diagnósticos e prognósticos das três vias do espírito, purgativa,

iluminativa e unitiva. Os catecúmenos ou principiantes, no estado de purga, defecam-se dos defeitos da vida passada. Os iluminados, que pertencem à segunda via, esses, como já estão purgados pela primeira, adquirem virtudes, engordam moralmente, como sucede aos corpos depois de um bom derivativo. A terceira via é a dos que não pensam já senão em deus e na sua consubstanciação com o divino (heresia tola que não merece o desfastio da ementa)À primeira luz, parece isto fácil de entender, e não saltam os porquês de se nos figurarem doidos os sujeitos que, desde a purga primeira até à união final com a divina substância, se vão transfigurando. O processo parece natural e bem deduzido: primeiro, limpeza; depois, virtudes; por último, santificação. Materializemos, se é permitido em coisa tão gasosa: primeiro, purga; depois, dieta; por último, saúde. Ora isto entendem-no não só os iluminados da segunda via; que também os sujos, e sujos tão encardidos que nunca poderiam passar bem limpos da primeira.

Saibamos, pois, o que é que estonteia e dementa os inclusos nas três partes da teologia mística. Não direi sobre o certo o que seja; mas, esquadrinhando, quanto em mim

coube, o andamento das três metamorfoses em pessoas que já lá vão, averiguei que a vida do espírito passa por todos os seguintes trabalhos e glórias, indicadas nos praxistas da matéria sujeita:

Noite passiva do sentido; purgação passiva do sentido, e instrumentos da dita purgação; iluminação passiva; contemplação infusa. Recolhimento. Quietismo. Orações infusas. Embriaguez sobrenatural. Sono de potências (todas estas coisas vem encambulhadas de uma assentada); vistas dos esposos; as quatro águas e sete moradas de santa teresa; visões, revelações e locuções; impulso divino, êxtase e rapto; desposórios divinos; purgação do fogo ou do amor; matrimónio divino; acaba pelo casamento como as farsas da abelha mestra, de Manuel Mendes enxúndia, do medronho, das astúcias de zanguizarra, e de tudo que tem bom fim.

Que siso comum — siso do que a gente gasta no seu uso de telhas abaixo — queremos que tenha uma alma que começou na purga e acabou no casamento, com intermitência de embriaguez, infusões, sono de potências, rendez-vous com os esposos, águas de santa teresa quatro

e moradas sete, e ainda, na véspera do casamento, purgação de fogo?

Cabeça que resistisse a isto, também eu não queria aparar-lhe a marrada!

Não há entendimento, que saia destes laxantes de fogo, digno de entender deus, segundo a simplicidade com que ele quis que nós o entendêssemos e rogássemos: "pai nosso, que estás no céu, santificado seja teu nome, venha a nós o teu reino, etc. " não, senhores. As almas purgadas, iluminadas e unidas chamam à correção dos vícios "purgação"; à caridade, "iluminação"; à meditação das obras divinas "embriaguez"; ao enlevo nas maravilhas do criador "sono das potências"; à oração "vistas dos esposos"; ao desapego final dos bens mundanos que nos fundiram méritos à recompensa divina, "purgação de fogo"; à salvação "matrimónio".

Tamanhos transtornos e transposição de palavras, de força hão de desmanchar a ordem das ideias. A insânia que daí procede não é a que recebe um cartão de entrada nos hospitais; mas goza do privilégio de ter casas filiais do inferno nas famílias onde entra.

Chama-se "beatério". A palavra assumiu proporções de zombaria; mas o que aí há de lágrimas e lama nessa palavra não o calcula a chacota nem a indiferença.

Vale a pena ser vista uma dessas enfermas, mais digna de ódio que dó: aquela mulher que purgou com as passadas culpas as entranhas de mãe: Angélica Florinda.

CAPÍTULO IV

COMO LHE ELE QUERIA

Jacinto de deus e Aquino, aos nove anos, saiu das primeiras aulas, frequentadas em braga, com louvor dos mestres e muita alegria de João António.

Dispunha-se o velho a mandá-lo estudar latim, reservando para depois consultar-lhe a inclinação. Antecipou-se, todavia, o rapaz, declarando-lha, com receio de magoar o seu benfeitor.

— A minha vontade é ir para a vida comercial do brasil — disse ele. — se o senhor João António der licença, vou com dois condiscípulos que têm lá o pai.

— Pois sim, menino; se quer ir para o brasil... Vá. Não me toma a ver ... Mas que monta isso? Alguma vez há de ficar sem o seu velho ... Tanto faz que me veja morrer como saiba ao longe que morri ...

O menino abraçou-se nas mãos do ancião a beijar-lhas. João António levantou-o nos braços convulsos e balbuciou: — não me deixe, meu filho… Já agora feche-me os olhos e vá depois, que não tardará muito.

Jacinto condescendeu alegremente; o velho, porém, desvelou a noite a cismar na imprudência de lhe tolher o destino, quando todo seu bom propósito fora sempre aprovar-lho e prestar-lhe auxílios, ainda à custa de se desfazer de uns bens que herdara e acrescentara com o seu lavor incansável. Por sobre isto, meditava ele no valor da suas propriedades, e concluía que o produto delas escassamente bastaria a um mesquinho passadio, prefigurou-se-lhe que, pela sua morte, o filho de Tomás de Aquino, a não ter ofício ou emprego, ficaria mal remediado para ocorrer às despesas e necessidades de educação limpa e afidalgada. Superiormente o que mais o movia à reconsideração do seu pedido ao menino, era o escrúpulo de lhe encontrar a propensão e porventura a boa sorte que o chamava ao brasil.

Deliberado, pois, a emendar a irreflexão, assim que foi dia desafogou-se do cuidado opressor, pedindo ao menino que

pensasse no seu embarque e soubesse quando os seus condiscípulos iam.

Foi João António com o pequeno informar-se da ida dos outros, e aprazaram a época de se encontrarem em viana, donde saía o navio. Nos três meses seguintes andou o velho juntando cartas de recomendação dos brasileiros mais grados da província do Minho, e foi ao porto com o fim de dar conta a Angélica da determinação do filho.

A secular, neste tempo, consoante a opinião das religiosas com quem João António falou na portaria de santa clara, estava já na terceira via, na unitiva, na purgação do fogo, perto do matrimónio divino, ou identificação com deus. Em semelhante estado não podia falar com João António. Conseguiu ele fazer-lhe chegar à mão uma carta. Angélica não a leu sem que o seu confessor a lesse primeiro, depois a prioresa, depois a escrivã e finalmente ela. O velho esperou dois dias que o papel corresse todas estas chancelarias. Ao terceiro foi-lhe dada a resposta por um padre, onde a porteira o mandou. O diretor espiritual de Angélica louvou muito a delicadeza de João António e a resolução do menino; quanto à licença, facultou-lha em

nome da sua filha espiritual, juntando à licença a bênção da sua mãe, que sobre ser bênção maternal era também bênção de santa.

— Pois muito obrigado a vossa senhoria — disse João António. — O que me não agradou é que isto se demorasse três dias. Pensei que não custava tanto a receber os despachos das santas...

Jacinto de deus e Aquino embarcou em 1843. João António acompanhou-o a viana e viu fazer-se de vela a escuna. Se o ancião chorava, diziam-no as lágrimas caídas no degrau da capela da senhora da agonia, onde ele dobrou os joelhos e permaneceu enquanto enxergou o navio. Aquele menino debruçado sobre o peitoril da escuna, com os olhos na capela, quando já não via o vulto do benfeitor, era jacinto de deus. Chorava de saudades, de arrependimento, de ingratidão! Às palavras consoladoras dos seus tenros amigos e dos passageiros respondia:

— Não o torno a ver! ...

O velho voltou para a sua casa. Aí é que foram as lançadas mais penetrantes. Soledade irremediável! Não tinha

parentes, nem afeições, nem alguém que lhe espertasse recordações dos seus amigos mortos e perdidos. Desconfiou da morte e desejou-a. Orvalhou-lhe o céu, neste aridíssimo desapego da vida, uma lembrança consoladora: e foi, se o seu menino, por ser de compleição débil, voltaria doente para a pátria. Aí começou o velho a pedir forças a deus, a divertir o espírito na lide do seu negócio, a edificar esperanças e a fundi-las em certeza de que o seu menino voltaria breve, afugentado pelos ares doentios do rio de Janeiro.

Recebeu carta no primeiro navio que voltou a Portugal. Alguns caracteres da escrita vinham delidos nas lágrimas. O mocinho confessava o seu pesar de ter ouvido os lisonjeiros convites dos amigos. Era a estranheza dos costumes que lhe contristava tudo. Acolheram-no graciosamente os pais dos condiscípulos; mas bem sabia ele que o começo da sua carreira mercantil ia ser trabalhoso e envilecido, em vista do modo como ele via tratados os que tinham de ser seus companheiros.

João António, ao mesmo passo que lastimava o seu infeliz menino, alegrava-se esperançado na vinda. Foi ter-se com

os brasileiros seus conhecidos, mostrou-lhe a carta, e a todos encarregou de lhe mandar abono de passagem à mesa do capitão, e tudo mais que o menino necessitasse. Dissuadiam — no do intento os ricaços, que tinham começado a explorar a mina do ouro, ensanguentando as mãos nos veios da rocha viva. Admoestavam-no a que não impedisse com funestos conselhos o afazer-se o rapaz aos trabalhos inevitáveis de quem começa. Não o demoveram. Escreveu, aconselhou, pediu, suplicou ao rapaz que voltasse.

Quando a carta chegou ao rio de Janeiro já jacinto de deus se conformara com a sorte comum e algum tanto melhorada pela influência dos seus amigos no ânimo do rico fazendeiro e negociante em cujo serviço ficou.

Assim o dizia ele ao velho, prometendo-lhe, passados alguns anos, vir visitá-lo.

"pois não vens, que vou eu”, disse entre si o septuagenário. E, sem mais pensar nem delongar a partida, vendeu as suas terras e casa em hasta pública, achou que apurara dinheiro com que viver dez anos sossegadamente, e embarcou sem prevenir jacinto.

Saltou na praia; pediu que o guiassem à rua da quitanda, e parou a distância de um armazém de café. Viu centenas de pretos carregando sacos para embarque, e entre eles alguns rapazes brancos, trafegando com os negros. Reconheceu jacinto de deus, sujamente entrajado, denegrido e magro. Marejaram-se-lhe os olhos, e disse de si consigo:

— Que honrado és, menino! E assim é que o tratam amorosamente, como ele dizia na carta. Se tu ali o visses do outro mundo, meu Tomás! Que contas te daria eu da felicidade do teu filho!

Aproximou-se dele; esperou que o visse. Abriu-lhe os braços ao rapaz perplexo, e exclamou:

— Aqui está o velho! Agora posso morrer, como Simeão. Peça ao seu amo que o deixe vir ensinar-me uma estalagem.

Jacinto correu a avisar o patrão. Saiu fora um homem de agradável sombra e conduziu o velho pela mão para sua casa, dizendo-lhe:

— Jacinto contou-me a sua vida e as virtudes do seu benfeitor. A minha casa não cede a ninguém a honra de hospedar o senhor João António. Não lhe faça pena ver o seu órfão a trabalhar entre negros; que eu na minha casa dou-lhe uma cadeira à mesa entre os meus filhos, que são aqueles que vossemecê lá vê fora trabalhando. Cá, fazem-se assim os homens. Na américa é onde mais ressoa o eco da condenação do paraíso terreal: "viverás do suor do teu rosto. " mas é necessário acrescentar o que deus não julgou preciso dizer: "viverás, e serás honrado, do suor do teu rosto. "

CAPÍTULO V

A PENITENTE

Corria o ano de 1855. A exaltação mística de Angélica Florinda tinha subido ao galarim da via unitiva.

Perfizera a secular de santa clara quarenta e cinco anos, com parecenças de sessenta.

A ama, que lhe esmolava a mesada, tinha morrido, legando-lhe com o beneplácito da prelada os seus haveres auferidos no fabrico do doce, os quais avultavam a mais de cinco mil cruzados. Angélica recusou aceitar a herança e pediu, em nome do divino esposo, que a entregassem aos parentes da freira. Observaram-lhe que ela ficava sem pão; interveio o diretor espiritual ordenando-lhe que recebesse o dinheiro. Resistiu a pobre, dizendo que não podia ser perfeita sem sentir a penúria. O confessor argumentava contra os ditames dos santos padres, dispensando-a desta prova suprema de abnegação. Angélica foi inflexível. A herança levou o destino que teria, se a religiosa não dispusesse.

Fintaram-se as freiras para sustentar a virtuosa que lhes celebrava e honorificava o seu convento. Angélica impediu-se de se coletarem, prevenindo-as de que a sua saída do convento eram ordens do divino esposo.

— Mas para onde vai?! — exclamou a consternadíssima prelada.

— Não sei, minha senhora. O divino esposo é que sabe.

Rodearam-na as religiosas, os capelães, os confessores daquele alfobre de santas, já suplicantes, já ameaçando-a de lhe impedirem a saída.

— Os anjos me levarão, se as portas se não abrirem — replicou ela tranquilamente às ameaças.

As religiosas mais reformadas, convencidas do sobrenatural impulso daquela deliberação, desistiram de a estorvar. Não grassava no convento a crença de que os demónios obedeciam a Angélica Florinda? Então que muito, se os anjos a vestissem de asas para a fuga?

Quanto à obediência dos espíritos infernais, era crença bem assentada nas maravilhas que a secular operara sobre algumas possessas e crianças maleficiadas do contacto

diabólico. E, dado que ao perfeito exorcista cumprisse ser sacerdote o diretor espiritual e o consenso unânime das freiras concederam que Angélica exorcizasse, mediante o método do arrábido frei José de jesus maria, frade cujo nome faz concutir as abóbadas do inferno, raivoso da inexorável guerra que lhe fez com o seu método pondo fora de Portugal quantos demónios o infestaram na segunda metade do século XVIII.

Não acoimemos de sandia ou sequer visionária a mulher que atacou impertérrita as legiões luciferinas. Da existência dos espíritos infernais superabundam as provas nos livros sagrados, e em milhares de livros que, postos na geena do eterno fogo, ficaria a sustentar a perpétua assadura dos seus autores.

Manietadas portanto as freiras pelo receio de serem impecáveis às ordens do céu, desembargaram o passo à secular Angélica Florinda, não sem a seguirem, chorosas e clamorosas, até à portaria.

A inspirada, ao despedir-se, pediu a todas de joelhos a sua bênção, e já fora do penetral da portaria, voltou-se para

deem um bocadinho de pão pelo amor de deus à penitente mendiga.

Prorromperam freiras e criadas em altos gritos de pena e edificação de tamanha humildade. Correram todas a trazer-lhe esmolas de pão e dinheiro. Angélica recebeu apenas o pouco de pão necessário para um dia, e caminhou muito de passo, coberta de um capotinho de camelão com mangas, debaixo do qual sobraçava um fardel com alguma roupa branca.

No largo da batalha pediu que lhe — dissessem pelo amor de deus o caminho de basto. Guiaram-na para Valongo. Aqui pernoitou no alpendre de uma capela, onde recebeu a esmola de um caldo, e manta para se agasalhar. Ao abrir da manhã levou a manta ao benfeitor e seguiu jornada. Acompanharam-na até ponte ferreira duas mulheres da casa caritativa que lhe quisera dar boa ceia e cama, e lhe foram perguntando donde era:

— Sou deste vale de lágrimas — respondeu ela. — e como se chama? — a penitente. — para onde vai? — não sei, minhas irmãs em jesus cristo. As duas mulheres voltaram, rezando de parçaria a coroa, que não rezavam,

desde muito, e propalaram na terra que tinha pernoitado em Valongo uma santa.

A seguinte noite velou-a, com intervalos de curto dormir, num lugar chamado torrão. Esmolou albergue no palheiro de um lavrador. Gemeu com dores do frio da noite passada, e consolou-se interiormente deste padecimento novo.

Ao outro dia, por volta da tarde, chegou a S. Pedro de Alvite, à porta da casa onde tinha nascido. Pediu agasalho a uma esbelta rapariga, que devia ser filha do seu irmão.

Era em Novembro. Nevava. Angélica ia transida de frio. Mandaram-na entrar para a cozinha e aquecer-se à fogueira. A volta do toro abraseado estavam doze pessoas. Angélica Florinda encarou em todas e desconfiou que uma das mais velhas devia ser seu irmão. A mulher idosa, que devia ser cunhada, não a conheceu. Fazia neste ano vinte e seis que ela tinha fugido daquela casa. Parecia-lhe, circunvagando os olhos pelas alfaias da cozinha, que tudo estava como ela o deixara. O que ela não via era os dois velhos, seus pais, que se reviam na formosura dela. O mais, tudo. O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do caniço. A mesma trempe de pedra. O mesmo

gomil de estanho com vinho. A amotolia pendurada no mesmo pau bifurcado atrás do lar.

O irmão ainda mostrava um resto das feições da mocidade. Estava gordo, alegre e feliz com os seus muitos filhos.

Perguntou-lhe a pobre se todos eram seus filhos.

— Todos e tenho já três no céu — respondeu ele. — ainda aqui falta uma cachopa, a mais velha, que está doentinha de mal de olhado. Pegou a não comer, a emagrar e chupar-se, que está na pele e osso. Tem bebido tudo quanto há na botica e não sai dali. Está tolhidinha!

— Se fizesse favor de ma mostrar-disse a penitente, nome com que ela respondia a quem quer que lhe perguntava o nome.

Conduzida à cama da tolhida, apenas entrou no quarto, Angélica deu de olhos numa imagem do crucificado. Aquele quarto era o em que ela dormira dezoito anos. A imagem tinha ainda lateralmente umas jarras azuis que Angélica Florinda havia comprado para ter sempre flores da horta ou do monte à sua milagrosa imagem. Quedou-se a contemplar

tudo, e desatou chorando porque não pôde ter as lágrimas e soluços.

O pai e mãe da doente agouraram mal daquele chorar: quanto a eles, a virtuosa pobre tinha santidade de ver o futuro, e para logo adivinhara que a doentinha morreria.

— Vossemecê que vê? — perguntou-lhe o irmão. — a rapariga irá desta?...

Angélica vizinhou da enferma, pediu-lhe a história da sua moléstia, e lhe fez uma enfiada de perguntas, consoante as prescrições que o seu confessor lhe tinha dado traduzidas do ditame VII, de brognolio. (signa certa et evidentia damoníaci.) Respondiam os pais e a doente. Eram sessenta e uma as perguntas do estilo. A exorcista, porém, só em três respostas se deteve esclarecendo-se com outros interrogatórios. Foi uma quando a rapariga disse que sentia às vezes correr-lhe o corpo todo um forte arrepio ou formigueiro, e assim a modo de uma cobra a correr por toda ela. Era de notar esta espécie, porque lá vem marcada no capítulo dos "sinais certos e evidentes de diabrural". A segunda foi dizer a rapariga que não podia esmoer a comida como dantes. Esta anemia de estômago, que hoje se

cura com bismuto e ferro, está também à conta do pobre diabo, no método do arrábido . Foi o terceiro reparo chorar a rapariga sem motivo, e ter zunidos nas orelhas. Isto é também duas diabruras a um tempo 3.

A penitente mandou sair do quarto as doze pessoas que se acotovelavam, e ficou sozinha com a rapariga.

Requereu o espírito imundo. A doente não fez algum sinal de obsessão.

— Pensais que o vosso mal é causado pelo demónio? — ¬perguntou a exorcista.

— Acho que não — respondeu a doente. — tendes alguma paixão de alma?

— Alguma tenho.

— Vossos pais não vos deixam casar, ou pecastes contra a castidade?

— Agora pequei! ... O meu pai não me deixa casar... Ele bem sabe o que eu tenho ... Mas faz-lhe conta dizer que isto é feitiço...

E desatou a chorar ...

— O noivo que vós queríeis porque o não quer vosso pai? — perguntou Angélica.

— Porque ele tem pouco; e o meu pai quer que eu case com um brasileiro velho que tem muito de seu, e eu antes quero morrer.

— Pois, rapariga — é pedir ao nosso senhor que vos dê paciência. Não queirais morrer, que é grande pecado pedir a deus que nos tire a vida para fugirmos aos trabalhos dela. Rezai comigo.

Ajoelhou-se Angélica em frente da escultura de jesus, ao qual, na noite da sua fugida para o porto, pedira que a levasse onde a sua alma se não perdesse.

Feita uma longa oração mental, saiu do quarto. O pai e mãe da doente perguntaram-lhe se tinha remédio a cachopa.

— Dai-lhe vós o remédio, se lhe sabeis a causa da moléstia — respondeu a penitente. — deixai-a casar, se o noivo tem somente o defeito de ter pouco.

— Isso é que não! — acudiu o lavrador. — como ela contou a sua vida depressa! Se quer casar, está aqui marido

que lhe convém, e da nossa escolha. Nada menos que brasileiro...

— Pois deus vos ensine o melhor... — concluiu Angélica. Deram-lhe ceia e boa cama. Da ceia tomou o pão e o caldo. Da cama tirou a manta com que se cobriu sobre o tabuado.

Ao alvorecer da manhã, levantou-se e disse ao dono da casa que, em paga da esmola do agasalho, queria rezar um padre~ — nosso sobre a sepultura dos pais dele.

Admirou-se o filho de francisco da teresa de tão extraordinária piedade em mendiga. Isto não impediu que ele comovido fosse pedir a chave da igreja, onde entrou a mostrar a campa em que o seu pai tinha sido sepultado vinte anos antes, e a mãe seis anos depois do marido.

Angélica prostrou-se com a face na lájea e derramou muitas lágrimas.

— Vossemecê conheceu meus pais?! — perguntou o lavrador, quando ela saiu ao adro.

— Conheci e amei-os muito. — e vossemecê como se chama? — já vos disse que me chamo a penitente. Em seguimento, quis despedir-se de toda a família, foi ao

quarto da doente, disse-lhe das virtudes da conformidade e paciência, consolativos preceitos, e ao sair, voltando-se para o pai, continuou:

— Não a obrigueis a casar com o vosso brasileiro. Se tendes memória de uma desgraça da vossa família, lembrai-vos de que, há muitos anos, vossa irmã Angélica fugiu desta casa, à conta de a quererem casar com um brasileiro, e foi desgraçadinha lá por esse mundo. se o vosso pai a não quisesse obrigar ao casamento, pode ser que ela hoje desse exemplo de virtudes às vossas filhas...

— E vossemecê conheceu minha cunhada?! — atalhou a mulher do lavrador, — conheci essa infeliz mulher.

— Inda será viva? — disse ela. — há anos atrás ouvimos dizer que ela estava muito santinha num convento do porto.

— Isso é falsidade! — respondeu energicamente Angélica. — mulher, tão pecadora neste mundo, só a misericórdia de deus fará que ela não seja eternamente condenada. Santa! Em tão boa hora contrita e penitente. Nunca quisestes saber dela? — perguntou a mendiga ao irmão.

— Agora quis! Meu pai morreu de paixão, quando soube que ela estava de casa e pucarinho com um frade aqui de perto que fugiu da cadeia de Tibães. Não lhe deixou nada no testamento, e disse à hora da morte que me amaldiçoava do céu ou do inferno, se eu a tomasse a receber nesta casa.

— Então fizestes o vosso dever em nunca mais a procurar — aprovou a penitente. — e ficastes-lhe com grande ódio a ela?

— Pudera!, se lhe parece, depois de nos envergonhar com tal vida!

— Pois perdoai-lhe... Eu vos rogo em nome dela que lhe perdoeis para este mundo e para o outro — acudiu Angélica erguendo as mãos.

— Agora isso já lá vai há muitos anos — condescendeu o lavrador. — se ela morreu, deus bem sabe que lhe não tolho à salvação. Vossemecê sabe que ela tinha um filho do tal frade?

— Sim...

— Pois esse rapaz, que esteve aqui em freixieiro com um João António, que foi criado do pai e leigo no mesmo

convento, foi para o brasil e está lá casado muito rico com a filha do patrão. Conheceu-o lá este brasileiro que queria casar com a minha mariana, e diz ele que o sogro do tal rapaz tem mais de dois milhões! ... Há diabos que têm fortuna!

— Porque dizeis diabos? — atalhou Angélica. — o menino que culpa tinha nos crimes e pecados da mãe?

— Isso é verdade! — assentiu a cunhada. — o rapaz não tinha culpa... Deus, que lhe deu boa sorte, lá sabe porque o fez! E, se não fosse o tal João António, quem sabe se ele andaria por aí a guardar cabras! ... São sortes!

— E o tal João António ainda é vivo?-perguntou Angélica.

— Morreu lá no brasil-disse o lavrador. — gostava tanto do rapaz, que vendeu tudo e foi para lá. Contou o tal brasileiro, que me pediu a minha mariana, que ele, no dia em que o rapaz casou, deu à noiva mais de dez mil cruzados em brilhantes...

— Pois ele tinha vendido por mais de doze mil cruzados uns bens que herdou em freixieiro... — acrescentou a mulher.

— Boa alma era então a desse homem... — tomou Angélica. — ora, pois, meus irmãos, ficai-vos com a virgem nossa mãe e auxiliadora. Sede felizes, e não deixeis estar ali tão acabadinha a vossa mariana. Não a obrigueis a casar, e lembrai-vos sempre da vossa irmã Angélica. A paz do nosso senhor jesus cristo seja para sempre nesta casa.

E saiu.

— Vossemecê onde vai hoje ficar? — perguntou o lavrador.

— Não vos sei dizer. — mas que caminho quer levar?

— Nenhum... Vou indo... Por aqui... E separaram-se. — esta velha-disse o lavrador — qualquer hora aparece morta aí pelos caminhos... Deve ter mais de sessenta.

— Isso tem... — confirmou a mulher.

— Ela já conheceu meus pais!... E como ela chorava na igreja! ... Se ela tivesse menos de vinte anos, eu havia de pensar que ela fosse a Angélica! ...

— Agora!, pois eu não me lembra da tua irmã!, ainda era mais nova que eu! ... Se ela vivesse, ainda teria agora

pouco mais de quarenta.

— Pois, não é, não; mas que ela a conheceu, isso é que não tem dúvida. Coitada!, aquilo é uma santinha! Viste como ela disse que a minha irmã estava no inferno?... Foi pena que a mariana não ouvisse aquilo...

CAPÍTULO VI

A BRUXA

Ao caminhar por quinchosos, campos e arvoredos da sua aldeia, e tantas memórias ali renascidas da sua juventude, dos seus amores e saudades, qual seria o sentir da alma de Angélica?

W, passava sem os ver! Era o esquife a transportar o cadáver da peregrina, amantíssima e saudosa rapariga que ali vivera. O espírito que ainda impulsava aquele escarando arcaboiço ia embebido na ideia da perfeição mística pela penúria, na esqualidez da indigência como enfeite e gala de noiva para as núpcias divinas.

Jornadeara o dia inteiro. Anoiteceu-lhe na serra. Confrangeu-a o medo um instante; assim, porém, que a lembrança de ser vista do esposo a visitou na escuridão, fez-se luz de dia do céu à volta da sua alma. Ajoelhou e exclamou:

— Bem vedes a vossa serva, senhor! Mandai-me aqui morrer, se me haveis perdoado!

Cessou o vento rijo e glacial do norte. Começou a nevar. E a penitente, tiritando, falava a deus dulcíssimos colóquios.

Foi-se-lhe como vaporando o aroma dos enlevos ao compasso que a neve enregelava e fendia a uma. Perdeu o acordo da sua mística voluptuosidade por alta noite. Não era a morte: era o milagre da vida represada para não sentir as dores: era a cloroformização do céu.

Ao entreluzir da aurora, passavam almocreves. Viram aquele vulto enconchado entre uma fraga e o côncavo de uma vala. Sacudiram a mulher sopitada: viram-lhe nos olhos luz expirante de vida. Deitaram-na entre uma carga e deixaram-na entregue aos lavradores da primeira aldeia que toparam. A aldeia demorava às abas do monte Córdova, serra que se empina e ondeia com as suas fragosíssimas encostas até à vila de santo tirso.

Seria, porventura, a modorra de Angélica uma "purgação de fogo" como dizem o ascetas? Seria; mas, no verbo

profano do cirurgião que viu a pobrezinha, chamava-se aquele modo de ser um ir-se deste mundo.

Prova da incompetência do cirurgião para entender daquelas fases unitivas, anagógicas, raptos, êxtases, ou o que fossem, é que Angélica não morreu.

Volvidos cinco dias estava em pé, contando aos caridosos abegões da aldeia que não dera tento do seu desmaio nem sabia como fora trazida da serra.

Aqui começou a nomeada da santidade da pobre. Logo veremos como aquele gentio das aldeias do Córdova confundirá a santidade com o bruxedo.

Um quarto de légua distante desta aldeia, chamada caparães, bem no agro e nu da serra, alvejava uma ermida, que as saraivas e sóis tinham descaliçado. Ao pé da ermida erguiam-se três breves lanços de parede, que tinham formado, com o quarto lanço já derruído, uma arribana.

Contavam os lavradores que, no tempo de antigas guerras de Portugal com Espanha, um fidalgo da família dos brandões de coreixas, perseguido por ter atraiçoado a pátria, se escondera ali com hábito de ermitão e lá se finara

santamente. Outros antiquários, mais esgaravatadores de antigualhas, davam como certo e contado de pais a filhos que um rei fugido da boémia viera para aquele ermo chorar os seus pecados, e tão chorados, que um anjo o levou amortalhado nas suas asas, assim que ele rendeu o espírito de qualquer das maneiras, Angélica tão depressa vigorou, subiu ao alcantilado recosto da serra e parou no rossio da capelinha, verdejante de sargaço e urzes. Depois de orar, entrou no pardieiro, e manteve-se quieto perguntando a deus se a deixava acabar seus dias naquele terreal paraíso.

Desceu da serra e começou a pedir esmola para cobrir a casinha sem dono.

Saíram à porfia os lavradores a carrejar vigas e colmaço para reedificarem a choupana. A confluência dos operários foi tal e tamanha que, ao cabo de dois dias, Angélica foi levada como em triunfo entre os lavradores à sua casa. Deram-lhe a chave da capela, desde muitos anos fechada. Petrecharam-lhe a cabana com o essencial para levantar os ossos do chão estreme, e cozinhar um caldo.

Angélica afligia-se com tanta prosperidade, falando humanamente; as delícias divinas da pobre eram o chão

duro, a fome mordente, o frio congelador.

Começaram a procurá-la as doentes da alma e do corpo. Era ano aquele de extraordinária invasão de demónios nos sujos corpos das raparigas dos arredores, em virtude de, no ano antecedente, haverem casado duas energúmenas, cujos diabos tinham fugido, logo que os pais consentiram que elas casassem com outros mais imundos: o que diz em abono do pundonor afidalgado dos primeiros, que tinham sido algum dia asseados anjos.

Com este exemplo, raras casas ficaram sem uma possessa no ano seguinte. E o mais é que souberam enganar a boa-fé e ciência demonífuga de Angélica. Algumas das obsessas tinham todos os característicos infernais assinados por brognolo e pelo arrábido; outras tinham os principais. As endiabradas saíam despejadas do satânico recheio das mãos da exorcista, umas para casarem, outras para levarem valente bordoada dos pais que, a um tempo, pensavam vingar-se delas e do diabo. Tal foi a iniciação da penitente no monte Córdova.

Bem que não possamos tirar a limpo o contra-senso popular de chamarem bruxa à exorcista da serra é sem embargo

certo que a nomeada que ela cobrou, léguas em volta, era aquela, de todo o ponto inconveniente a uma quebrantadora de influências maléficas, bruxedos e feitiçarias, sendo usual, no nosso pais, dar-se a estas milagrosas criaturas os nomes bem cabidos de benzedeiras, e mulheres de virtude.

"bruxa do monte Córdova" era geralmente o nome injusto senão injurioso, com que ela atraía à choupana não só homens, mulheres e crianças endemoninhadas, mas também o gado, ou imundície, como lá dizem, para a todos estes irracionais curar de enfermidades excedentes do alcance das ciências médicas.

Com suas mãos, fabricara Angélica um cruzeiro tosco em frente da capela, e pusera ao lado um banquinho de pedra bruta, sobre duas que lhe serviam de pedestais. Ora dizia-se que, por desoras, a bruxa saía, a evocar dali o demónio, e o colhia às mãos com conjúrios e sortilégios, e o amarrava à cruz, de modo que todas as suas curas prosperavam enquanto o cão tinhoso estivesse preso. Um padre bem-intencionado daqueles sítios foi-lhe perguntar se, de feito,

ela conseguia ter o diabo em prisão. Angélica, mais compadecida que pasmada da pergunta, disse ao padre:

— Se deus omnipotente o deixa em liberdade, como hei de eu, pobre pecadora, prendê-lo?!

Revelou-lhe o sacerdote que o povo lhe chamava "bruxa".

— Que tem isso? — acudiu ela. — tanta razão tem o povo em me chamar bruxa como santa.

Alguns espíritos fortes de santo tirso, informados das irrisórias curas da bruxa do monte Córdova, foram demandá-la com o fito de zombar dela. Angélica Florinda, quando os viu à sua porta, saiu a recebê-los, e disse-lhes:

— Que quereis, senhores? — que tire o diabo do corpo deste nosso companheiro — respondeu um.

Angélica fitou muito atenta no rosto do inculcado energúmeno, e disse-lhes:

— Já é bem ruim espírito o que vos trouxe aqui, senhores. Vindes zombar; escarnecei-me, se quereis, enquanto eu peço a deus que vos livre das más tenções, que também são filhas do inferno.

Os foliões corridos desandaram. De longe, olharam para a capela, e lá viram ainda a bruxa ajoelhada.

CAPÍTULO VII

O BARÃO DE BURGAES

Em 1863, anunciaram as gazetas a venda de uma quinta, chamada de Burgães, no concelho de santo tirso. Concorreu comprador que cobriu o lanço de todos. Poucos dias passados, o diário do governo publicou um decreto, alegando os serviços de humanidade prestados aos seus compatriotas infelizes, no rio de Janeiro, por jacinto de deus e Aquino, e agraciando o benemérito português com o título de barão de Burgães. Logo disseram os licitantes à quinta que o homem à míngua de propriedade, corria o risco de ficar sem título.

O barão de Burgães demorava no porto, com a sua esposa e quatro filhos, desde 1862.

Certo era que, senão saudades, grandíssima generosidade de ânimo o movessem a procurar a sua mãe. Por sobre isto,

lembrou-lhe uma recomendação de João António muitas vezes encarecida nestes termos:

— Se a sua mãe tiver necessidade, lembre-se que o seu pai lhe quis muito.

Mandou pois jacinto de deus perguntar em santa clara se ainda vivia a secular Angélica Florinda. Disse a porteira que essa virtuosa mulher havia já sete anos feitos que tinha saído, sem dizer para onde, nem mandar mais notícias: mas que — disse a religiosa — por uns sinais que tinham dado uns almocreves da terra de uma freira, a pobre Angélica fora encontrada a morrer na neve de uma serra lá para cima e a morrer ou morta a deixaram numa aldeia.

Jacinto ouviu estas informações com sincero pesar; todavia, considerando inúteis outras averiguações, descuidou-se, distraiu-se e esqueceu-se humanissimamente da sua mãe.

Era o brasileiro muito rico e pomposo, esmoler e assinante de todos os periódicos em que o seu nome, coberto das bênçãos dos periodiqueiros, tinha regularmente as honras da primeira local.

Soava, mediante as tubas da imprensa, por longe o seu nome.

Anunciaram-lhe um dia uns parentes que o procuravam. — parentes?! — disse ele, sorrindo espirituosamente-, que entrem os meus parentes.

Atravessaram com medo e espanto os tapetes de três salas um velho e um rapaz. Hesitavam em mexer-se como sentindo-se indignos de pisarem a pelúcia aveludada do pavimento.

Esperava-os o capitalista no seu gabinete. — quem são os senhores? — perguntou ele com a testa enrugada.

— Eu-respondeu o mais velho-, saberá vossa senhoria que sou José pereira de Alvite, irmão da senhora sua mãe; este é meu filho, para lhe dar gosto.

— Muito bem... E onde está a senhora minha mãe? — acho que já morreu.

— Acha, ou tem a certeza? Pois o senhor tem uma irmã e ignora se ela é viva ou morta, estando ela no mesmo país e a distância de poucas léguas? Pelo que vejo, o senhor não se correspondia com ela...

— Nada, não, meu senhor... — porquê?

— A falar verdade, como o outro que diz, nós ficámos de mal quando ela saiu de casa...

— E nunca mais quis saber dela, heim?-tomou o ricaço carregando cada vez mais a carranca.

— Ela estava cá no porto... Com o senhor seu paizinho da vossa senhoria...

— E daí?

— E, como vossa senhoria bem entende, nosso pai tinha lá a sua aquela de honra.

— E daí? — por isso não viemos onde a ela... — e depois que o meu pai morreu? Procuraram-na, perdoaram-lhe, recolheram-na debaixo das telhas onde tinha nascido? Deram-lhe a sua legítima? Trataram de saber se ela tinha fome? Responda a isto, irmão da senhora minha mãe!

— Se ela nos procurasse ... Do que nós comêssemos havia de comer ela.

— Mas não a procuraram ... Não? — isso lá não, meu senhor. — e porque me procuram a mim? — isso... Lá...

Enfim... Vossa senhoria... Como diz lá o ditado...

— Que diz lá o ditado? Que os senhores são uns miseráveis que mereciam ser chibatados por um lacaio? Diz isso o ditado? Rua, seus vilões! Eu sou aquela criança que o senhor irmão da minha mãe conheceu às sopas caritativas de João António, criado do meu pai. Um dia o meu honrado benfeitor passou comigo por vossemecê e disse-lhe: "aqui está o filho da sua irmã." que respondeu o senhor? Recorda — se, seu biltre? Foi isto: "É de má raça. " rua, canalhas!

Os lívidos palermas saíram às recuadas e chegados à rua disseram ambos simultaneamente olhando de esconso com medo dos lacaios:

— Que tal está o ladrão!

Dias depois, anunciou-se outro parente, que apeara de um trem, e trajava casaca, luva cor de pombo e sobretudo dobrado no braço.

— Que espere no pátio — disse o filho de Tomás de Aquino ao escudeiro.

Pedro de Aquino, filho do irmão de Tomás, como recebesse tão disparatado recado, tirou da carteira um bilhete com

armas e disse ao escudeiro:

— Meu primo certamente não sabe quem o procura. Queira entregar-lhe este bilhete.

Volveu o criado. Jacinto de deus leu:

Pedro de Aquino dos Guimarães oliveira leite de barros andrade e castro.

E logo ao escudeiro: — não sei quem é. Entregue-lhe o bilhete. Se ele se espantar da remessa, diga-lhe que entre os nomes das pessoas que me visitam, e eu prezo, não costumo baralhar bilhetes de pessoas a quem não aperto a mão. Em suma, se me quer importunar que me espere no pátio.

Isto foi dito acintemente no patamar da escada, em voz que pedro de Aquino ouviu.

O fidalgo de Alvite saiu vexado dos lacaios que se retiraram como envergonhados do insulto.

Dizia jacinto à esposa: — a família do meu pai é mais infame que a da minha mãe.

O santo, que me livrou da roda dos enjeitados, foi insultado por eles. Se aqui viesse o pai deste homem, mandá-lo-ia azorragar. Assim, ao filho, não sei que generosidade possa haver com ele superior ao desprezo.

Eis aqui a briosa índole do filho do tenente de lanceiros.

CAPÍTULO VIII

COMO ANGÉLICA FLORINDA MORREU

Em Julho deste ano, o barão de Burgães saiu do porto a passar o estio sob os arvoredos da sua quinta.

Além da sua família, acompanhavam-no um casal de velhos: a senhora maria que o tinha criado, e o senhor bento gomes, marido da senhora maria, camarada do seu pai, soldado dos voluntários de d. Maria h, o qual andava morrendo de fome, porque o seu lugar da alfândega lhe tinha sido tirado para galardoar um caceteiro eleitoral.

O barão recolheu-os e denominou-os sua família. À casa de Burgães concorriam os nobres e os ricos daqueles arredores. A baronesa era mais procurada dos pobres, e pagava-lhes a visita com as mãos cheias de consolações, e o coração de alentos. O velho soldado entrava à sala dos hóspedes mais cerimoniosos, e, à meia volta, lá vinha historiando as batalhas da liberdade, desde a primeira dos

Açores até à última da Asseiceira. De permeio, enternecia-se até às lágrimas, quando comemorava as proezas do seu tenente.

Em uma tarde formosa de agosto, umas damas portuenses, hóspedes da baronesa, perguntaram a um cavalheiro de santo tirso onde é que estava por aqueles sítios uma ermitoa que o povo chamava a "bruxa do monte Córdova".

— Oh, minhas senhoras! — respondeu o cavalheiro —, não pensei que chegava ao porto a fama da bruxa do monte Córdova!

— Pois não chega?! — volveu uma dama. — olhe que a mamã, quando o papá esteve a morrer, veio aqui onde está a tal mulher, de propósito, a pedir-lhe que rezasse pela saúde do papá, e...

— E o caso é que o seu papá melhorou, minha senhora — interrompeu o risonho sujeito, que se prezava de ter dois dedos de filosofia, segundo a quantidade em que ela está distribuída em santo tirso.

— Melhorou, sim, senhor. E quer saber mais? A mamã mandou à mulherzinha não sei quantos cruzados novos, e

ela pediu ao criado que lhe desse meio tostão para azeite da lâmpada da capelinha e não quis mais nada.

— Lá pela independência dela fico eu — disse o cavalheiro. — sei que a bruxa não aceita, senão algum bocado de pão e couves para o caldo; e acontece, se tem pão de mais, repartir com os pobres que lá vão consultá-la para doenças, ou pedir-lhe orações; creio isto porque o sei de bons informadores; mas, se a vossa excelência me permite, não acreditarei que ela curou seu papá.

— E porque não? — redarguiu a senhora. — então as orações das pessoas virtuosas não valem nada diante de deus?!

— Como quer que seja — interveio o barão — , essa mulher é curiosidade rara nas da sua profissão. Pelo comum, as benzedeiras, bruxas e mulheres de virtude exploram as vítimas quanto podem.

— Quem me dera vê-la! — ocorreu a baronesa. — isso é facílimo! — disse o cavalheiro de santo tirso. Três quartos de légua de mau caminho pela serra a cima. Tem vossa excelência coragem de assentar-se num jumentinho?

— Ai! — vamos — , conclamaram as damas portuenses. — ó senhora baronesa, vamos, sim? Quem nos dera ver a criatura que pediu a deus pela vida do nosso papá! ...

— Que dizes, jacinto? — perguntou a baronesa.

— Vamos, filha. Prepare-se a cavalgada. Vai o rancho dos pequenos. Vamos todos. Vai a minha ama e o gomes. Às cinco horas da manhã tudo pronto. Olha se dispões o merendeiro, Amália. Lembra-te que o nosso apetite lá na serra não se há de regular pela abstinência da bruxa.

Saíram criados do barão a prevenir as carruagens. As damas com a baronesa foram à capoeira escolher as vitimas. Deitaram-se cedo para madrugar; e à primeira luz da manhã, desfilava a caravana no seguimento do cavalheiro de santo tirso, que ensinava o caminho.

Quando assomaram ao teso da primeira cortina da serra, onde assentava a cabana, viram algumas mulheres maltrapidas à porta da capelinha, com crianças no colo, esperando que a penitente saísse da sua oração extática para lhes benzer os filhos.

O rancho de Burgães ajoelhou diante da ermida, excetuados os dois filhos mais novos que entraram por ali dentro, ladearam a velha muito fitos nela, e fugiram às corrimaças, exclamando:

— Oh!, que velhorra!

O pai chamou-os para si e estorcegou-lhes rijamente as orelhas.

A mãe fez um gesto de magoada e disse aos filhos:

— Sentem-se ali, meninos.

— Não se sentem — emendou o barão — , ajoelhem ao pé dos seus irmãos.

Angélica parecia não ter dado conta da invasão e da risada dos meninos. Deteve-se orando por algum tempo; levantou-se e veio de passo muito vagaroso, e encostada a um bordãozinho, à porta da capela.

Os visitantes levantaram-se e saudaram-na. Ela respondeu à saudação, dizendo:

— Seja louvado nosso senhor jesus cristo! E, voltando-se às mulheres rotas que tinham os filhos, perguntou-lhes:

— Que têm os pequeninos? Deram-lhe conta dos padecimentos das crianças. Angélica tomou um por cada vez nos braços, foi ajoelhar no degrau do altar, orou breve espaço, voltou com o último e disse:

— Estas criancinhas precisavam de melhor alimento, filhas. Vós passais fome, e elas também. Pedi uma esmola a estes senhores; e, se vo-la derem, ide comer alguma coisa mais substancial, e assim dareis melhor sangue a estes enfezadinhos.

A baronesa, que era mãe extremosa, deu todo o dinheiro que levava. O barão esmolou dinheiro que as pobres nunca tinham visto. As senhoras portuenses lastimavam-se de levarem tão pouco. O de santo tirso esmerou-se em agradar, pela liberalidade, a uma das damas. Os pequenos pediam ao pai dinheiro para dar. O soldado de d. Maria, com marcial entono, exclamou:

— Aí vão dois patacos; um por mim, outro pela minha maria. Eu já pedi esmola aos liberais que ajudei a pôr no poleiro, e não me deram outro tanto!

— Bravo, meu gomes! — exclamou o barão. — esses quatro vinténs hão de ser mais pesados na balança de deus que as minhas quatro libras.

— Não que eles realmente pesam mais — disse o veterano a rir.

Nadavam em lágrimas de alegria os quase apagados olhos de Angélica. As três mulheres desciam a montanha rezando em voz alta pela saúde e salvação dos seus benfeitores.

O cavalheiro de santo tirso usou primeiro da palavra dirigindo-se à bruxa:

— Como se chama? — a penitente. — donde é vossemecê? — deste vale de lágrimas. E, a meia voz, disse o cavalheiro ao barão: — nunca responde outra coisa. E disse à velha:

— Estas senhoras vieram aqui para a verem. — não vieram ver-me — disse Angélica Florinda afavelmente — , vieram guiadas pelos anjos para acudirem às mães doutros anjinhos.

— E nós-disse uma das senhoras portuenses — viemos agradecer-lhe as suas orações pela saúde do nosso papá.

Lembra-se de uma senhora que aqui veio do porto há três anos? E que depois lhe mandou um dinheiro, que vossemecê não aceitou?

— Lembro, lembro... Era uma senhora que chorava muito... Como não veria deus tamanha aflição!... Ela ainda está neste vale de lágrimas?

— Está; mas não veio, porque já é velhinha e doente; senão muito gostaria ela de a ver...

— Pois, meus irmãos-disse Angélica retirando-se à choupana-, fiquem com o nosso senhor jesus cristo. Se querem orar, aí está a capelinha; o sol já aperta cá fora e faz mal a quem não está afeito.

Entrou no tugúrio, e sentou-se a molhar em água umas côdeas de broa, o barão postara-se de modo que a entrevia naquele banquetear-se. Pediu-lhe que lhes fizesse companhia ao almoço. Angélica respondeu:

— Muito agradecida. Isto me basta. — mas faça-nos a fineza de almoçar connosco-tornou o barão.

— Não posso, senhor; queira perdoar-me... Voltou o barão ao grupo e disse:

— Tem que estudar e admirar esta mulher! Se não existisse deus, escreveu um filósofo que era necessário inventá-lo: e eu acrescento que era necessário inventá-lo para que algum superior poder desse o prémio a esta mulher noutra vida!

... Há quantos anos está ela aqui?

— Há sete, pouco mais ou menos, já eu aqui vim — disse o cavalheiro de santo tirso. — Éramos uns poucos de tolos que vínhamos gracejar com a velha; mas ela recebeu-nos de modo que nenhum de nós pôde chalacear. Há o que quer que é nesta mulher... Isso é que não há que duvidar...

— Há, talvez, uma coisa bem vulgar! — tomou o barão de Burgães — , uma grande paixão ou um grande crime, não se chama ela a penitente? Aí está... Remorsos fazem maravilhas de virtude. O que mais singular vejo nesta criatura é ignorarem todos donde ela veio! ...

— Se ela não o diz! ...

— Nem se queixaria alguém da falta dela? — perguntou a baronesa.

— Que eu saiba, não, minha senhora. Esta mulher, ao meu ver, é de muito longe — respondeu o cavalheiro.

Os pequenos puxavam pelo fraque ao pai, reclamando o almoço. Aplaudiram todos a petição, e logo se estendeu a toalha à sombra da ermida. Quem servia à mesa com militar pontualidade era o veterano, praguejando às criadas que lhe não forneciam regularmente as vitualhas. A senhora maria, que um tempo fora filósofa, e negava ao avesso de Platão, Sócrates e santas escrituras que existissem demónios, estava agora esperando oportunidade de falar à santa a ver se lhe ensinava coisa que lhe abrisse a vontade de comer. E, de feito, lá se esgueirou da súcia para dentro da choupana, deliberada a fortalecer as suas serôdias crenças com a robustez do estômago, começando assim nele e por ele a renascença da sua fé.

Comido alegremente o almoço, o rancho das senhoras e meninos foi saltitando de fraga em fraga a colher boninas silvestres que ainda, ao resguardo das rochas, cintilavam aljofradas de orvalho.

O barão, a esposa, o cavalheiro e o soldado ficaram a conversar no terreirinho da capela. Maria, já de volta da

choupana, estava comendo com os criados o despojo opimo do almoço, e dizendo:

— Ó mulheres!, aquela criatura é santa! ... Eu disse-lhe que não comia bem; ela disse-me que esperasse pela fome; e eu estou aqui a comer como vocês veem! Parece que me cresceu o bucho!

— Também a nós, sem irmos à santa-disse uma criada ladina, sonegando um borracho assado à mão da velha Maria que pairava sobre ele como milhafre.

O barão pediu ao escudeiro o seu óculo de mar, e esteve circunvendo o dilatado panorama.

— Isto é magnífico! — disse ele. — que riqueza de terra!

Até as montanhas parecem relvedos! O rio ave como que se vai espreguiçando de delicioso por entre os seus arvoredos que se curvam a cortejá-lo!

— O que aí vai de poesia bucólica, meu barão! — exclamou o de santo tirso.

— Aqui, meu amigo, neste Minho, não é habilidade nem mérito ser poeta. Todos estes riachos são Hipocrene e

Aganipe.

— Olhe que essas águas já se não admitem na cozinha dos modernos vates. Agora, as fontes inspiradoras dos poetas descabeçados e descabelados são de conhaque e absinto. Guerra declarada ao olimpo dos velhos e ao senso comum de todas as idades!

— Qual guerra! — saiu dentre umas fragas clamando o veterano. — por aqui não houve guerra que prestasse! Deram-se uns tiritos aí em santo tirso, no dia vinte e oito de Abril de trinta e quatro, e mais nada... Fale-me pracolá pra ponte ferreira, isso sim! — dizia o velho apontando.

— Não foi tanto assim, senhor gomes! — atalhou o cavalheiro. — no dia vinte e oito de Abril, quando o barão de pico de celeiros saiu a repelir as avançadas do José Cardoso, ainda correu sangue que farte. Valente francês trazia dom Miguel no exército!, o coronel puisseux, à frente dos lanceiros, deu acolá em baixo uma linda carga! À distância de seis passos arremessou ele a lança às costas de um sargento, e quando a repuxou já o sargento estava morto. Lá o mataram depois na Asseiceira...

— E morreu bem! — atalhou o voluntário da rainha. — Bravo como um leão! À frente de dois esquadrões que pareciam dez milhões de diabos, atacou-nos a direita da linha que nos pôs os atiradores, lanceiros, reservas e tudo em papos de aranha! E o outro francês que vinha com ele? O coronel Clacy? Que me dizem ao coronel Clacy que dava urros como um touro! Por este lado a vitória foi deles, e pela linha miguelista fora, não se ouvia já senão gritar: vitória! Vitória! Vai nisto o puisseux subiu por uma encosta fora a passo de carga. O caçadores doze estava lá no alto e foi de súpeto apanhado; mas o comandante queirós tinha fígados! Descarga geral! Os dois franceses afocinharam mortos redondamente, e a cavalaria foi como um raio a fugir que levava demo! Então, meus senhores, é que se acabou a guerra... Mas, quando isto foi, já o meu amo estava morto! ... Não sei se foi deus, se o diabo que o não deixou receber a paga de tanta valentia...

O veterano passou o canhão da farda pelos olhos, e prosseguiu, apontando para a serra de baltar:

— Acolá, por acolá fora, é que o meu amo, ainda com uma farda como esta, despejava fogo que parecia uma

granada! Quando ele me disse que estava ferido foi já no fim da batalha... Ainda me lembro de vir ter com ele o senhor Alexandre de sousa Coutinho, que lá morreu no mesmo dia em lisboa, e dizer-lhe: "isso não é nada, rapaz! Estas balas do Miguel são de sebo! Não faças caso dessa arranhadura, Tomás de Aquino! ... " quando o veterano proferiu as derradeiras palavras, assomou à porta da choupana Angélica Florinda, com a mandíbula inferior pendida, a respiração ansiada e os olhos esbugalhados. O soldado, que tinha as costas voltadas contra ela, não viu a velha em que o barão estava reparando atentamente, e continuou:

— O meu amo fazia lá caso da arranhadura! Pois não era para desprezar! Sabe o que ele fez? Seu pai nunca foi à cama, senhor barão. Esteve no hospital porque os cirurgiões o não deixavam sair! ... Caramba!, o senhor Tomás de Aquino, se vivesse hoje, ou tinha quebrado a espada, ou era um dos mais valentes generais do exército português! ...

— Que tem ela?! — perguntou o barão, vendo a penitente caminhar para eles a cambalear, sacudindo os

braços, e articulando palavras convulsas, a baronesa adiantou-se para ela e disse-lhe: — vossemecê que tem, mulherzinha?... Está aflita? — ouvi aqui falar em Tomás de Aquino... — murmurou Angélica.

— Fui eu que falei — disse o veterano. — vossemecê conheceu o senhor Tomás de Aquino?!

— Sim... Conheci... — tartamudeou a penitente, agitando as mãos, que lhe batiam trémulas sobre o seio.

— Conheceu o meu pai?! — disse o barão com interesse e espanto.

— Aqui tem o senhor barão de Burgães, que é filho dele — ocorreu bento gomes.

— Este?, este? — exclamou a velha, apontando no rosto do barão, e crescendo para ele.

— Este, sim... — disse o soldado.

— Este, ó senhor do céu! ?... Este é jacinto de deus?... — sou eu... — tartamudeou o barão sem ainda poder entender o seu alvoroço. — como sabe o meu nome?!

Angélica chegou-se a ele, travou-lhe do braço direito, regaçou-lhe vertiginosamente a manga do fraque, depois a da camisa até cima do cotovelo, examinou as duas iniciais do nome do pai, e exclamou:

É... !, é ele, é meu filho! Este é, meu deus! Ó virgem do céu! — exclamou a baronesa, ajudando a amparar Angélica, desmaiada nos braços quebrantados do esposo. — É tua mãe, jacinto!, encontrámos a tua mãe!.

Talvez, morta!... — disse o barão. — minha mãe! — bradou ele, tocando-lhe na face com os lábios, — minha mãe, não queira morrer agora! ... Amália, pede a deus que me deixe ainda ouvi-la proferir o nome do meu pai...

As senhoras portuenses e os meninos tinham chegado, atraídos pelos brados de todos.

— Vinde cá, meus filhos — exclamou o barão — , vinde beijar a mão da vossa avó que é esta pobre... Ó minha mãe, abra os olhos para ver os seus netos...

O pulso de Angélica ainda batia. O barão mandou todos os criados procurar médicos. Saíram todos a várias localidades dirigidos pelo cavalheiro de santo tirso. O filho

de Tomás de Aquino conduziu a sua mãe à tábua sobre que viu uma manta esfarrapada. Não havia na choupana outro leito. A baronesa mandou tirar das andilhas as almofadas e cobertas. Afofaram-lhe uma camilha, sentou-se à cabeceira o barão, encostando no seu braço esquerdo a cabeça da mãe.

Maria, a ama de jacinto, com as mãos na cabeça, e como empedrada ao lado de Angélica, exclamava:

— Não pode ser! Esta mulher não pode ser a mãe da vossa excelência! Vejam lá que não estivesse ela doidinha, quando disse que era sua mãe... — eu-ajuntou o veterano-ainda não quis dizer nada; mas... A falar o que sinto, não vejo nada que dê ideia da senhora sua mãezinha, senhor barão...

— É minha mãe, e... — exclamou o barão — diz-me deus que é ela... Calem-se, que não vá ela ouvi-los.

Volvidos minutos de silêncio, quebrado apenas pela respiração ofegante de todos, agitou-se Angélica e fez baldado esforço por sentar-se.

— Minha mãe! — disse com muita ternura o filho, colocando-se diante dela, sem a largar dos braços. — diga-me outra vez que eu sou o seu filho... Fale-me do meu pai...

— Ajudem-me a salvá-lo-murmurou com muito compassadas expressões Angélica. — está no fogo do purgatório... Ajudem-me a pedir a deus que o despene . . . Maria ajoelhou-se muito à beira dos olhos dela, e perguntou-lhe:

— Conhece-me?... Angélica deteve-se examiná-la com os olhos meio descerrados e disse:

— Agora... Conheço... Sois a ama do meu... Filho... E o vosso homem?

— Aqui estou, senhora! — saiu o veterano, ajoelhando ao lado da mulher.

— Só ele morreu... — balbuciou Angélica, feita uma curta pausa.

Pouco depois, a cabeça da moribunda escaldava e o sangue batia-lhe velocíssimamente nos pulsos. Era um incêndio febril, a lavareda que pegara nas arestas daquela adelgaçada vida.

Dois facultativos impediram que o barão a transportasse num a cadeira de respaldo, até ao fundo da serra, dando-lhe como inevitável a morte no caminho. Também não se animaram a bruxa do monte Córdova medicá-la energicamente com estímulos cáusticos, por não lhe acharem vitalidade que reagisse. Alvitraram que se esperasse a crise, cuja demora não podia ser longa.

Todos pernoitaram no monte Córdova. Abrigaram-se na capela as senhoras portuenses com os meninos. Na choupana ficaram o barão e os restantes.

Por noite alta, a febre quebrou; mas o aspeto da moribunda, esvaída a cor febril, era já de morta.

Ainda não. Descerrou as pálpebras, reconheceu o filho; apertou-lhe a mão e aconchegou-a dos lábios carbonizados, dizendo em voz clara:

— Os netinhos... Foi a baronesa pressurosa buscar os filhos que dormiam vestidos nos regaços das senhoras. Trouxeram — nos as damas todos quatro no colo, e aproximaram-nos da avó.

Angélica deu-lhes a mão a beijar. As crianças estrouvinhadas esfregavam os olhos, sem darem o maior apreço à triste solenidade do acto.

— Coitadinhos! — murmurou a velha. — aquele... — continuou ela apontando no mais velho, que teria oito anos — , aquele... É muito parecido com o avô ... Conheci-o desde a idade dele...

E fechou os olhos para represar as lágrimas, que transudaram por entre as pestanas.

— Minha querida mãe — disse o barão — , não vá deste mundo sem saber que eu apenas cheguei a Portugal a mandei procurar em santa clara do porto.

Ela acenou ligeiramente; e, após uma ânsia de alguns segundos, disse:

— Perdoa-me, filho... !

O barão, compreendendo a grande e recôndita agonia daquela súplica, rompeu em choro desfeito, exclamando:

— Maldito seja quem me roubou as carícias da minha mãe... E a trouxe a esta penúria!.,.

Ela agitou a mão até lha poder chegar à boca, e disse:

— Filho! ... Eu quis resgatar das penas eternas a alma do teu pai...

Recaiu em letargia. Antemanhã, quando as aves já trinavam sobre o colmaço da ermida, volitando de lá para a choupana, Angélica Florinda cobrou um lampejo de alento e disse:

— Os sacramentos... A este tempo já o vigário da freguesia, como os pobres o avisassem de que estava a ermida e a choupana cheia de fidalgos, tinha subido à serra para examinar o que seria causa a pernoitar gente limpa num sítio tão desabrigado. Enquanto o sacerdote desceu a munir-se dos santos óleos, Angélica disse ao filho:

— Manda-me sepultar na ermida... É só levantar a primeira pedra... A cova já eu a fiz com as minhas mãos...

— Ó minha mãe... — clamou o barão. — a sua santa alma tem muito valor com deus... Peça-lhe que a deixe viver mais alguns anos com o seu filho, com a minha mulher que está ali chorando, e com os seus quatro netinhos... Peça-lhe, minha querida mãe...

— Não... — respondeu ela, com os olhos fitos no arrebol da manhã que via pela fresta da choupana. — agora é tarde... Vou pedir ao senhor... Vou... Mas é a salvação do teu pai... Diz aos teus anjinhos que rezem sempre por ele...

Com alguns intervalos de letargia e aparências de final trespasse decorreram trinta minutos até à chegada da extrema-unção.

Depôs da umbela do ministro do sacramento subia a montanha multidão grande de mulheres, velhos e crianças a entoar o bendito. Os sinos lá em baixo tangiam à agonia nas freguesias circunjacentes ao monte Córdova. Da segunda cortina da serra vinham também descendo os moradores de outros outeiros mais elevados da cordilheira.

Formosíssimo espetáculo de muitas lágrimas! No céu, porém, azul, sereno, e como de festa para receber uma alma, diríeis que transparecia o júbilo interno dos anjos.

Angélica comungou e foi ungida.

Começou o padre lendo as orações da agonia. A moribunda, com a candeia na mão, ainda respondeu à ladainha entoada pelo sacerdote. Depois, chegou o padre às primeiras

palavras da oração: "senhor, não vos lembreis das culpas e desacertos da mocidade... " neste lance, a agonizante pôs os olhos no rosto de cristo, que o filho segurava, chorou uma lágrima e estremeceu instantaneamente. O filho de Angélica Florinda atalhou o padre, que prosseguia na oração, dizendo:

— Está morta!

Esta palavra ouviu-se fora da choupana, porque fora dita num arrancar angustioso.

Soou nas quebradas da serra um longo gemido. Ajoelharam todos, alongando a vista pela amplidão do céu, como se vissem o trânsito luminoso de uma alma. Depois, não quiseram descer da montanha sem beijarem a mão da defunta.

Delicía juvenlutis el ignorantix e jus, quisitmus, non menineris, domine.

CAPÍTULO IX

CONCLUSÃO

A elegante fábrica de santa maria madalena, magnífica e luxuosa capela de monte Córdova, foi ultimada em 1865.

Com paredes paralelas às da choça onde morreu Angélica Florinda, edificou o barão de Burgães uma casa quadrilátera, a qual prende com a capela. No interior deste vistoso miradouro de janelas moçárabes, está intacta a choupana de Angélica. Dentro, não há andaime, nem alfaia: é a cabana, a pobreza guardada num cofre de granito, aformosentado por folhagens e laçarias primorosas. Uma porta de ferro bronzeado abre o passo para um corredor espaçoso que circuita a morada da penitente, e gira entre a choupana e a cantaria exterior, recebendo a luz das janelas circumpostas e de um zimbório que remata a abóbada. A testada deste rico invólucro de pedras toscas é guarnecida em redor de gradaria a fechar a cruz e banquinho que a bruxa do monte Córdova construíra pelas suas mãos.

A capela foi traçada por feição que a sepultura de Angélica Florinda forma parte do pavimento do altar-mor, na mesma pedra que lhe cobre as cinzas, lê-se este epitáfio: a penitente. Mais nada.

A um lado, entre o altarinho lateral e a porta, ressalta meio palmo do chão uma pedra de nove palmos, onde está escrito: jazigo de jacinto de deus Aquino, e a sua família. em frente no outro lado, num a pedra semelhante, lê-se: as cinzas de João António, benfeitor de jacinto de deus.

O barão de Burgães, acabada a sua obra, entregou a guarda e vigilância da capela a um sacerdote pobre de uma aldeia próxima, a quem incumbe nos dias santos sacrificar. Aconselharam-no a que mandasse sufragar quotidianamente as almas dos seus pais e amigos. Reflexionou o filho de Tomás de Aquino que o seu pai tinha sido sufragado por vinte e sete anos de penitência da sua mãe; que deus seria injuriado na sua justiça por quem lhe pedisse que desse a glória a Angélica Florinda; que os seus amigos mortos estavam santificados pela caridade.

Estas razões escandalizaram hereticamente o clero daquelas terras, e marearam o nome limpamente católico

de que, até então, gozara-se o edificador da capela de santa maria madalena.

Feito isto, o barão de Burgães saiu com a sua família para frança a fim de recomeçar a educação intelectual dos seus filhos. A mordomia e feitorização de casa e terras ficou à mercê e probidade do veterano e da senhora maria, cuja piedade ia aumentando na proporção do apetite, que ela atribuí a milagre de Angélica Florinda.

Há dois anos que o barão voltou para Portugal com os dois filhos mais velhos, afora dois nascidos em frança.

Perfaz neste ano trinta e quatro anos o filho do tenente de lanceiros. No vigor da vida, no gozo de vasta riqueza, com um coração cheio de tristes e ao mesmo tempo sublimes memórias, devem os infelizes contar largos anos com a caridade de uma criancinha que há vinte anos aceitava a esmola de duas mulheres, que lhe mataram a fome, e recebia o agasalho de um velho criado do seu pai.

O barão de Burgães conta estes sucessos da sua infância diante dos ricos a fim de que os saibamos pobres, e não hajam acanhamento em pedir a quem desde o berço viveu

de esmolas, até que o trabalho e a honra resgataram-no da dependência.